



**Universidade Federal de Santa Catarina**  
**Centro de Filosofia e Ciências Humanas**  
**Programa de Pós-graduação em Filosofia**

Victor Hugo Vieira

**O impossível de orientar:**

Um estudo teórico-técnico entre psicanálise e psicologia  
a partir de Jacques Lacan e Georges Politzer

**Florianópolis**

**2022**

Victor Hugo Vieira

**O impossível de orientar:**

Um estudo teórico-técnico entre psicanálise e psicologia  
a partir de Jacques Lacan e Georges Politzer

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Filosofia da Universidade Federal de Santa Catarina - Campus Florianópolis para obtenção do título de Mestre em Filosofia na área de concentração em Ontologia.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dra. Carolina de Souza Noto

**Florianópolis**

**2022**

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,  
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Vieira, Victor Hugo

O impossível de orientar : Um estudo teórico-técnico  
entre psicanálise e psicologia a partir de Jacques Lacan e  
Georges Politzer / Victor Hugo Vieira ; orientador,  
Carolina de Souza Noto, 2022.

96 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa  
Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa  
de Pós-Graduação em Filosofia, Florianópolis, 2022.

Inclui referências.

1. Filosofia. 2. Filosofia, Psicanálise; Psicologia;  
Orientação; Sujeito do inconsciente; Eu. I. Souza Noto,  
Carolina de. II. Universidade Federal de Santa Catarina.  
Programa de Pós-Graduação em Filosofia. III. Título.

Victor Hugo Vieira

**O impossível de orientar:** Um estudo teórico-técnico entre psicanálise e psicologia a partir de Jacques Lacan e Georges Politzer.

O presente trabalho em nível de mestrado foi avaliado e aprovado por banca examinadora composta pelos seguintes membros:

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup>. Flávia Letícia Biff Cera  
Escola Brasileira de Psicanálise (EBP)

Prof. Dr. Marcos José Müller  
Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

Certificamos que esta é a **versão original e final** do trabalho de conclusão que foi julgado adequado para obtenção do título de Mestre em Filosofia.

---

Coordenação do Programa de Pós-graduação

---

Orientadora

**Florianópolis**

**2022**

*Dedicado à Maria, Aluisio e Paula*

## AGRADECIMENTOS

Este texto de agradecimento é produto de uma série de encontros que tornaram possível a escrita deste trabalho. Ainda que neste texto tenhamos andado pelas cercanias do impossível, é verdade que talvez nada teria sido feito sem alguns peculiares encontros que me despertam as mais ternas memórias e os mais indizíveis afetos.

À meus pais, meu continente de segurança, Maria Alvina de Borba Vieira e Aluisio Vieira que sempre incentivaram a continuidade de meus estudos, traduzindo este voto em diferentes níveis e esferas. Muito obrigado por tanto apoio e presença.

À Paula Nathalie Nocquet, um encontro ímpar, uma presença absolutamente singular na minha vida, a qual tenho a honra e a sorte de poder chamar de *mi gran amor*. Lhe agradeço toda a paciência, toda a companhia e pelas conversas que não acabam. Como você mesma já se perguntou: “o amor é uma conversa que não acaba?”. Com você, posso dizer que sim. Você me faz continuar perante os impasses. Muito obrigado por me acompanhar. Por continuar. Por amar.

À meus amigos e amigas de toda a vida: Felipe Valêncio Gomes, Pedro Henrique de Oliveira, Thiago Krelling, Beatriz Milléo, Letícia Yamamoto, Vinicius Salfer, Alexandre Furtado, Bernardo Teuber e Noemi Primão que sempre estão por perto e me ajudaram de forma direta ou indireta durante a elaboração da dissertação. À Emília Regina Franzosi, que contribuiu para a própria entrada no mestrado, além de várias conversas durante este processo. À Eduardo Borba, querido primo e fiel companheiro que sempre se faz presente, trazendo consigo incontáveis chistes que lhe são tão característicos. À Felipe Floriano, que para além de ter me ajudado com traduções em língua inglesa, é um amigo que considero familiar. Um laço que evidencia como família não diz respeito só ao laço biológico.

À Carlos Sapelli, que através de seu estilo deixou sua marca em minha trajetória, não só na psicologia, mas seguramente muito mais no que concerne à filosofia e à psicanálise. Muito obrigado por tantos ensinamentos e acolhimento. À Allan Henrique Gomes e Mariana Zobot, que me deram a oportunidade de experimentar a atividade de pesquisa desde minha graduação. Sem dúvida esta vivência foi decisiva para que o espírito científico por aqui permanecesse. À André Cabral, que se mostrou interessado neste projeto desde os primeiros momentos e me fez um gentil convite para apresentar o livro de Politzer no coletivo *Das Unbewusste* - Estudos em Psicanálise. À Rafael Marques Longo, essa amizade que não

poderia ter começado de outra forma. Antes da palavra, estive o ato. Não qualquer um, mas precisamente o ato de entrega de um texto de Freud. Sem muitas explicações. Que esse mal entendido fundamental continue, pois já vi que dele, muito se produz. Muito obrigado pela atenta leitura e troca contínua de ideias em torno disso que nos causa.

À César Skaf, que com a voz e humor tão particular me acompanhou semana após semana durante a longa gestação deste escrito. Ademais, me faz perceber que *mestre* é um significante e que por ter esta natureza, ele é vazio. Entre o *mestre*, os *fundamentos*, a *psicologia* e a *crítica*, não poderia ter aparecido outra coisa, senão um *sujeito*, como mostraram os próprios desígnios deste trabalho.

Aos professores, Dr. Marcos Müller e Dra. Flávia Cera que aceitaram prontamente o convite para banca de qualificação e me brindaram com comentários tão valiosos. Marcos, que com provocações de uma precisão inigualável, descortinou um caminho perante um bosque de interrogações. Flávia, que me apontou outra direção de trabalho quando perguntou: “é possível falar de psicanálise sem seus fundamentos?”. Comentários tão precisos quanto preciosos.

Meu sinceros votos de agradecimento à minha orientadora, Professora Dra. Carolina de Souza Noto, que tive a honra e oportunidade de compartilhar diversas ideias e debates durante o mestrado e antes dele. Decididamente sua disciplina de Filosofia da Psicologia II ocupará um espaço inesquecível no tecido de minhas memórias. Pois, foi nesta ocasião que me deparei com a obra de Georges Politzer, Merleau-Ponty e Michel Foucault transmitida de forma vivaz, aula após aula. Este encontro permitiu-me cambiar totalmente a minha relação com a filosofia que a princípio era algo individual. Isolado. Tal disciplina é a experiência germinal que causou-me o desejo de saber, que foi posto em ato através do delineamento de um projeto de mestrado.

À Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e ao Programa de Pós-graduação em Filosofia (PPGFIL) onde pude vir a saber a partir de Aristóteles, que a filosofia é filha do espanto. Hoje, defino como *espanto* o efeito que em mim se produziu após esta disciplina, a qual permitiu que uma experiência isolada com a filosofia passasse a ser algo compartilhado com outros. Este campo tão vasto que me deparei, certamente me caiu como um caminho sem volta.

## SUMÁRIO

|                 |    |
|-----------------|----|
| INTRODUÇÃO..... | 11 |
|-----------------|----|

### PARTE I

#### CAPÍTULO 1: POLITZER E A CRÍTICA À PSICOLOGIA CLÁSSICA

|                                                                             |    |
|-----------------------------------------------------------------------------|----|
| 1.1 - O sonho como fato psicológico.....                                    | 17 |
| 1.2 - Uma nova orientação.....                                              | 21 |
| 1.3 - Do eu em <i>terceira pessoa</i> ao eu em <i>primeira pessoa</i> ..... | 23 |
| 1.4 - O drama humano.....                                                   | 26 |

#### CAPÍTULO 2: A DUALIDADE DE TENDÊNCIAS

|                                                                 |    |
|-----------------------------------------------------------------|----|
| 2.1 - O sonho da injeção de Irma para Politzer.....             | 32 |
| 2.2 - O abstrato e o concreto na <i>Traumdeutung</i> .....      | 37 |
| 2.3 - Compreender <i>versus</i> explicar: duas orientações..... | 40 |
| 2.4 - Esquemas dramáticos.....                                  | 45 |

### PARTE II

#### CAPÍTULO 3: LACAN E A CRÍTICA À PSICOLOGIA DO EU

|                                                                     |    |
|---------------------------------------------------------------------|----|
| 3.1 - O esquecimento do princípio do descentramento do sujeito..... | 51 |
| 3.2 - Politzer e Lacan, leitores de Freud.....                      | 54 |
| 3.3 - Quando o eu é dono na própria casa.....                       | 57 |

#### CAPÍTULO 4: O EU NÃO É O SUJEITO

|                                                                                |    |
|--------------------------------------------------------------------------------|----|
| 4.1 - O eu na teoria de Freud.....                                             | 63 |
| 4.2 - Porque Lacan não é abstrato?.....                                        | 67 |
| 4.3 - Drama e estrutura.....                                                   | 72 |
| 4.4 - O sonho da injeção de Irma para Lacan: imaginário, real e simbólico..... | 74 |
| 4.5 - Politzer e Lacan: Inconsciente sem <i>vida interior</i> .....            | 80 |
| 4.6 - Do sentido ao umbigo dos sonhos.....                                     | 84 |

|                           |    |
|---------------------------|----|
| CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 87 |
|---------------------------|----|

|                  |    |
|------------------|----|
| REFERÊNCIAS..... | 93 |
|------------------|----|



## RESUMO

Esta pesquisa parte da hipótese de que a psicanálise possui uma orientação em termos teóricos e técnicos. Para desenvolver isso, propõe-se uma pesquisa de caráter bibliográfico a partir do método de leitura estrutural de tipo comparativo. Neste enquadre, a *Crítica dos fundamentos da psicologia* de Georges Politzer e os *Seminários 1, 2 e 11* de Jacques Lacan constituem a principal cúpula de textos que foram selecionados para a construção deste estudo. Através das teses sobre o sonho dos respectivos autores e da recuperação de suas críticas à psicologia, procurou-se comparar e avaliar suas convergências e divergências. A saber, ambos autores realizaram uma reflexão sobre a *Die Traumdeutung* de Sigmund Freud, e em especial do segundo capítulo desta obra em que Freud apresenta o seu sonho da injeção de Irma. Desta forma, o célebre sonho mostrou-se como um ponto de baliza privilegiado para realizarmos os objetivos desta pesquisa. Portanto, a partir de tais obras demonstraremos como cada autor propôs uma orientação distinta para a psicanálise e conseqüentemente divergiram no que tange à concepção de sujeito (*je*).

**Palavras-chave:** Psicanálise; Psicologia; Orientação; Sujeito do inconsciente; Eu.

## ABSTRACT

This research begins with the hypothesis that psychoanalysis has an orientation in theoretical and technical terms. In order to develop this hypothesis, we propose a bibliographic research based on the structural reading method of comparative type. In this context, Georges Politzer's *Critique of the foundations of psychology* and Jacques Lacan's *Seminars 1, 2 and 11* constitute the summit of texts that were selected for the construction of this study. Through the exposition of the theses of the aforementioned authors and the recovery of their criticisms of psychology, we sought to compare and evaluate their convergences and divergences. Taking it into account, both authors carried out a reflection on Sigmund Freud's *Die Traumdeutung*, and especially on the second chapter of this work, in which Freud presents his dream of Irma's injection. In such manner, the acclaimed dream proved to be a privileged point of reference for achieving the objectives of this research. Therefore, from such works we will demonstrate how each author proposed a different orientation for psychoanalysis and consequently diverged regarding the concept of subject (*je*).

**Keywords:** Psychoanalysis, Psychology, Orientation, Subject of the unconscious, Ego.

## NOTA SOBRE TRADUÇÕES

Na *Crítica os fundamentos da psicologia* (1928) de Politzer, traduzida por Conceição Jardim e Eduardo Lucio Nogueira, os autores adotaram a seguinte tradução, do francês para o português:

Je = eu (em *primeira pessoa*).

Moi = eu (em *terceira pessoa*).

Tanto no *Seminário 2: O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise* (1954), traduzido por Marie Christine Laznik Penot e Antonio Luiz Quinet de Andrade quanto nos *Escritos* (1901-1981) de Lacan traduzido por Vera Ribeiro, tais tradutores partiram do francês para o português, mantendo este consenso:

Je = [eu], sujeito do inconsciente.

Moi = eu, ego, eu imaginário.

Ça = Es = isso.

Na *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, James Strachey (1996) traduziu do alemão para o inglês:

Es = id.

Ich = ego

*“Com seus barretes de dormir e com os trapos de seu roupão de noite  
ele remenda as falhas do edifício do universo”.*  
(HEINE apud FREUD, 1996, p. 157)

## INTRODUÇÃO

O que orienta a psicanálise em termos teórico-técnicos? Esta é a interrogação que conduz este trabalho do início ao fim. Seria um conceito específico? Uma ontologia? Uma tendência de pensamento? Desta primeira pergunta, ramifica-se uma hipótese: algo orienta a psicanálise. Trata-se portanto, de tentar nomear o quê. Tentaremos responder a isso, com o auxílio de obras e comentários de dois exímios leitores de Sigmund Freud. Num primeiro momento contaremos com a *Critique des fondements de la psychologie* (1928) do filósofo húngaro, Georges Politzer (1903-1942). Logo depois, passaremos a um segundo momento em que as contribuições de Jacques Lacan (1901-1981) entre 1938 até 1964 nos auxiliarão perante o problema proposto.

A leitura da *Crítica* de Politzer produz um efeito de estranhamento acompanhado de certa familiaridade ao leitor ambientado com a obra de Lacan. Certamente esse engodo produzido pela leitura, com o passar das páginas é transformado em apreciação. Pode-se dizer que justamente este estranhamento foi a experiência definitiva para que se fosse tomada a decisão de construir um projeto de pesquisa ao redor destes autores. No início da pesquisa, Politzer e Lacan pareciam estar desconectados entre si. Naquele momento primário, nada indicava uma correlação entre os dois. Nada além do fato de que ambos haviam construído leituras brilhantes da obra de Freud.

Neste sentido, certamente três pilares foram o ponto de partida que possibilitaram a construção deste projeto: 1) a leitura da *Crítica dos fundamentos da psicologia* (1928), que nos apresenta uma crítica à psicologia clássica, assim como uma crítica à psicanálise a partir da *Die Traumdeutung* (1900) de Freud, 2) o livro *Psicanálise e Surrealismo: Lacan, o passador de Politzer* (2007) de Márcio de Mariguela que coloca-se como uma ponte entre Politzer e Lacan e 3) os artigos de Bento Prado Jr, Georges Politzer: *Sessenta anos da Crítica dos fundamentos da psicologia* (1990) e o prefácio da *Crítica* de Politzer publicada pela editora UNIMEP em 1998, escrito por Osmar Faria Gabbi Jr que privilegia um comentário sobre o texto de Politzer e mencionam certos pontos de encontro com a obra de Lacan.

Não poderíamos deixar de sublinhar que o trabalho de Mariguela (2007) foi de importância capital para a construção deste projeto, uma vez que é um dos poucos livros no Brasil que se propõem a debater especificamente a relação de Lacan com Politzer. Tal obra tem em seu escopo de interesses como o pensamento do segundo foi recepcionado pelo

primeiro. Mariguela (2007) expôs de forma elegante o contexto da intelectualidade parisiense a partir da primeira década do século XX, que foi o solo fértil habitado pelo movimento surrealista, pela psiquiatria clássica, por filósofos e literatos dentre os quais encontrava-se o crítico da psicologia que foi descrito por Mariguela (2017, p. 15) como autor do livro responsável pela implantação da psicanálise na França. Sua ideia era estabelecer um ponto de referência para construir uma genealogia da relação Lacan-Politzer. Para tanto, o autor escolheu *Da psicose paranoica em suas relações com a personalidade* (1932) ou seja, a tese de doutorado de Lacan. Tal tese é marcada pela presença impregnante de Politzer na estruturação dos argumentos de Lacan e sobretudo na construção do caso clínico apresentado pelo jovem psiquiatra em sua concepção sobre a psicose paranóica, o caso Aimée. Sem embargo, *Psicanálise e Surrealismo: Lacan, o passador de Politzer* (2017) foi um livro fundamental para a construção deste projeto em termos históricos e conceituais. Foi a obra que ofereceu um caminho possível para a articulação entre a filosofia de Politzer e a psicanálise pela letra de Lacan. Mariguela (2007, p. 121) chega mesmo a afirmar que: “o ensaio de 1928 representou a primeira leitura filosófica da *Traumdeutung*”. Além disso, Silveira (2015, p. 381) indica que a *Crítica* de Politzer funda a filosofia da psicanálise na França.

Contamos também com os comentários de Bleger (1966), Roudinesco (1988), Roudinesco & Plon (1998), Bianco (2016), Bruyeron (2016), Barbaras (2016) e Simanke (2002) a respeito da obra de Politzer. Para os comentários sobre Freud, as linhas de Garcia-Roza (1895), Gay (1989), Strachey (1996) e Monzani (1989) contribuíram para compor tal enredo. E por fim, os comentadores de Lacan foram, Roudinesco (1988), Roudinesco & Plon (1998), Fink (1998), Simanke (2002), Barreto & Iannini (2017), Miller (2014) e em certa medida Bianco (2016).

No que concerne aos textos principais da dissertação, temos de início a *Critique* de Politzer que é apresentada na primeira parte, para que o leitor possa familiarizar-se com este provocante ensaio e ver nele a resposta de Politzer perante o problema de pesquisa proposto. Sucintamente falando, para o filósofo, o que orienta a psicanálise é uma tendência de psicologia, denominada por ele de *psicologia concreta*. Tal tendência foi identificada pelo crítico da psicologia na *Die traumdeutung* (1900) de Freud. *La psychologie concrète* foi qualificada por Politzer como uma vertente antagônica em relação à *psicologia clássica*, que

pode ser entendida como toda a psicologia dos cinquenta anos precedentes à publicação de sua obra. Tal antagonismo revela-se de que forma? Precisamente, nas concepções que cada psicologia produziu em torno da noção de eu. A concreta versa sobre um eu em *primeira pessoa*, enquanto que a clássica teoriza sobre um eu em *terceira pessoa*. Isso tem como consequência, orientações completamente distintas para os respectivos programas.

Num segundo momento, adentrarmos nos seminários de Lacan, que dentre tantos optamos pela escolha do *Séminaire I: Les écrits techniques de Freud* (1953), *Séminaire 2: Le moi dans la théorie de Freud et dans la technique* (1954) e *Séminaire 11: Les quatre concepts fondamentaux de la psychanalyse* (1964). Alguns textos dos *Écrits* (1901-1981) e o seu *Les complexes familiaux dans la formation de l'individu* (1938) foram postos em segundo plano, utilizados como suplementares para a construção da pesquisa. O que tais textos tem em comum e por que foram escolhidos para compor a cúpula do presente estudo?

Primeiramente, os três seminários escolhidos de Lacan e a *Crítica* de Politzer oferecem respostas sobre o quê orienta a psicanálise nos termos que nos interessam. O livro de Politzer faz uma reflexão teórica sobre a psicanálise, para pensar suas consequências técnicas. Por sua vez, Lacan no início de seu *primeiro ensino* — entre 1953 e 1954 — refletiu sobre questões teóricas e técnicas na obra de Freud. Enquanto que em 1964, Lacan avalia a psicanálise desde os seus fundamentos, tal como interessou também ao filósofo. Mais além disso, tais textos referidos, cada um à sua medida, comentam um livro específico de Freud. Qual? Se considerarmos que tal texto freudiano ocupa um maior enfoque do texto de Politzer e um papel mais adjacente nos seminários de Lacan, temos condições de apontar que cada autor à sua medida realiza um comentário sobre a obra mestra de Freud, *Die Traumdeutung* (1900).

Com isto, foi possível compararmos a leitura que tais autores desenvolveram sobre este livro e em especial do célebre sonho de Freud, apresentado no capítulo II: o sonho da injeção de Irma. Este enigma onírico, descrito e analisado por seu sonhador serviu-nos como terreno para assentarmos certas definições que possibilitaram uma comparação entre Politzer e Lacan, que por um lado se aproximam, por outro se separam decisivamente. Mais do que uma diferença de leituras, o que se revela é uma diferença de orientação. Ora, se a partir deles tentamos encontrar respostas sobre o que orienta a psicanálise em termos teórico-técnicos, encontramos também, o que orienta cada um deles em suas leituras sobre a psicanálise.

Dentre as diversas suturas entre ambos, um ponto revelou-se comum e tonificante: ambos partem de uma *crítica* à psicologia. Politzer em especial à *psicologia clássica* e Lacan a faz em relação à *psicologia do eu*. Teriam tais psicologias algo em comum? Dentro das devidas proporções, pretendemos demonstrar que sim. Pois, apesar de tais escolas de psicologia pertencerem a tempos diferentes, ambas mantiveram um eixo inabalado: a centralidade do eu em seu sistema teórico-técnico. Teria a psicologia concreta politzeriana mantido o eu no centro de seu programa?

A *Crítica dos fundamentos da psicologia* (1928) é um ensaio que diagnostica a situação da psicologia desde a sua fundação em 1879 com Wundt até 1928. Seu autor presta-se da psicanálise como instrumento crítico contra a psicologia clássica, para extrair desta última, seus procedimentos fundamentais: *realismo, formalismo e abstração*. Feito isso, Politzer utiliza tais categorias e promove uma crítica interna sobre a própria psicanálise, que em parte havia fundado uma nova orientação de psicologia, mas não sem recorrer a certos recursos da velha psicologia. Politzer afirma que isso constitui um erro crasso de Freud. Frente a isso, ele defende uma *nova orientação* para a psicanálise, para que ela se torne uma *verdadeira psicologia* que significa dizer, uma psicologia que se inscreva somente no plano concreto tanto na teoria quanto na técnica. Nesta direção, seu programa crítico arvora em uma derrubada sistemática da psicologia clássica em si, e dos seus resquícios no interior da psicanálise.

Se Politzer oferece-nos as categorias de *concreto* e *abstrato* expressas como tendências de psicologia para pensarmos o que orienta a psicanálise, quanto às contribuições advindas a partir do ensino de Jacques Lacan, o psicanalista francês nos apresenta outro caminho, a partir de três sistemas de referência: o *imaginário*, o *simbólico* e o *real*. Lacan (2009, p. 101) considera tais categorias imprescindíveis para compreender a técnica e a experiência freudiana. Conveniente dizer também que a partir das mesmas categorias, Lacan realizou um comentário sobre o sonho da injeção de Irma. Sendo assim, buscaremos respostas sobre o que orienta a psicanálise.

Ora, se olhamos em uma direção, avistamos que Politzer e Lacan oferecem termos diferentes perante nosso problema de pesquisa, porém, se olhamos desde outro ângulo há um ponto que os liga: ambos produziram uma reflexão entorno do que seria o eu (*moi*) e do que seria o sujeito (*je*). Dessarte, se perante nós tal caminho se abre, trataremos de expor o sentido



que cada autor atribuiu a estes conceitos e as consequências respectivas que tais leituras produziram em suas obras, e por fim, como tais linhas de orientação produziram o que ambos entendem por *psicanálise*. Neste cenário o sonho da injeção de Irma se mostrou um solo fértil para exposição deste exame.

Traçados os caminhos, ditos os nomes e estabelecidos os recortes temporais necessários, resta-nos apenas adentrarmos neste terreno clivoso que fora desenhado. Politzer nos diz: um caminho é *concreto* o outro é *abstrato*. Lacan nos diz: um caminho é *simbólico*, o outro é *imaginário*, tendo ainda uma outra pequena vereda chamada por ele de *real*. Ficamos assim com a pergunta de Freud (1996, p. 157) quando deparou-se com diferentes caminhos em sua perscrutação rumo as ruínas do Inconsciente. Afinal: “Por onde vocês querem ir?”.

*“A psicologia é uma faca de dois gumes”.*  
(DOSTOIÉVSKI apud FREUD, 1996, p. 260)

## PARTE 1

### CAPÍTULO 1: POLITZER E A CRÍTICA À PSICOLOGIA CLÁSSICA

#### 1.1 O sonho como fato psicológico

“O sonho é a realização de um desejo” afirmou Freud (1996, p. 157) na virada do século XIX para o XX. Para Politzer, na história da psicologia essa afirmação representa um novo entendimento sobre o estatuto sonho, que até então não era entendido como um *fato psicológico* que carregava consigo uma significação pessoal do sonhador, mas sim como mero fato orgânico e impessoal. O sonho era então, apenas efeito de uma atividade neurológica, sem sentido e sem ligação com a experiência do sonhador. Essa célebre passagem foi escrita por Freud em *Die traumdeutung* (1900)<sup>1</sup>, obra fundacional da psicanálise que captou a atenção Politzer, que por sua vez desenvolveu um ensaio intrigante denominado *Crítica dos fundamentos da psicologia* (1928)<sup>2</sup>. Trata-se de um texto em que o autor propôs refletir sobre os fundamentos da psicologia clássica, assim como sobre os fundamentos utilizados por Freud na construção da psicanálise até o momento da publicação de seu ensaio. Seu empreendimento consistiu em demonstrar como certos princípios teóricos produziram uma série de dualidades fundamentais na história da psicologia e no âmago da psicanálise. Para ele, conseqüentemente esse mesmo traço dual iria ser impresso na concepção de Inconsciente em Freud.

Segundo Roudinesco (1998, p. 78), a *Crítica* pretendia ser apenas um início. Seria o primeiro tomo de um projeto o qual ele denominou como *Matériaux pour la critique des fondements de la psychologie*, em que ele pretendeu trabalhar: no primeiro tomo a *psicanálise*, no segundo a *teoria da gestalt* e no terceiro e último o *behaviorismo*. Ainda assim, Roudinesco (1998, p. 78) explicou que: “essa coisa já gigantesca, Politzer a apresenta como preliminar a um estudo de crítica propriamente dita, que deveria se chamar *Essai critique sur les fondements de la psychologie*”. Porém, tal como os dois últimos volumes dos *Matériaux*, esse trabalho crítico mais extenso jamais seria escrito, salvo a *Crítica*. Texto que então, foi o primeiro e único ensaio publicado deste amplo projeto do filósofo.

---

<sup>1</sup> Publicado pela Editora *Imago* como *A interpretação dos sonhos* (1900).

<sup>2</sup> Obra escrita originalmente em francês com o título *Critique des fondements de la psychologie* (1928). O autor húngaro desembarcou em Paris por volta de 1922 após ter morado em Budapeste e Viena tendo participado da *Sociedade Psicanalítica das Quartas-feiras*, indicado por outro discípulo, Sándor Ferenczi, como afirmou Mariguela (2007, p. 108).

Intencionado a justificar a escolha da *Traumdeutung* como texto em que ele iria debruçar-se para investigar escrupulosamente a psicanálise, o jovem filósofo explica: “Mas como a análise deve ser rigorosa, e como deve detectar a forma como se elabora e constrói a psicanálise, pensamos que o melhor seria estudar a teoria do sonho.” (POLITZER, 1975, p. 43) e continua citando Freud:

O próprio Freud afirma: ‘a psicanálise repousa sobre a teoria do sonho; a teoria psicanalítica do sonho representa a parte mais acabada desta jovem ciência’. Por outro lado, é na *Traumdeutung* que melhor se vê o sentido da psicanálise e que são postos a nu com um cuidado e uma clareza extraordinárias os seus procedimentos constitutivos. (POLITZER, 1975, p. 43)

Politzer visualizou nesta obra paradigmática certos conceitos que iriam lhe servir instrumentalmente para investigar o cenário da psicologia de sua época e também anterior a ele. A essa psicologia do século XIX — criada a partir de Wilhelm Wundt (1832-1920) em 1879 — ele nomeou-a de *psicologia clássica*. Politzer (1975, p. 60) cita em sua *Crítica*, durante o desenvolvimento de seu texto autores como Watson (behaviorismo) e Bechtherev (psicoreflexologia) com a intenção de apresentar a lógica operante nestes tipos de psicologias que surgiram após Wundt. Primeiramente faz objeções diretas contra Wundt, atacando seu método: a *introspecção*. Nesta análise escrupulosa, Politzer (1975, p. 60) retira aquilo que ele definiu como: 1) pontos de vista (*point de vue*) e 2) procedimentos fundamentais (*démarches fondamentales*) da psicologia wundtiana clássica:

a) a *abstração*.

b) o *formalismo*.

c) o *realismo*.

Assim, tendo desenhado as atitudes centrais desta psicologia, Politzer nota que tanto Watson, quanto Bechtherev, tentaram contribuir com avanços para o campo da psicologia. Porém, acabaram por ser apenas variantes da mesma psicologia abstrata de Wundt: “Isto explica o facto, hoje reconhecido, de todas as psicologias ‘científicas’ ulteriores a Wundt não passarem de disfarces da psicologia clássica”. (POLITZER, 1975, p. 19)

No primeiro capítulo do livro em questão, o autor explicou que a *abstração* “constitui o procedimento fundamental de toda psicologia clássica” (POLITZER, 1975, p. 60). Segundo Politzer, a abstração é característica por leituras mecanicistas do homem, que afastando-se de

um entendimento pessoalizado do plano psicológico, rumo a uma perspectiva que tratava fatos psicológicos como *coisas*. De acordo com o filósofo, as psicologias clássicas partem das ciências naturais como estratégia de explicação dos fenômenos psíquicos.

Neste momento histórico a psicologia se restringia a uma psicologia praticada em laboratórios, centrada em observações experimentais que serviriam como protótipos a serem utilizados como evidências para a explicação naturalista da realidade psicológica. Por este motivo, o modo de pensar os processos psicológicos eram descritos apenas em termos *formais*, ou seja: em termos que não se preocupam com a singularidade de cada experiência. Contenta-se em descrever o funcionamento geral desta classe de fenômenos.

Sobre a perspectiva *formal*, Politzer (1975, p. 57) elucida-a explicando como seria conceber o sonho a partir deste ponto de vista: “Chamamo-lhes formal porque não dá qualquer atenção à individualidade do sonho fornecida pelo sentido (...)”. Um exemplo disso, encontra-se no primeiro capítulo da *Interpretação dos sonhos* (1900) de Freud, em que o autor se dispôs a revisar a literatura científica que trata sobre o problema dos sonhos. Em um trecho em que Freud discutia a ligação do sonho com a vida de vigília do sonhador, ele citou Binz (1878), que elucida precisamente uma concepção formalista:

Por que a consciência, nos sonhos, recebe com tanta frequência a impressão de imagens mnêmicas indiferentes, enquanto as células cerebrais, justamente onde trazem as marcas mais sensíveis do que se experimentou, permanecem, em sua maioria, silenciosas e inertes a menos que tenham sido incitadas a uma nova atividade pouco antes, durante a vida de vigília? (BINZ apud FREUD, 1996, p. 56)

Em resumo, a citação mostra que Binz entende o sonho como um produto de complexos neurológicos, “células cerebrais”, “imagens mnêmicas”, que agem entre si. Neste caso, o sonho é apresentado como produto de uma junção de imagens mnêmicas aleatórias e sem sentido. Apenas um efeito reflexo. Freud (1996, p. 49) por outro lado, optou por assegurar-se no relato do sonho feito pelo sonhador. Ele entendia que o relato do sonho não é constituído de memórias aleatórias, e desta forma, são nelas que o sentido e a singularidade residem.

Assim sendo, Politzer critica o uso do *formalismo* e da *abstração* como meio de redução de fatos psicológicos, pois eles juntos produzem um entendimento de tais fatos como desconectados da história do sujeito que o vivencia. Isso ao seu ver, torna-se um problema para a psicologia. Pois, ao invés de se ocupar com o sentido singular que o fato psicológico pode ter para o sujeito, a psicologia clássica abstrai o ponto de vista do sentido singular das

vivências. Toma os eventos psicológicos como objetos desprovidos de sentido, que têm uma forma geral de funcionamento, como se fosse algo comum a todos e passível de ser conhecido de forma igualitária. Produz-se assim, o *realismo* psicológico. Politzer (1975, p. 128) o definiu dizendo que:

O realismo consiste no desdobramento do significado convencional, quer dizer, na sua projeção interior. O problema do sentido é assim eliminado de uma vez por todas, porque a realidade psicológica pertence precisamente ao significado convencional (...)

Em outras palavras, ele quer dizer que o realismo opera interditando a possibilidade da elaboração de um sentido singular por parte do sujeito. Desta forma destitui-se qualquer possibilidade de elaboração de um significado singular para além daquelas imagens mnêmicas que se manifestam no sonho. Exclui-se a possibilidade do sonho ter um sentido psicológico singular. Ainda sobre isso, Simanke (2002, p.166) ao comentar a crítica de Politzer especifica que a postura realista “trata os fatos psicológicos como coisas”, com a intenção de responder aos requisitos de uma suposta objetividade científica.

Assim, estes três aliados: o *formalismo*, a *abstração* e o *realismo* formam o quadro dos procedimentos fundamentais da psicologia clássica, segundo Politzer (1976, p. 101). Porém, por outro lado, Politzer concedeu à abstração um lugar privilegiado entre os outros, chamando-a igualmente de “procedimento fundamental de toda psicologia clássica”. (POLITZER 1975, p. 60) Considera-se então que, a abstração seria uma espécie de núcleo da psicologia clássica na medida em que o formalismo e o realismo dependem dela para o processo de “impessoalização” de fatos psicológicos.

Podemos notar que o ataque de Politzer contra a psicologia clássica, se assemelha com as posturas de Freud, que também criticou escolas de psicologia do século XIX. Para Politzer, como vimos, tais psicologias, eram estritamente laboratoriais/experimentais e pautadas em fundamentos mecanicistas. Nota-se certa semelhança entre a psicologia clássica descrita por Politzer e a *psicologia acadêmica* descrita por Freud (1996, p. 190), em *A questão da análise leiga* (1926) enquanto este debatia sobre o significado oculto dos sonhos:

A psicologia acadêmica jamais foi capaz de nos informar qual é esse significado. Ela nada pode inferir dos sonhos. Se tentasse produzir explicações, estas seriam não-psicológicas – como remontá-las a estímulos sensoriais ou a uma profundidade desigual de sono em diferentes partes do cérebro, e assim por diante.

É neste ínterim, que Politzer (1975, p. 49) reconhecerá que a tese de Freud sobre os sonhos constituiu o terreno das “descobertas verdadeiras” e neste caso “a descoberta do

sentido dos sonhos é uma delas. Quero dizer, a descoberta no sentido concreto e individual do sonho”. (POLITZER, 1975, p. 49)<sup>3</sup>

Pois bem, é importante esclarecermos então, do que trata-se quando falarmos em perspectiva *impessoal* ou perspectiva *concreta* e quando falarmos em drama em *primeira pessoa (je)* e em processo em *terceira pessoa (moi)* conforme o sentido aplicado por Politzer. Examinemos desde então, o que isso tem a ver com a psicologia concreta e com a psicologia clássica que serão apresentadas neste texto.

## 1.2 - Uma nova orientação

Politzer (1975, p. 9) tratou de sinalizar cedo aos seus leitores que no horizonte de sua crítica ele não pretendia realizar uma apresentação nem “dar uma ideia global ou parcial da psicanálise de forma dogmática”, mas sim, que ele iria “refletir sobre ela do nosso [seu]<sup>4</sup> *ponto de vista*”, sendo este, um detalhe a ser posto em relevo. Antes de mais nada, Politzer (1975, p. 9) lançou que seu escrito era uma *reflexão pessoal* e por esta razão, interessava-lhe delimitar que sua avaliação seria a partir do seu olhar, tensionando os limites dos conceitos psicanalíticos que iria utilizar-se. Por este motivo, afastou-se de uma mera apresentação protocolar da obra de Freud. Categoricamente expôs que: “Posto assim o problema, o facto de as nossas fórmulas não serem exclusivas ou virem mais tarde a revelar-se inadequadas não tem qualquer importância, pois de momento não é de formulações que se trata mas de uma nova orientação”. (POLITZER, 1975, p. 13) Com efeito, o tom de seus comentários foram construídos exatamente neste enquadramento desde o início ao fim da *Crítica*. Seu objetivo era uma *nova orientação* antes de proposições imutáveis.

Desta forma, já no primeiro capítulo o autor introduz o ponto que estruturará seu trabalho: a oposição entre a psicologia clássica e a psicologia concreta por consequência a oposição metodológica de cada uma destas. Para tanto, o pano de fundo de sua introdução se dá a partir de um plano comum a ambas: o plano da ciência. Para Politzer (1975, p. 45): “o que caracteriza uma ciência é uma certa sabedoria num determinado domínio e, graças a ela,

---

<sup>3</sup> A descoberta do Complexo de Édipo, tão desacreditado pelos adversários de Freud, é outra” continuou Politzer (1975, p. 49).

<sup>4</sup> Grifo nosso. Advertimos que todas as vezes que adicionarmos palavras entre colchetes, como neste exemplo, trata-se de uma intervenção minha no texto do autor, para produzir contextualização e sentido em determinadas frases. Tal regra só não se aplica quando se trata do termo *je* traduzido por Quinet e Lasnik como “[eu]”, que utiliza-se também do recurso de colchetes mas para efeito de outro sentido, descrito com maior profundidade adiante, na página 51, na nota de rodapé número 33.

um certo poder sobre as coisas pertencentes a esse domínio”. Afirmando ainda que “não há ciência fecunda se não se verificarem essas duas condições de sabedoria e eficácia”. (POLITZER, 1975, p. 45)

Destarte, nessa última citação o autor nos conferiu seus critérios básicos para que uma prática seja científica: sabedoria e eficácia sobre um determinado domínio. Neste sentido, começou aplicando tais critérios ao caso da dita psicologia clássica, pois isso era precisamente o que ela não tinha. Pois o que a psicologia clássica alegava como seu, já pertencia outras ciências. Assim, sua sabedoria era abalada, assim como sua eficácia.

Especificamente falando, Politzer (1975, p. 21) em seu livro insinua que o período propriamente a ser criticado, são aproximadamente os últimos cinquenta anos de psicologia antecedentes a 1928, que resulta num período entre 1878 até 1928 — considerando que a psicologia foi fundada em 1879 em Leipzig, na Alemanha. Portanto, este seria propriamente o período das psicologias clássicas. Por conseguinte, será contra esse recorte no tempo que Politzer situou sua crítica que foi marcada por um estilo combativo, sem meias palavras: "o psicólogo nada sabe e nada pode. É o parente pobre na grande família dos servidores da ciência". (POLITZER, 1998, p. 47)

Politzer iniciou sua campanha contra a psicologia clássica ressaltando que em sua leitura, em razão destes psicólogos estarem ainda indiferenciados de prática laboratoriais e tentarem "biologizar" o campo psicológico, acabavam por assumir uma postura decadente. Sem originalidade, sem um determinado saber e muito menos sem um domínio estabelecido para tecerem seus estudos. Em poucas palavras: eram psicólogos subordinados à teorias das ciências naturais. E por esta razão, Politzer (1975, p. 38) não concebia tal prática como uma “verdadeira psicologia”.

Mas que dizer do psicólogo? Nele, tudo é *pompa*. Apesar dos reiterados protestos contra a filosofia, continuar ver a ciência através dos lugares comuns que aquela lhe ensinou a seu respeito. (...) Chafurda então no meio dos aparelhos, lançando-se ora na fisiologia, ora na química ou na biologia; amontoa as médias estatísticas e está convencido de que para conquistar a ciência, tal como para conquistar a fé, é necessário começar por ser estúpido. Convém compreender que os psicólogos são tão científicos como os selvagens<sup>5</sup> são cristãos. (POLITZER, 1975, p. 20)

Na visada de Politzer (1975, p. 22), o primeiro passo rumo a construção de uma autenticidade da psicologia seria a dissolução do *mito da natureza dupla do homem*. Ou seja, Politzer rechaçava a ideia de uma *vida interior*, uma entidade que habita o ser e governa suas

---

<sup>5</sup> Eis um termo infeliz do autor para referir-se a povos originários.



atitudes, sensações e pensamentos gerando conflitos. Com isso, o autor diagnosticou<sup>6</sup> que no cerne da psicologia clássica naturalista reinava uma narrativa *abstrata* sobre o homem. Mas como de fato, ele definiu a abstração?

### 1.3 - Do eu em *terceira pessoa* ao eu em *primeira pessoa*

Conforme Politzer (1975, p. 57), o ponto de vista da abstração concebe os fenômenos como processos movidos por causas mecânicas. Processos *terceirizados*, que não são produzidos por causas humanas dotadas de significação. Apenas processos impessoais e automáticos. Inevitavelmente, nesta lógica os *factos* são sempre produtos de atos em *terceira pessoa* (*moi*), pois não supõem a existência de um sujeito agente na experiência, que Politzer chamou de *primeira pessoa* (*je*). Politzer (1975, p. 57) define a perspectiva abstrata usando o sonho como exemplo: “Quanto à nossa referência a um ponto de vista abstracto, é devida ao facto de o sonho e seus elementos serem considerados em si mesmos, quer dizer, como se o sonho fosse simplesmente um conjunto de imagens projectadas num *écran*”. Politzer (1975, p. 57) descreve passo a passo o modo de operar da abstração:

Começa por destacar os sonhos do sujeito que lhe está na origem, e considera-o não como sendo feito pelo sujeito mas como sendo *produzido* por causas impessoais; consiste portanto em aplicar aos factos psicológicos a atitude que adoptamos para a explicação dos factos objectivos em geral, quer dizer, o método da *terceira pessoa*.

Para não deixar dúvidas, encerra dizendo que: “Em resumo, a abstração elimina o sujeito e assimila os factos psicológicos aos factos objectivos, isto é, aos factos na terceira pessoa”. (POLITZER, 1975, p. 58) Ou seja, este ponto de vista desconsidera a possibilidade de uma experiência ser produzida por um sujeito, como Politzer demonstra usando o exemplo do sonho. A abstração incide exatamente em desligar um processo de significação de um sujeito. Logo, eles são considerados como processos *em si* mesmos.<sup>7</sup> É por esta razão que Politzer ao falar destes processos faz referência ao *moi*. Em suas palavras:

O eu [*moi*] é então a causa dos fatos de consciência, (...) Na maior parte das vezes, aliás, o eu [*moi*] é simplesmente o lugar dos factos psicológicos, no início, e a sua síntese, no fim. Em qualquer dos casos, o eu [*moi*] é sempre abstrato. É uma simples

<sup>6</sup> Apoiados em Bleger (1966, p. 83) entendemos que a *Crítica* de Politzer é um *diagnóstico* sobre os cinquenta anos de psicologia precedentes a 1928. Bleger refere-se à obra de Politzer, definindo-a como um pensamento que foi capaz de *diagnosticar* a decadência escolástica da psicanálise (entre 1928-1929) e do marxismo (entre 1933-1938). Esta é também a separação cronológica e temática que o autor propõe para os *Escritos psicológicos de G. Politzer*.

<sup>7</sup> Nas palavras de Politzer (1975, p. 68): “A abstração consiste em considerar os factos psicológicos como estados *em si*”.

causa, um puro *centro funcional* (...) um conjunto de funções abstratas. (POLITZER, 1975, p. 69)

As linhas de Politzer (1975, p. 69) explicam que “a psicologia clássica fala portanto do eu (*moi*), mas fala dele *por um lado* e dos fatos psicológicos *por outro*”. Com efeito, em seu entendimento a racionalidade clássica trata os fatos psicológicos como se estivessem em *terceira pessoa* e após essa operação, produz-se um esforço interpretativo fadado ao fracasso, para que ligue-se o fato ao eu em *terceira pessoa (moi)*, que na concepção de Politzer (1975, p. 69) é sempre abstrato. Sem demora, ela mesma é incapaz de encontrar formas de estabelecer a relação entre um e o outro.<sup>8</sup> (POLITZER, 1975, p. 69) Ela tem como consequência tornar o fato psicológico e o eu em *primeira pessoa (je)* como elementos heterogêneos. O resultado desta perspectiva é que o sonho passa a ser uma coleção de estados em si, um conjunto de estados em *terceira pessoa*. É neste cenário que o sonho fica sem relação com a vida psicológica do sonhador, com sua história e suas vivências. O sonho fica por assim dizer, suspenso no vácuo. É uma ressonância que nasce por acaso e morre quando a sua energia esgota, saberá lá por qual razão. (POLITZER, 1975, p. 58)

De forma elucidativa, é possível dizer que a psicologia clássica concebe a mente como um *espelho interno que reflete objetos externos*. Neste sentido, a prática do psicólogo clássico resume-se a pedir ao agente que descreva os reflexos no espelho. Para então em seguida, tais descrições relatadas serem comparadas com a realidade. Assim, o trabalho do psicólogo estaria terminado quando ele descrevesse os mecanismos que tornam possível o funcionamento do espelho. Sendo assim, o seu interesse não se aproxima das significações pessoais do relato. (GABBI JR, 1998, p. 10)

É neste enredo conceitual, que tentamos acima explicitar ao leitor quais são os adornos, a tática e a estratégia da psicologia clássica. Portanto, quando referimo-nos à *abstração, impessoalidade, perspectiva em terceira pessoa, processos em si, formalismo, realismo*, enfim, todos estes termos designam o sistema teórico-técnico da psicologia clássica.

Para sintetizar esta introdução sobre a questão da dita “psicologia oficial” do século XIX, sublinhemos o que dela nos interessa, a saber: como ela opera sobre o fato psicológico. Para isso é necessário ter em vista que o modo operativo desta categoria de psicologia, produz “um abismo entre a afirmação de uma tese e a realização da atitude que lhe corresponde”.

---

<sup>8</sup> Nas palavras de Politzer (1975, p. 69), ao falar sobre o modo operativo da psicologia clássica: “Mas é incapaz de encontrar uma relação que possa consumir esse milagre”.

(POLITZER, 1975 , p. 70) Muito longe de produzir uma análise sobre um fato psicológico, optam antes por enxergar fatos a partir de um ponto de vista formalista que fragmenta processos em classes gerais. Fatos isolados entre si e sem conexão aparente. “Ora é este, precisamente, o problema”. (POLITZER, 1975, p. 70)

Nesta direcção a totalidade do fato psicológico que estes psicólogos estão dispostos a admitir no homem é apenas uma totalidade *funcional*, quer dizer, uma acumulação de noções brandas separadas em classes. (POLITZER, 1975, p. 70) Quanto a isso, acrescentou que:

(...) semelhante acumulação, qualquer que seja o seu grau de complexidade, não é um *acto* nem *supõe um sujeito*; é um simples centro funcional pois não é possível constituir um fato pessoal como acto a partir de elementos impessoais. (POLITZER, 1975, p. 70)

Arrematou, por fim dizendo que “a psicologia continua, com sua falsa totalidade, no plano da abstracção”. (POLITZER, 1975, p. 70)

Em resumo, assinala-se que uma psicologia que opere a partir destes fundamentos está fadada à impossibilidade de perceber relações existentes entre um fato psicológico e um ato singular. Segue cega ao sentido mais íntimo que deveria o especificar, dotando-o de qualidades específicas. Portanto, a atitude clássica não considera o fato psicológico a partir do sentido designado pelo agente do mesmo. Se assim o fizessem, "os fatos psicológicos deveriam ter a mesma natureza do eu (*je*)", constituindo com ele algo de homogêneo. (POLITZER, 1975, p. 71)

Tomemos como exemplo o sonho da injeção de Irma apresentando na *Traumdeutung*.<sup>9</sup> Freud (1996, p. 154) concluiu na análise de seu sonho, que ele queria ser isento da culpa de sua paciente continuar doente. Tal culpa poderia ser explicada por um psicólogo clássico a partir da decorrência de determinadas áreas neuronais serem ativadas. Ocasionalmente assim, a secreção de certos neurotransmissores, resultando finalmente o sentimento de culpa. Nesta via, evidencia-se a *impessoalidade* do fenómeno, descrito em *terceira* pessoa (*moi*).

Temos então, uma abordagem diferente de uma *compreensão* do fenómeno a partir de uma perspectiva em *primeira pessoa (je)*. Nesta última, revelaria-se a significação particular do sentimento de culpa. Optando-se por vias *concretas* e não *abstrato-formais*. Portanto, a partir da perspectiva em *primeira pessoa* interessa-se em saber *como* Freud vivenciou a sua

---

<sup>9</sup> Para efeito de contextualização, o sonho mencionado está descrito a seguir, na seção 2.1 - O sonho da injeção de Irma para Politzer, nas páginas 33 e 34 deste trabalho.

culpa. Como ele descreveu este sentimento específico e como foi narrada esta experiência. Atrai-se não pela culpa *em si*, mas pela culpa *de* Freud.

Posto isso, é neste cômputo que Politzer se encontra no início de sua arguição. Desde o início, o tom de seus comentários direciona-se arduamente contra a psicologia clássica e seus fundamentos teórico-técnicos. Lembrando que nas palavras do autor, o trabalho da crítica é precisamente desmontar peça por peça, toda e qualquer característica das velhas tendências da psicologia clássica, desvelando processos constitutivos e postulados que lhes são implícitos no seio das teorias psicológicas que ele se propôs a estudar. “O trabalho da crítica deve ir até à execução”, afirmou Politzer (1975, p. 36). Logo, tendo em vista a posição deste irreverente intelectual frente aos psicólogos clássicos, surge-nos a questão: qual é a orientação da psicologia concreta de Politzer? Qual seu objeto?

#### 1.4 - O drama humano

Sem delongas, para Politzer (1975, p. 40): “a psicanálise, longe de ser um enriquecimento da psicologia clássica, é precisamente a demonstração de sua derrota. Constitui a primeira fase da ruptura com o ideal tradicional da psicologia (...)”. Ele efetivamente apostava em uma “orientação concreta da psicanálise” (POLITZER, 1975, p. 41). Destarte, sua primeira tacada neste segmento é a de delimitar, qual deveria ser o objeto desta psicologia de inspiração concreta. Em seu entendimento:

ora a psicologia, se tem uma razão de ser, só pode existir como ciência ‘empírica’. Deve portanto interpretar a exigência da primeira pessoa e da homogeneidade de uma forma apropriada ao seu nível. (POLITZER, 1975, p. 72)

E ainda acrescenta que:

devendo ser empírico, o eu (*je*) da psicologia só pode ser o *indivíduo particular*. Por outro lado, esse *eu (je)* não pode ser o sujeito de um ato transcendental, como por exemplo a intuição, pois é necessário um conceito que esteja no mesmo plano que o indivíduo concreto e que seja exclusivamente o ato do *eu (je)* na psicologia. (POLITZER, 1975, p. 72)

Em suma, a citação acima ilustra os esboços do autor em ligar um conceito ao outro. E que todos estejam sempre no plano concreto. Posto isto, Politzer anuncia o seu principal campo de interesse. Em suas palavras: “definimos o drama como objeto da psicologia

concreta”. (POLITZER, 1975, p.125) O seu campo portanto é o *drama humano* (*drame humain*). É a vida do homem no seu sentido *dramático*<sup>10</sup>:

Esta vida dramática apresenta todos os caracteres que fazem dela um domínio susceptível de ser estudado cientificamente. (...) Ora as reflexões sobre esta vida dramática, só encontraram um lugar na literatura e no teatro, e se bem que a psicologia clássica afirme a necessidade de estudar os ‘documentos literários’, nunca deles se fez, de fato<sup>11</sup>, uma utilização verdadeira, independente dos fins abstratos da psicologia. (POLITZER, 1975, p. 28)

Eis aqui, uma diferença significativa que Politzer reclama como fundamental em seu projeto: exaltar a orientação para o concreto em uma psicologia, significa agir tal como fez Freud em sua tese sobre o sonho: ele deu dignidade singular a este fenômeno, entendendo-o como um fato psicológico dotado de sentido. Um drama em *primeira pessoa*. Nas próprias palavras de Freud (1996, p. 131) se lê: “interpretar um sonho implica atribuir a ele um ‘sentido’ — isto é, substituí-lo por algo que se ajuste à cadeia de nossos atos mentais como um elo dotado de validade e importância iguais ao restante”.<sup>12</sup> Bruyeron (2016, p. 91) comenta este assunto de forma esquemática: “O drama é um ato dotado de um sentido, orientado de acordo com uma finalidade, se encadeando e se opondo a outros atos, em que ele se distingue radicalmente do movimento natural. O ato jamais é simples, bem ao contrário, ele é multiplicidade”.<sup>13</sup>

Com isto, abordar o sonho desde um ponto de vista da psicologia concreta, significa produzir uma interpretação do conteúdo onírico que situe o relato do sonhador como uma narrativa significativa dotada de sentido. *Interpretar*, para Politzer (1975, p. 121) significa: “ligar o facto psicológico à vida do indivíduo”. Portanto, para ele há um sujeito narrador do sonho. Há um *je* que literalmente, realiza o desejo do sonho e que narra o sonho. Um sujeito humano e histórico, “cujos atos são eminentemente intencionais, na medida em que comprometidos com uma significação estritamente pessoal”, como observou Simanke (2002, p. 527). O projeto da psicologia concreta de Politzer, consiste em enfatizar o que Freud fez

---

<sup>10</sup> A nota de rodapé de Politzer (1975, p. 27) que adverte o leitor sobre a terminologia utilizada, será reproduzida a seguir: “Que se entenda, de uma vez por todas, que queremos designar pelo termo ‘drama’ um fato, e que abstraímos totalmente das ressonâncias românticas desta palavra. Pedimos, pois ao leitor para se habituar a esta concepção simples do termo e para esquecer o seu significado comovedor”.

<sup>11</sup> Reprodução da nota de rodapé de Politzer (1975, p. 28): “Excluindo a psicanálise”.

<sup>12</sup> *A interpretação dos sonhos* (1900).

<sup>13</sup> “Le drame est un acte doté d’un sens, orienté selon une finalité, s’enchaînant et s’opposant à d’autres actes, en quoi il se distingue radicalement du mouvement naturel. L’acte n’est jamais simple, bien au contraire il est multiplicité. (BRUYERON, 2016, p. 91). [Tradução nossa].

emergir no sonho de injeção de Irma, mas que para o filósofo foi extraviado pelas abstrações do capítulo VII da *Traumdeutung*.

Para dar um exemplo, voltemos à análise do sonho da injeção de Irma de Freud (1996, p. 143). O que o interessou, foi analisar a série de associações que lhe ocorriam, isolando pontos específicos do sonho e descrevendo o que ele associava com cada palavra advinda do relato do sonho.<sup>14</sup> Eis regra técnica fundamental da psicanálise, a associação livre - ainda que neste momento não tivesse sido propriamente nomeada. Desta forma para Politzer, Freud produziu uma narrativa do sonho. Descreveu, como *ele* vivenciou a emergência da culpa após saber que sua paciente continuava doente. Seu interesse *não é a culpa em geral*, mas a culpa que *ele* vivenciou. Tendo essa atitude, a psicanálise produziu um saber *positivo* sobre o sonho. Quer dizer, a psicanálise extraiu do sonho aquilo que ela capta de singular e específico sobre um sujeito, tratando esse fenômeno como algo complexo. Demonstrou que no sonho há um sujeito dramático que age, atua:

A primeira coisa a destacar na psicanálise é o facto de permitir ao psicólogo adquirir uma sabedoria real. (...) É a primeira vez que o psicólogo sabe, que se manifesta - ouso o termo, que significa algo essencialmente de "positivo" - como um mágico. (POLITZER, 1975, p. 48)

É neste sentido que Politzer emprega o termo "*positivo*". Ele ainda propõe que:

(...) é bem visível que Freud pretende suprir esse defeito das teorias clássicas procurando mostrar que o sonho é um fenômeno positivo, uma formação psicológica regular que longe de dever sua existência a uma debandada das funções psíquicas, só é explicável por um conjunto de processos regulares e complexos. (POLITZER, 1975, p. 54)

Portanto, para Politzer é na *Interpretação dos sonhos* (1900) que Freud reclama o estatuto *positivo* do sonho como fato psicológico.<sup>15</sup> Que significa dizer, o sonho é um fenômeno dotado de um sentido singular. É um ato com sentido psicológico. É por este motivo que Politzer relaciona a literatura e o teatro com a psicologia concreta, pois são justamente neste campo que se pode vislumbrar a singularidade narrada ou dramatizada por excelência. No texto literário, o autor descreve a experiência específica de um determinado personagem. Por exemplo, Dostoiévski em *Crime e castigo* (1886) descreveu escrupulosamente a psicologia da culpa em seu personagem, Raskólnikov. Pôs em texto como

<sup>14</sup> Freud (1996, p. 143) faz isso no capítulo II da *Interpretação dos sonhos* (1900), na seção denominada *Análise*.

<sup>15</sup> Uma definição de Politzer (1976, p. 112) sobre este conceito é que: "Em suma, o facto psicológico é o comportamento que possui um sentido humano. Acontece no entanto que, para definir este sentido, são necessários dados fornecidos pelo sujeito por intermédio da narrativa: o comportamento simplesmente motor só se transforma portanto em facto psicológico depois de esclarecido pela narrativa".

tal personalidade vivenciou a emergência da culpa após o assassinato de uma senhora e sua irmã.<sup>16</sup> Não lhe interessa a culpa em geral, mas a culpa *de* Raskólnikov.

Assim, Politzer justifica o seu apreço em recorrer a literatura e ao teatro para pensá-los como um domínio da psicologia concreta por excelência, uma vez que é na dimensão literária que se encontra a via régia para o conhecimento da vida dramática, tal como Freud (1996, p. 631) enunciou na *Traumdeutung* que “a interpretação dos sonhos é a via real para conhecimento das atividades da vida anímica”. Mais especificamente, para a *compreensão* do sentido dos sonhos é necessário uma interpretação — se usarmos os termos freudianos. No que tange a esta relação entre psicologia concreta e literatura, ela tem conexão com a concepção de análise que Politzer propõe. Trata-se de uma orientação que conduz o analisante a narrar uma história, a sua história dramática. Politzer (1975, p. 145) entende que: “Freud faz notar ser necessário que a análise seja integralmente uma reconstituição”.

A propósito, Barbaras (2016, p. 214) indica que, o que Freud chamou de *interpretação*, foi descrito por Politzer com a mesma aplicação, sob o termo de *compreensão*: “Politzer acentua a categoria de *sentido* e define o gesto próprio da psicologia como *compreensão* ou *interpretação*”.<sup>17</sup> Sua função portanto, não é outra senão a de produzir o sentido singular durante uma narrativa.

A *interpretação-compreensiva* da psicanálise produz um determinado encadeamento. Produz uma estrutura provida de sentido<sup>18</sup> que é passível de ser contada. Tal como um conto literário que descreve a singularidade de uma experiência para um personagem. Ou, tal como vemos um ator numa cena teatral.<sup>19</sup> Novamente, Bruyeron (2016, p. 94) comenta a ligação entre a concepção de homem e o uso do teatro feito por Politzer: “O homem é então, compreendido como um ator, atuando como tal ou em tal papel, sobre uma cena ou em um estúdio de cinema, se ele escolhe de se realizar como tal ou tal cenário”.<sup>20</sup> O comentador

<sup>16</sup> Uma das cenas emblemáticas do romance de Dostoiévski (2015, p. 91).

<sup>17</sup> "Politzer met l'accent sur la catégorie de *sens* et définit le geste propre de la psychologie comme *compréhension* ou *interprétation*". (BARBARAS, 2016, P. 214) [Tradução nossa].

<sup>18</sup> Na *Die Traumdeutung* (1900), ao falar sobre as “cadeia de associações” (FREUD, 1996, p. 550) que a experiência clínica lhe mostrou, Freud (1996, p. 552) disse que “o sonho é uma estrutura provida de sentido”.

<sup>19</sup> Strachey (1996, p. 131) advertiu que o título *A interpretação dos sonhos* (1900) não expressa propriamente a ideia de uma interpretação fechada, única e final dos sonhos. Mas sim busca expressar a “busca do sentido dos sonhos, evidentemente entendidos por Freud como dotados de sentido para cada sujeito ao sonhar (...)”.

<sup>20</sup> "L'homme est donc compris comme un acteur, jouant tel ou tel rôle, sur une scène ou dans un studio de cinéma, s'il choisit de s'accomplir selon tel ou tel scénario". (BRUYERON, 2016, p. 94) [Tradução nossa].

sublinha em suas palavras, a centralidade do eu em *primeira pessoa* como protagonista da cena, no palco do sonho. Esse sujeito, segundo Bruyeron (2016) até mesmo *escolhe* o cenário do drama, assim como decide seu sentido. Eis a perspectiva do sujeito dramático segundo a psicologia concreta.



*“Mas que necessidade pode ter o analista de um ouvido a mais, quando às vezes parece ter dois de sobra, ao enveredar a todo vapor pelo mal-entendido fundamental da relação de compreensão? Nós repetimos a nossos alunos: ‘Abstenham-se de compreender!’”.*  
(LACAN, 1998, p. 474)

## CAPÍTULO 2: A DUALIDADE DE TENDÊNCIAS

### 2.1 - O sonho da injeção de Irma para Politzer

Politzer (1975), p. 10) sabe que está muito longe de ser o único a empregar o termo *concreto*. É curioso, o fato de um dos conceitos centrais de sua *Critique*, não ter sido exposto em uma definição clara, tal como outros conceitos foram, como a *abstração*, *formalismo* e *realismo*. Politzer elucida-nos o que ele quer dizer, optando por construir um contexto que dê sentido ao conceito, antes de uma definição específica. Assim, entende-se que o *concreto* em Politzer nada tem que ver com uma substância física observável, como o termo pode erroneamente sugerir. Em Georges Politzer, *o concreto versa sobre a dimensão do sentido singular de um sujeito sobre um fato psicológico*. E este só pode ser expresso através de um ato que seja do *je*. Que por sua vez pode ser um comportamento, uma conduta enviesada de significado, ou um sonho que deve ser entendido de forma párea. Afinal, no plano da análise tanto um sonho, quanto um comportamento só são conhecidos através da narrativa do sujeito. E é justamente disso que se trata no plano concreto:

É por esta razão que o pensamento Freud é muito diferente; não lhe interessa afirmar que o sonho é a realização do desejo em geral mas a de um desejo particular, determinado na sua forma pela experiência particular de um indivíduo particular. (POLITZER, 1975, p. 85)

O concreto permite que um sujeito conte uma história, sendo ele, parte da mesma. É uma função que permite o sonhador protagonizar o próprio sonho. O plano concreto faz existir a particularidade de certa experiência para *um* sujeito. É o sentido singular por excelência:

Tal como no caso do físico, a eficácia prática do saber do psicanalista revela que nos encontramos perante descobertas verdadeiras. A descoberta do sentido do sonho é uma delas, quero dizer, a descoberta no sentido concreto e individual do sonho. (POLITZER, 1998, p. 49)

Neste enquadre, não será de forma aleatória que Politzer irá introduzir uma diferenciação importante entre *je* e *moi* que foi estendida por Lacan, ainda que em um sentido distinto. Quando Politzer refere-se ao *je* trata-se do eu na *primeira pessoa*.<sup>21</sup> Trata-se do

---

<sup>21</sup> Mariguela (2007, p. 171) sobre isso, comenta que: “O autor [Politzer] esclarece em uma nota que usaria o termo Eu (*je*) para designar a primeira pessoa. Com isso, estava afastando-se do sentido técnico que o termo possui em Freud. Dessa forma, Politzer separa as teorias psicológicas que enunciavam relatos em terceira pessoa, consideradas por ele abstratas; e ‘a inspiração fundamental da psicanálise’ para a psicologia concreta estaria no fato de considerar o relato em primeira pessoa o fundamento para a análise”. Mariguela segue seu comentário citando Politzer: “O que, ao contrário, caracteriza a maneira como Freud aborda o problema do sonho é que ele não efetua abstração. Ele não quer separar o sonho do sujeito que sonha; ele não quer concebê-lo como um estado em terceira pessoa, não quer situá-lo num vazio sem sujeito”.

sujeito que narra uma experiência em sua singularidade. Já quando Politzer faz referência ao *moi*, este quer expressar a ideia do eu produzida pela psicologia clássica. É um eu abstrato e impessoal, portanto na *terceira pessoa*. (POLITZER, 1975, p. 70)

É neste sentido que este autêntico leitor de Freud irá circunscrever, o que para ele deveria ser o campo de interesse da psicologia concreta: o campo das narrativas em *primeira pessoa*, enunciadas a partir do *je*. O fato da psicologia clássica sustentar-se em fundamentos biológicos teve como consequência a terceirização do fato psicológico. Pois, haja visto que biologizar o plano psicológico teve como efeito a descaracterização do que é propriamente psicológico no entendimento do filósofo da psicanálise.

Politzer (1975, p. 133), procura o significado individual do sonho. Isso fez com que o filósofo considerasse “o sonho como um texto a decifrar” e não como efeito de um fato orgânico destituído de sentido. Para debater esta tensão teórico-técnica entre a psicologia clássica e a psicologia concreta, nosso autor retomou o sonho da injeção de Irma e teceu alguns comentários entorno dele. Primeiramente, vejamos o *preâmbulo* do sonho, escrito por Freud (1996, p. 140) no capítulo II da *Traumdeutung*:

No verão de 1895, eu vinha prestando tratamento psicanalítico a uma jovem senhora que mantinha laços muito cordiais de amizade comigo e com minha família. É fácil compreender que uma relação mista como essa pode constituir uma fonte de muitos sentimentos conturbados no médico, em particular no psicoterapeuta. Embora o interesse pessoal do médico seja maior, sua autoridade é menor; qualquer fracasso traz uma ameaça à amizade há muito estabelecida com a família do paciente. Esse tratamento terminara com êxito parcial; a paciente ficara livre de sua angústia histérica, mas não perdera todos os sintomas somáticos. Nessa ocasião, eu ainda não discernia com muita clareza quais eram os critérios indicativos de que um caso clínico de histeria estava afinal encerrado, e havia proposto à paciente uma solução que ela não parecia disposta a aceitar. Enquanto estávamos nessa discordância, interrompemos o tratamento durante as férias de verão. — Certo dia, recebi a visita de um colega mais novo na profissão, um de meus mais velhos amigos, que estivera com minha paciente, Irma, e sua família, em sua casa de campo. Perguntei-lhe como a achara e ele me respondeu: “Está melhor, mas não inteiramente boa.” Tive consciência de que as palavras de meu amigo Otto, ou o tom em que as proferiu, me aborreceram. Imaginei ter identificado nelas uma recriminação como no sentido de que eu teria prometido demais à paciente; e, com ou sem razão, atribui o suposto fato de Otto estar tomando partido contra mim à influência dos parentes de minha paciente, que, como me parecia, nunca haviam olhado o tratamento com bons olhos. Entretanto, minha impressão desagradável não me ficou clara e não externei nenhum sinal dela. Na mesma noite, redigi o caso clínico de Irma, com a ideia de entregá-lo ao Dr. M. (um amigo comum que, na época, era a principal figura de nosso círculo), a fim de me justificar. Naquela noite (ou na manhã seguinte, como é mais provável), tive o seguinte sonho, que anotei logo ao acordar.

No texto original, Freud (1996, p. 143) segue o *preâmbulo* com o seu relato do sonho que teve entre 23-24 de Julho de 1895, que iremos reproduzir na íntegra:

*Um grande salão — numerosos convidados a quem estávamos recebendo. — Entre eles estava Irma. No mesmo instante, puxei-a de lado, como que para responder a*

*sua carta e repreendê-la por não ter ainda aceitado minha “solução”. Disse-lhe: “Se você ainda sente dores, é realmente apenas por culpa sua.” Respondeu ela: “Ah! se o senhor pudesse imaginar as dores que sinto agora na garganta, no estômago e no abdômen... — isto está me sufocando.” — Fiquei alarmado e olhei para ela. Parecia pálida e inchada. Pensei comigo mesmo que, afinal de contas, devia estar deixando de perceber algum distúrbio orgânico. Levei-a até a janela e examinei-lhe a garganta, e ela deu mostras de resistências, como fazem as mulheres com dentaduras postiças. Pensei comigo mesmo que realmente não havia necessidade de ela fazer aquilo. — Em seguida, ela abriu a boca como devia e, no lado direito, descobri uma grande placa branca; em outro lugar, vi extensas crostas cinza-esbranquiçadas sobre algumas notáveis estruturas recurvadas, que tinham evidentemente por modelo os ossos turbinados do nariz. — Chamei imediatamente o Dr. M., e ele repetiu o exame e o confirmou... O Dr. M. tinha uma aparência muito diferente da habitual; estava muito pálido, claudicava e tinha o queixo escanhado... Meu amigo Otto estava também agora de pé ao lado dela, e meu amigo Leopold a auscultava através do corpete e dizia: “Ela tem uma área surda bem embaixo, à esquerda.” Indicou também que parte da pele do ombro esquerdo estava infiltrada. (Notei isso, tal como ele fizera, apenas do vestido)... M. disse: “Não há dúvida de que é uma infecção, mas não tem importância; sobrevirá uma disenteria, e a toxina será eliminada.”... Tivemos também pronta consciência da origem da infecção. Não muito antes, quando ela não estava se sentindo bem, meu amigo Otto lhe aplicara uma injeção de um preparado de propil, propilos... ácido propiônico... trimetilamina (e eu via diante de mim a fórmula desse preparado, impressa em grossos caracteres)... Injeções como essas não deveriam ser aplicadas de forma tão impensada... E, provavelmente, a seringa não estava limpa.*

Politzer (1975, p. 86) realiza um comentário sobre este sonho no primeiro capítulo da *Critique*. Desde o seu ponto de vista, a análise desdobrada por Freud demonstra de forma precisa o processo de transposição de conteúdos de um estado para o outro. Chama a atenção de nosso autor os dois níveis do sonho expressos por Freud em termos de conteúdo latente e conteúdo manifesto:

No decorrer da narrativa despontam pensamentos que esclarecem o significado dos elementos do conteúdo manifesto; se os confrontarmos com esse conteúdo, veremos que este último está para aqueles como uma peça de teatro para o seu tema, no sentido de que os primeiros exprimem a ideia do desejo e o segundo a forma como este se consuma. (POLITZER, 1975, p. 87)

Politzer (1975, p. 87) nota também, que este célebre sonho, tem relação com uma *situação penosa*, e que cada vez em que no decurso das associações de Freud, seus pensamentos se dirigem a isso, realiza-se no sonho a situação inversa. Politzer (1975, p. 87) cita Freud para elucidar:

Reprovo Irma por não ter ainda aceite a minha solução digo-lhe: se ainda tens dores, é por culpa tua... Esta frase faz-se pensar que afinal tento apenas não ser responsável pelas dores que ainda sente: se a culpa é de Irma não pode ser minha. Sinto então a necessidade de procurar a finalidade interna do sonho nesta direção... *Horrorizo-me com a ideia de ter podido descurar uma afecção orgânica*. Este receio é fácil de compreender num especialista que lida unicamente com nervosos e que é levado a atribuir à histeria uma multidão de sintomas que outros médicos tratam como afecções orgânicas. Ocorre-me, não sei porquê, uma dúvida quanto à sinceridade da minha opinião. Se as dores de Irma têm uma origem orgânica, a sua cura não é da minha competência: o meu tratamento só se aplica às dores hísticas. Desejarei eu um erro de diagnóstico para não ser responsável pelo insucesso?

Ainda com Freud, Politzer (1975, p. 88) entende que após feita a análise do sonho em seus dois níveis, o sonhador conclui que:

O sonho realiza alguns desejos despertados em mim pelos acontecimentos da vigília (as notícias trazidas por Otto; a redação da história da doença); a conclusão deste sonho é a de que não sou responsável pela persistência da afecção de Irma. O sonho tira-me este problema, liberta-me da responsabilidade da doença de Irma reportando-a a outras causas.

Politzer lê Freud e mantém sua interpretação deste sonho na mesma trilha que escreveu o próprio sonhador. Afinal, o interesse de Freud (1996, p. 152) sobre este assunto, não era outro se não a sua *compreensão*. Ele mesmo anunciou após certa elaboração: “entrementes, compreendi o ‘sentido’ do sonho”. Conforme suas palavras, o significado deste drama pessoal era um *desejo de ser inocentado* pelo estado refratário da doença de Irma. Como escreveu em certo momento da análise deste sonho modelo: “a conclusão do sonho foi que eu não era responsável pela persistência das dores de Irma, mas sim Otto”. (FREUD 1996, p. 153)

Politzer (1976, p. 88) diz que Freud apresenta o seu sonho de injeção de Irma como: “uma peça teatral que acaba bem”. Para ele, no final das contas este sonho realiza o desejo enunciado por Freud em sua análise. Em sua leitura, o termo “desejo” é sugerido a partir da descoberta de que um conteúdo latente assume o significado de uma consumação. A análise nesse sentido, detecta os pensamentos que pré-figuram tal consumação. Para Politzer (1975, p. 89), Freud crê poder afirmar que o desejo é simultaneamente o motivo do sonho, como seu conteúdo.

Nesse ponto, Politzer reconhece que se Freud postula e defende com certa tenacidade a tese geral de que o sonho é a realização de um desejo, é por que a concepção de sonho e desejo são concretas e consideram o *je*. Lembremos que se o sonho é um segmento direto do *je*, significa que o sonho tem o estatuto de fato psicológico. Portanto: “sendo o sonho um segmento da vida do indivíduo particular, é inseparável deste indivíduo. Mas sê-lo-á actualmente, pois no caso contrário será quebrada a continuidade do eu [*je*] e deixará de haver facto psicológico”, adverte Politzer (1975, p. 93).

É portanto, precisamente o desejo que assegura essa continuidade, essa relação entre o *je* e o sonho. O desejo encontra-se entre eles. Em tom decisivo, Politzer (1975, p. 92) diz: “Numa palavra: na teoria do *sonho-desejo*, o sonho transforma-se num *acto*”, através da narrativa. Tais proposições de Politzer evidenciam sua posição específica em relação à forma

como leu o sonho de injeção de Irma. Portanto, se há uma narrativa no sonho, que não seja a do *je*, o sonho deixa de ser sonho, e vira uma *coisa*. Pois para ele, admitir este tipo de interferência no sonho, significa aderir à consideração de uma *vida interior*, e isso remontaria uma concepção abstrata da psicologia clássica.

Politzer (1976, p. 29) diagnostica isso como um *duplo ontológico* o qual ele recusa e prefere manter-se atento a uma narrativa que foi efectivamente dada pelo sujeito, para salvar a perspectiva concreta do sonho. Para elucidarmos isto, passemos a um exemplo. De acordo com Politzer (1976, p. 33): "*Irma tem dor de garganta* significa no 'sonho da injeção dada a Irma': *desejo de um erro de diagnóstico*".<sup>22</sup> Afinal, isso corresponde com o que Freud escreveu em sua análise sobre qual era o desejo realizado neste sonho. Neste modo de operar, a psicologia concreta mantém o eu na *primeira pessoa* como detentor do sentido sobre o sonho.

Um detalhe, que seja talvez decisivo para compreendermos suas posições, é que ao acompanharmos seus comentários, nota-se que o filósofo concentra sua atenção à descrição do sonho e à análise posterior operada por Freud. Porém este último entrega-nos também o *preâmbulo* do sonho. E este, não fora considerado por Politzer na mesma proporção em relação à descrição do sonho e sua análise.

No preâmbulo, Freud (1996, p. 141) contou que um dia antes de ter o sonho de Irma, encontrou seu amigo Otto, que também era médico e havia estado com Irma e sua família na casa de campo destes. Ao perguntar sobre o estado da paciente, seu amigo lhe respondeu: "*está melhor, mas não inteiramente boa*". Essas palavras em um *tom* específico, *aborreceram* a Freud (1996, p. 140), que imaginou que seu amigo estaria descontente com seu trabalho enquanto psicoterapeuta:

Certo dia, recebi a visita de um colega mais novo na profissão, um de meus mais velhos amigos, que estivera com minha paciente, Irma, e sua família, em sua casa de campo. Perguntei-lhe como a achara e ele me respondeu: "Está melhor, mas não inteiramente boa." Tive consciência de que as palavras de meu amigo Otto, ou o tom em que as proferiu, me aborreceram.

Assim, Freud entendeu que ele estava julgado-o como ineficaz, visto que a paciente continuava doente. Após este acontecimento, Freud (1996, p. 141) redigiu o caso de Irma para entregá-lo ao Dr. M. Este último era um amigo comum a Freud e Otto, com grande influência

---

<sup>22</sup> Freud (1996, p. 155) na sua análise, no capítulo II da *Traumdeutung* escreveu sobre este sonho: "O material era, como se poderia dizer, imparcial; mas não obstante, havia uma ligação inconfundível entre esse grupo mais amplo de pensamentos subjacentes ao sonho e o tema mais restrito do sonho, que me deu margem ao desejo de ser inocentado da doença de Irma".

no círculo médico. Assim, o jovem médico queria que Dr. M lesse o caso. Era uma forma de Freud se justificar sobre a situação da paciente. Após este dia, em algum momento da noite entre 23-24 de Julho de 1895, Freud teve este memorável sonho.

Tal acontecimento, representa para Politzer, a demonstração de que um sonho pode ser abordado como um drama em *primeira pessoa*. É o que Freud o faz, através do seu método de exposição e análise posterior do sonho. Ele não recorre a fisiologia, nem a nenhum esquema clássico. Ele narra suas associações. Portanto, através do capítulo II da *Interpretação*, Politzer vê a possibilidade de abordar o sonho em termos diferentes, jamais visto na história da psicologia. Um caminho era o sonho como processo em *terceira pessoa* conforme a tradição de escolas psicológicas e o outro seria o sonho como drama em *primeira pessoa*, conforme mostrava a perspectiva de Freud.

## 2.2 - O concreto e o abstrato na *Traumdeutung*

No terceiro capítulo da *Crítica*, Politzer (1975, p. 139) propôs que a *Traumdeutung* representa o pontapé inicial que estabelece uma sutura entre a nova e a velha psicologia. A partir da psicanálise, criou-se uma concepção *positiva* dos fatos psicológicos - de que o sonho é um ato psíquico historicizado de forma singular -, a qual portanto retirou o sonho seu estado *negativo*, concebido como mera atividade neurológica sem significação pessoal, como entendia a psicologia clássica:

A teoria clássica, em vez de se inclinar perante a originalidade e a complexidade do sonho e procurar os processos que o explicam, obstina-se em considerá-lo como uma negação das regras do trabalho psicológico normal, como um fenômeno por assim dizer negativo. (POLITZER, 1975, p. 53)

É por isso que Politzer estabeleceu um grave antagonismo que opõe duas formas de psicologia: a concreta e a abstrata. O problema que Politzer diagnostica, é que se por um lado a psicanálise representava uma ruptura com a psicologia clássica, por outro ela mesma atualizava em seu seio o embate entre tendências concretas e abstratas no seu próprio escopo de teorias, sendo a *Interpretação* de Freud um perfeito exemplo deste embate. Nas palavras de Politzer (1975, p. 94):

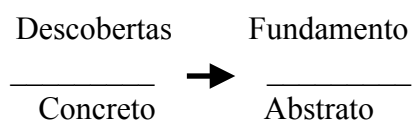
Transparece portanto na *Traumdeutung* o antagonismo fundamental entre duas tendências de psicologia: por um lado a psicologia oficial que arvora a abstração em procedimento fundamental e, por outro, a tendência freudiana que constitui a orientação para um concreto agora interpretado de uma forma clara, sincera e útil à psicologia.

A própria maneira como é apresentado o problema do sonho, implica em si uma definição do fato psicológico que desloca este para um lugar em que, através de um método, é possível analisar o *drama* contido no sonho. Afastando-se assim, de atribuições a entidades mestapsicológicas que supostamente governariam a *vida dramática do homem*. Para Politzer, Freud evitou a especulação da *vida interior* para passar então a se ocupar com a análise do *drama*, que significa em outras palavras, analisar uma narrativa singular sobre uma cena. (POLITZER, 1975, p. 139)

Foi então, justamente a envergadura concreta de Freud que o conduziu a certas descobertas que não haviam sido flagradas pela psicologia clássica. Tais novidades ocasionaram então o pedido de uma *explicação*. Logo, esperou-se que ele as fornecesse pautadas na psicologia concreta, a qual para Politzer (1975, p. 140) ele foi o fundador. Expectou-se então, que em suas explicações estivessem postas premissas da perspectiva concreta, uma vez que estas já presidiam suas descobertas. Entretanto, tais especulações psicanalíticas contrariaram esta expectativa do filósofo.

Na hipótese de Politzer, o que se mostrou é que Freud ao formular suas ideias sobre questões psicológicas fez o caminho diametralmente inverso que a inspiração concreta da psicanálise lhe apontara. Optando assim, por moldar suas explicações aos ornatos da psicologia clássica, com a finalidade de pedir perdão e se redimir por causa de suas descobertas concretas. (POLITZER, 1975, p. 140)

A seguir, o esquema básico elucidada a forma como Politzer entende a postura de Freud na *Traumdeutung*. Como diz a citação do último parágrafo, para ele, Freud faz o caminho inverso, e tenta sempre moldar a descoberta concreta a um fundamento abstrato:



Neste processo, "o antagonismo fundamental entre as duas formas de psicologia é transferido para o seio da própria psicanálise, que surge deste modo como um compromisso entre a psicologia clássica e a psicologia nova". (POLITZER, 1975, p. 140)

Lembremos que Politzer referiu-se a Freud como o fundador da psicologia concreta. Entenda-se disso que era somente esta parte específica da obra de Freud que lhe interessara. Ainda que a psicanálise tivesse fundado a psicologia concreta, ela estava contaminada pela



fundamentação clássica, portanto não respondia completamente ao projeto de Politzer. Seu trabalho representava o pontapé inicial de um espírito novo de reformulação do campo da psicologia. Ao fim de seu livro, dissera categoricamente: “A psicanálise é só um começo, não passa precisamente de um começo, e é necessário agora que se fez luz sobre a sua verdadeira essência, prosseguir as investigações colocando-nos num ponto de vista novo”. (POLITZER, 1976, p. 128) Ao final de seu livro, há outro trecho que evidencia o uso específico que Politzer deu à psicanálise: 1) primeiro a utilizou como instrumento crítico contra a psicologia clássica, para depois 2) realizar uma *crítica interna* contra a própria psicanálise:

As conclusões a que chegamos, com a ajuda da psicanálise, sobre as exigências da psicologia concreta, revelaram-se um eficaz instrumento de crítica no exame da psicologia abstracta. Acontece porém que começamos por voltar a psicologia concreta, saída da psicanálise, contra esta última, e por utilizá-la como princípio de uma crítica interna: isto porque encontrámos em Freud, sobretudo no momento da elaboração teórica dos factos, um franco retorno à abstracção. Este retorno é notório, e provamos a sua existência pela análise das noções introduzidas por Freud na *Traumdeutung*, fizemo-lo sobretudo mostrando que só os procedimentos clássicos permitem dar algum sentido à hipótese do inconsciente. Encontrámos assim no próprio seio da psicanálise uma oposição entre a psicologia concreta e a psicologia abstracta”. (POLITZER, 1976, p. 102)

Portanto segundo Politzer, temos aqui um limite do campo psicanalítico. Pois para ele não basta constatar a presença de uma inspiração concreta da prática freudiana, é necessário mostrar também seu alcance. Ou seja, até onde ela pode chegar, evidenciando o como e o porquê sua influência se cessa no domínio das *explicações*. (POLITZER, 1975, p. 141) Se Politzer pretendia varrer qualquer resquício de metapsicologia do aparato teórico da psicanálise, era porque esta era para ele, a parte da teoria freudiana fundamentada na metafísica<sup>23</sup> e nas ciências naturais que tem como enfoque a *explicação* da natureza. O autor da *Crítica* acredita que essa delimitação é importante para evidenciar o conflito agudo que repousa no centro da psicanálise entre as tendências concreta *versus* abstrata. Um conflito que se originou na história da psicologia, e agora encontra-se aceso no âmago da própria psicanálise.

---

<sup>23</sup> Roudinesco (1988, p. 511) entende que a metafísica constituiu o modelo formal para a metapsicologia freudiana. Em seu *Dicionário*, ela cita um trecho de Freud em *Psicopatologia da vida cotidiana* (1901) que elucida a ligação entre estes dois campos: “O conhecimento obscuro dos fatores e fatos psíquicos do inconsciente (em outras palavras, a percepção endopsíquica desses fatores e fatos) reflete-se (...) na construção de uma *realidade supra-sensível* que a ciência retransforma numa *psicologia do inconsciente*. Poderíamos atribuir-nos a tarefa de decompor, colocando-nos nesse ponto de vista, os mitos relativos ao paraíso e ao pecado original, ao mal e ao bem, à imortalidade etc., e de traduzir a *metafísica* em *metapsicologia*.” Por outro lado, a mesma autora escreveu que a metapsicologia refere-se à um: “termo criado por Sigmund Freud, em 1896, para qualificar o conjunto de sua concepção teórica e distingui-la da psicologia clássica”. Note-se bem, que ela usa um termo familiar à Politzer, e diferente deste último — pelo menos nesta última citação — afirma que a metapsicologia, ao invés de representar um retorno à psicologia clássica, é precisamente um termo que distingue a psicanálise das psicologias anteriores.

### 2.3 - Compreender *versus* explicar: duas orientações<sup>24</sup>

Perante tal montagem de argumentos, Politzer (1975, p. 94) infere que no interior da psicanálise haveriam duas tendências de psicologia: uma *concreta* e outra *abstrata*. Já mostramos também que o filósofo almejava em seu projeto, uma *nova orientação* para a psicologia, e para isso ele debate precisamente as tendências teórico-técnicas das escolas de psicologia dos últimos cinquenta anos. O que interessa-nos aqui, é privilegiar seu termo, “tendência”. Pois, ainda que pese a diferença de leitura sobre a obra de Freud em relação a Politzer, Lacan (2010, p. 26, 113, 114) em seu *Seminário 2*, também discute com seus interlocutores, as *tendências* no interior da obra freudiana.<sup>25</sup>

Dito isso, em sua leitura da *Traumdeutung*, Politzer (1976, p. 69) afirma insistentemente que “a psicanálise nos apresenta uma dualidade essencial”. Politzer (1976, p. 69) diz sem hesitar, *que Freud é tão abstrato em suas teorias como é concreto em suas descobertas*. Porém, mudando um pouco de tom, o crítico da metapsicologia reconheceu também, que a forma como o seu raciocínio foi estruturado na *Crítica*, necessariamente teve como consequência repartir a psicanálise como se fossem duas. Uma cisão teórica que incompatibilizava a técnica.

Politzer (1976, p. 70) reconheceu que seu pensamento só é válido dentro de um certo limite. Precisamente por isso ressaltamos ser importante, apontarmos até onde pode ir sua leitura sobre a obra de Freud. Ele diz:

A forma como interpretamos a dualidade em questão não é talvez a única possível; pode ser até influenciada pelo facto de interpretarmos a psicanálise de um modo que só é exacto até certo ponto. A dualidade seria então relativa a uma interpretação que, não sendo válida para toda a psicanálise, a cinde necessariamente em duas partes; uma delas pode medir portanto a inexactidão do nosso conceito da psicanálise.

Nesse instante, é como se Politzer (1976, p. 71) ponderasse, ou recusasse em seu argumento. Ele prossegue endossando o ponto que pelo menos até aqui, tinha sido estruturante em seu livro. Justamente, a questão da dualidade:

E não será verdade, por outro lado, que nos vimos forçados a deformar continuamente as formulações do próprio Freud a fim de pôr em evidência aquilo que designamos por inspiração concreta da psicanálise? Ora estas deformações só

---

<sup>24</sup> Politzer não faz menção alguma ao trabalho de Wilhelm Dilthey (1831-1911) como fonte de inspiração. Dilthey em *Ideias para uma psicologia descritiva e analítica* (1894) faz uma discussão entre as ciências do espírito que *compreendem* (*verstehen*) e as ciências naturais que *explicam* (*erklären*). (FRANCO, 2012, p.15)

<sup>25</sup> Monzani (1989, p. 299) utilizou o mesmo termo para referir-se ao pensamento de Freud, definido-o como uma *tendência*.

são possíveis e podem parecer legítimas até um certo limite; mais tarde ou mais cedo o carácter artificial de um tal método surge necessariamente. E é então que poderá aparecer a ilusão de uma dualidade.

Monzani (1989, p. 71) concordaria com a interpretação de que não há uma dualidade no interior da psicanálise. Para o autor brasileiro, ao que tudo indica, aos olhos de Freud não existia a menor contradição, nem afastamento entre esses dois campos em seu conjunto teórico. No entanto, salvo este fragmento do texto de Politzer, pode-se entender até aqui com as considerações do filósofo húngaro, que este antagonismo é parte de todo um escopo teórico-técnico criado por Freud, e que antes de ser um problema filosófico, é também uma atitude conceitual que caracteriza a psicanálise.

Na seção anterior,<sup>26</sup> tentamos salientar a partir de Politzer (1975), como Freud utilizou de recursos clássicos da abstração para formalizar problemas os quais ele se defrontou em suas descobertas clínicas, que por sua vez eram de outra ordem. O que se impõe neste momento em termos de problemas é: por que Freud recorria a psicologia clássica para explicar suas descobertas concretas?

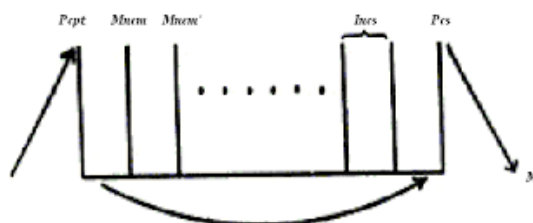
No entender de Politzer (1975, p. 73) esta dualidade que construiu o edifício de Freud, é tributária principalmente pela maneira como este concebe as relações entre psicologia e psicanálise. A psicologia referenciada nos textos freudianos é especificamente uma psicologia laboratorial, ou *psicologia acadêmica* que se preocupava com processos da consciência e fundamentava-se nas ciências naturais. Era uma psicologia afastada da prática clínica através de técnicas de fala e escuta que só apareceria enquanto prática corrente na psicologia clínica após a criação da psicanálise que mostra esse novo caminho técnico. (ROUDINESCO & PLON, 1998, p. 612)

Com efeito, é por este motivo que ele considerará que a psicanálise e a psicologia tem *orientações* diferentes: a postura psicanalítica é diferente da investigação da psicobiologia dos fatos psicológicos. É diferente pois esta última procura uma *explicação* psicológica. E isto implica justamente o abandono da atitude propriamente psicanalítica que visa sobretudo buscar a *compreensão* dos fatos através da interpretação. Para Politzer, um exemplo cristalino de Freud recorrendo à psicologia clássica, encontra-se na *Interpretação dos sonhos* (1900). Quando, após ter descritos os fatos que a psicanálise permitiu descobrir, Freud procurou explicá-los numa seção à parte, precisamente no polêmico capítulo VII: *Psicologia dos*

---

<sup>26</sup> 2.2 - O concreto e o abstrato na *Traumdeutung*.

*processos oníricos*, no seu esquema do arco-reflexo. (POLITZER, 1975, p. 73) Mostraremos tal esquema, com a finalidade de tornar explícito o que está sendo referenciado, mas não entraremos em um detalhamento sobre como ele funciona, nos termos Freud. Restringimos os interesses de pesquisa sobre o quê Politzer entendeu de sobre o capítulo VII da *Traumdeutung*. Eis o artifício que Freud (1996, p. 567) apresenta no famoso capítulo VII:



Conforme a *Crítica*, antes deste capítulo, Freud procurou *interpretar* o sonho. Entretanto, daí em diante tenta *explicá-lo* a partir de seu esquema. Politzer (1976, p. 74) recupera a passagem neste capítulo em que Freud anuncia o momento da transição de seu interesse do campo da *compreensão* para o campo da *explicação*:

Temo-nos ocupado da investigação do sentido escondido dos sonhos, do caminho que permite reencontrá-lo e dos meios utilizados pelo trabalho do sonho para disfarçar. As exigências da interpretação dos sonhos foram até agora o centro do nosso interesse.

A partir deste momento na *Traumdetung*, Politzer vê a tendência ao campo *compreensivo* (da psicologia concreta) como abordagem do campo psicológico, sendo substituída por uma tendência *explicativa* (da psicologia clássica). Freud quer explicar o quê? Justamente o sonho enquanto fenômeno psicológico. Porém surge um novo problema. Pois, na interpretação dualista de Politzer, *explicar* um fato psicológico, significa para Freud integrá-lo em leis conhecidas da psicologia da época. Logo, o pontapé de Freud mostra-se como uma tentativa de reintegração das descobertas psicanalíticas, porém prestando-se de todo o escopo clássico. Aquilo que aparentava ser uma mudança absolutamente radical é contrariado em Freud de forma natural, como se pertencessem a um mesmo regime. Para Politzer, o fato de se procurar uma explicação para suas descobertas, o reconduziu às masmorras da psicologia clássica, que era o conhecimento disponível em seu tempo. Portanto, ao tender a *explicar* o sonho, Freud estaria transformando-o num fato estritamente natural, e não num fato psicológico. (POLITZER, 1976, p. 74)

Se seguirmos esta proposição, significa dizer que a psicanálise não poderia em quaisquer condições prestar-se a teorizar sobre a explicação dos dados obtidos através de sua experiência clínica? Se assim fosse, isso só poderia ser feito se existisse uma originalidade da psicanálise no plano da explicação. Mas isso só aconteceria sob a condição de a psicologia clássica não poder incluir os novos fatos descobertos por Freud ao seu escopo teórico-explicativo disponível.

Politzer (1975, p. 74) cita Freud no início do capítulo VII e deixa-nos reticentes sobre este ponto: “É-nos impossível explicar o sonho enquanto fenômeno psicológico, pois explicar significa reduzir ao que já é conhecido; ora não existe nenhuma noção psicológica à qual possamos ligar elementos a que chegou a nossa análise”.<sup>27</sup> Eis o problema: 1) por um lado Freud reconhece que não há como *explicar* o sonho enquanto fenômeno psicológico, pois explicar significa recorrer à psicologia clássica, portanto reduzir o sonho a um fato eminentemente orgânico. 2) Por outro, o que Freud faz em seu capítulo VII é precisamente apresentar o sonho nos termos do seu esquema arco-reflexo, que Politzer enxerga como um franco retorno à psicologia clássica. O filósofo lê nisso, não uma originalidade da psicanálise ou um uso específico que Freud fez das ciências naturais. Politzer vê isso como um erro, pois esta insuficiência que Freud reconhece na psicologia clássica não é apresentada como constitutiva, mas apenas uma imperfeição momentânea que poderá ser remediada. Politzer aponta que quaisquer que sejam as novidades propostas por Freud em termos de alargamento e revisão de concepções clássicas, é uma atitude que acaba por manter intactos os fundamentos da psicologia clássica, sendo isso um problema. Um erro de Freud. (POLITZER, 1976, p. 75)

Neste trabalho de recuperação das linhas da *Traumdeutung*, Politzer (1975, p. 75) comentou que passagens como estas, evidenciam anseios do autor em responder ao ideal científico dos psicólogos do final século do XIX — através de suas elaborações. Para Politzer este ideal é conhecido, pois caracterizava-se por sérias tendências a devaneios de ordem fisiológica, energética e quantitativa. Buscavam um mecanismo psíquico que se

---

<sup>27</sup> A tradução da *Editora Imago* nos propõe palavras diferentes nesta citação, as quais ajudam-nos para a compreensão do que Freud (1996, p. 539) pretende dizer: “Não há possibilidade de *explicar* os sonhos como um processo psíquico, uma vez que explicar algo significa fazê-lo remontar a alguma coisa já conhecida, e não há, no momento, nenhum conhecimento psicológico estabelecido a que possamos subordinar aquilo que o exame psicológico dos sonhos nos habilita a inferir como base de sua explicação”.

assemelhassem a esquemas que a ciência física se servia em suas explicações. (POLITZER, 1976, p. 75)

Isso mostra que na visão do crítico da psicanálise, Freud não pôs em dúvida o edifício central da psicologia clássica. Incrivelmente preciso, Politzer (1976, p. 76) destacou que “apenas se pôs em causa as teses e nunca os fundamentos” da psicologia clássica. Outro exemplo que elucida esta ideia, é o que Freud fez no capítulo I da *Interpretação*, ou seja, uma revisão extensa da literatura que tratava sobre o problema dos sonhos. No caso, a literatura clássica do assunto. Para o filósofo, no capítulo em questão Freud efetivamente citou tese por tese sem adentrar na problemática de seus fundamentos.

Por outro lado, Freud admitia que a psicologia clássica devia ser sujeita a um trabalho de crítica teórica, porém considerava que este trabalho deveria ser de revisão e alargamento e não de desmonte, como propunha Politzer (1976, p. 76). Exatamente por essa escolha, no olhar do crítico da psicanálise, Freud não considerou que em seu trabalho especulativo, apenas refazia em sentido contrário o caminho de suas próprias descobertas, julgando que através disso havia logrado uma *explicação* utilizando vias puramente formais que mecanizavam o funcionamento psíquico, justamente como ditavam os moldes da ciência da época.

Nesta direção, Politzer (1976, p. 77) entendeu que “a posição teórica de Freud estava nos antípodas daquela que informa a nossa crítica”.<sup>28</sup> Enquanto ele pretendia desenvolver a psicologia que está contida nos fatos e método psicanalítico, curiosamente no entendimento do filósofo húngaro, a Freud (em meados de 1900) interessava apenas o problema inverso. Ou seja, preocupava-se em definir as descobertas psicanalíticas nos termos da psicologia clássica, sendo esta uma atitude que conduziu a psicanálise a uma contradição, a um antagonismo que Politzer contestou, e mais que isso: *construiu toda a sua crítica em cima deste diagnóstico*, ainda que tivesse feito as devidas ponderações sobre sua própria interpretação da obra de Freud.

Para ele, há duas razões que tornaram inevitável esta postura de Freud. A primeira, devido às ideias da época, as descobertas psicanalíticas surgiram-lhe como fatos psicológicos no sentido clássico. E em segundo, por escolher deter-se sobre a psicologia de um fato

---

<sup>28</sup> Lacan (1998, p. 72) escrevera em *De nossos antecedentes*, algo de fato muito semelhante: “Eis aí a pergunta em que se poderia anunciar a retomada pelo avesso do projeto freudiano em que recentemente caracterizamos o nosso”.

psicológico depois de já estar concluída a obra verdadeira e criadora (concreta), este fato contribuiu para que a impotência e limitação da psicologia clássica não se tornasse evidente. É por esta razão, que um psicanalista cuja ocupação efetivamente seja a prática do método psicanalítico, tem como efeito necessariamente ir ao encontro da contradição que se verifica existir na metapsicologia freudiana, assinalou Politzer (1976, p. 78). Ao que tudo indica, quando Politzer fala neste antagonismo existente em Freud, seu comentário se dirige a um choque antagônico expresso no plano teórico-técnico. Contudo, para Freud pelo menos no que concerne ao interior da psicanálise, essa contradição não era aparente, e nem compunha parte de sua intenção, de acordo com Monzani (1989, p. 71) e Lacan (2010, p. 99).

De forma paralela, apesar de símile, nota-se que a *Crítica* de Politzer anuncia já de início um caráter preliminar que não tinha como intenção uma apresentação dogmática do programa teórico da psicanálise, nem de propor novas formulações para a mesma, mas apenas traçar uma *nova orientação*.

#### 2.4 - Esquemas dramáticos

Apesar do sistema metapsicológico de Freud estar repleto de conceitos que promovem *explicações*, para Politzer (1976, p. 91) alguns deles foram aproveitados como modelo de representação do que ele chamou de *esquema dramático*, que lhe auxiliariam a propor exemplos passíveis de demonstrar que as noções e *explicações concretas* existem na psicanálise, apesar das *explicações abstratas*, propondo assim uma oposição de modelos explicativos.

É o caso dos *esquemas dramáticos* que Politzer (1976, p. 95) afirmou existirem no interior da psicanálise. Para ele, os melhores casos demonstrativos destes *esquemas* seria o *Complexo de Édipo* e a *Identificação*. O primeiro, além de ser um dos conceitos mais caros da psicanálise, é também justamente um dos exemplos mais notáveis do que Politzer (1976, p. 95) entendeu por *esquema dramático*. Sem demora, a dúvida é posta: esquematiza-se o que? Dramatiza-se o que neste esquema?

O *Complexo de Édipo* um exemplo de *esquema dramático* que estrutura a cena de ambivalência afetiva com outra pessoa (pai ou mãe). Neste sentido, o alcance concreto do conceito reside em poder aplicar um *esquema genérico* — mas não abstrato — e interpretar assim, um *ato do eu (je)*. O complexo de Édipo é um conceito freudiano capaz de encenar o

sujeito em uma determinada situação. Ele cria uma cena em que o sujeito protagoniza, e bota em marcha um ato do *je*.

No caso da *Identificação*, com Politzer (1976, p. 92) vemos que se trata de uma operação que consiste “no facto de ‘o eu absorver, por assim dizer, as propriedades do objeto’”. Como por exemplo, uma criança “que teve a desgraça de perder um gatinho de estimação declarou ser ela própria o gato, começou a andar a quatro patas, deixou de querer comer à mesa”. (POLITZER, 1976, 92) O exemplo de Freud, recuperado por Politzer, evidencia o plano do sujeito que incorpora o objeto perdido, e assim, passa a comportar-se como ele em seu *drama*.

Lá onde tudo parece resolvido, Politzer faz lembrar que não convém confundir a identificação freudiana com a *imitação* da psicologia clássica. Nesta última, trata-se da “passagem imediata de uma percepção, normalmente visual, a um movimento que reproduz a causa da percepção (...)” (POLITZER, 1976, p. 92) Ou seja, o autor chama a atenção para o fato da imitação clássica descrever elementos isolados como protagonistas da cena ao invés do eu (*je*), tendo assim, como efeito primário a abstração e secundário a eliminação do sujeito desta cena. Detalhe este que não acontece na identificação, pois ela “constitui essencialmente um acto com um sentido: o sujeito procura ser alguém ou algo diferente de si mesmo (...)”. (POLITZER, 1976, p. 93) Nestas situação, o sujeito está longe de ser eliminado do drama, pois ele encontra-se totalmente implicado na trama da identificação, que se torna não apenas uma parte afetiva de sua vida, como ainda também mostra-se ser a chave de toda uma série de atitudes que só ela pode ajudar a compreender.

Para fins elucidativos, um exemplo de *imitação* conforme a leitura da psicologia clássica, poderíamos mencionar a obra de Spitz (1998). Psicanalista e médico austríaco que se dedicou a estudar o desenvolvimento primário do psiquismo em seu livro *O primeiro ano de vida* (1979). Poderíamos retirar de sua obra um exemplo de imitação clássica quando ele menciona a reação ao sorriso exibida pelo bebê frente ao sorriso da mãe. Ele ressaltou em sua tese, que tal sorriso acontece por um reflexo de estímulo-resposta que o bebê apresenta frente a qualquer imagem (*gestalt*) de rosto humano. Seja este rosto, da mãe, do pai, ou de qualquer outra pessoa, e até mesmo uma máscara humana, conforme mostram seus experimentos. Neste sentido, através de uma perspectiva politzeriana, o entendimento do autor é um exemplo de imitação, uma vez que seu esquema não supõe um sujeito na ação. Pelo contrário,



abstrai o mesmo e imperam respostas reflexo-orgânicas ao invés de um eu na *primeira pessoa*. (SPITZ, 1998, p. 94)<sup>29</sup>

Contanto, é neste sentido que a identificação nos conduz “à vida do indivíduo particular, pois só esta nos permitirá reconstruir o seu *significado*”. (POLITZER, 1976, p. 94) São essas condições que fazem Politzer (1976, p. 94) considerar que “a identificação é portanto uma noção concreta, em acordo com o próprio drama humano; por outras palavras, constitui *um segmento da vida do indivíduo particular*”.

Politzer (1976, p. 95) encontrou desta forma, na noção de *Identificação* e na de *Complexo de Édipo* dois exemplos que satisfazem condições da psicologia concreta. Ambas se mantêm no plano do eu (*je*) e “são talhadas de acordo com a própria matéria do drama humano”. Seguindo estas condições, acabam por não manter nenhum vestígio do *realismo* da psicologia clássica. Para o filósofo, nenhuma das duas concepções representam dados de uma percepção coisificada e não tem nenhuma relação com uma realidade psico-química: “A realidade a que se reportam é a própria realidade do drama humano, a do *significado* que faz de um *conjunto de movimentos, uma encenação humana*”. (POLITZER, 1976, p. 95)

Para este crítico da psicologia, o aspecto mais notável desta discussão é justamente que a *Identificação* e o *Complexo de Édipo* sejam precisamente *noções concretas*. Isso era válido tanto para Politzer, quanto para Lacan conforme observou Bianco (2016, p. 33): “Para Lacan, que seguiu Politzer ao pé da letra, tanto o Complexo de Édipo quanto a Identificação constituem os dois principais modelos que demonstram a existência de noções “concretas” na psicanálise”.<sup>30</sup>

Sendo assim, aos olhos de Politzer (1976, p. 98), Freud satisfaz a exigência da psicologia concreta segundo a qual “*as noções mais elementares devem ainda ser actos, actos do ‘eu’ [je] e dos segmentos da vida dramática*”. No lugar de considerar tais conceitos como ponto de partida de uma análise ao estilo da psicologia clássica (formal), transforma-as em *noções elementares*, e com este artifício passa a poder reconstituir analiticamente

---

<sup>29</sup> Spitz (1998, p. 95) ao descrever tal experiência esboça alinhamento com estratégias da psicologia clássica: “Estas experiências mostraram definitivamente que não é o rosto humano como tal, ou mesmo o rosto humano como um todo, mas uma configuração específica no rosto que desencadeia a reação de sorriso no bebê. Esta configuração consiste na região testa-olhos-nariz. Essa Gestalt-sinal concentra-se em torno dos olhos. Acredito que o elemento olho dessa configuração é da natureza estímulo-chave de um IRM (Innate Releaser Mecanism) como foi definido antes, provavelmente com valor de sobrevivência”.

<sup>30</sup> “Pour Lacan, qui suit Politzer à la lettre, tant le complexe d’Édipe que l’identification constituaient les deux principaux modèles qui démontraient l’existence de notions « concrètes » en psychanalyse”. (BIANCO, 2016, p. 33) [Tradução nossa].

comportamentos tão complexos como o amor, como no caso do *Complexo de Édipo*. Em poucas linhas, Politzer (1976, p. 98) traça o plano em que opera a psicologia concreta:

Ora a identificação e o complexo de Édipo constituem precisamente actos do 'eu' [je] e segmentos da vida do indivíduo particular; é portanto assim que a psicologia concreta se torna apta a analisar o drama sem o transformar em drama impessoal. Os 'elementos' de que se serve são precisamente esquemas na primeira pessoa.

Ainda assim, o que Politzer (1976, p. 91) fez em seu escrito foi isolar certos pontos da psicanálise e avaliá-los especificamente conforme seus interesses. Ele mesmo escreveu que não lhe interessava listar todas as noções e explicações concretas possíveis de se encontrar na obra de Freud, mas sim, que sua intenção era a de dar alguns exemplos e mais especialmente apresentar *modelos* passíveis de demonstração de que as noções e explicações concretas existem na psicanálise.

É por este motivo que Politzer (1976, p. 98) advertiu ao seus leitores que trechos como os referidos sobre o caso da *Identificação* e do *Complexo de Édipo*, o leitor deve entender que, certamente é verdade que as noções referidas foram concebidas por Freud no mesmo nível de outras noções cuja origem é abstrata. Porém, foi exatamente esse o tentame de Politzer: separar, isolar, traçar no interior da psicanálise uma *nova orientação* possível para a mesma. E para isso, ele não propôs nada de novo em termos conceituais, mas apenas e simplesmente uma ênfase em um determinado sentido que já havia sido trilhado por Freud, mas que ao seu ver havia sido extraviado por razões de fundamentação, como no seu regresso aos moldes da psicologia clássica para aceitação acadêmica de suas ideias. Afinal a psicologia clássica era justamente o saber válido e disponível na época em que Freud escreveu a *Traumdeutung*.

Dito isso, no fim do quinto capítulo da *Crítica*, Politzer (1976, p. 100) ao invés de estabelecer uma posição mais clara, aponta para o contrário. Faz afirmações que se mostram problemáticas do ponto de vista *técnico* da psicologia concreta:

A questão essencial é que elas [as noções concretas] não só revelam que a psicologia concreta é susceptível de formular exigências que não satisfaz e de conceber um método em que ela é a primeira a não poder aplicar, como também que a psicologia está apta a analisar, de acordo com suas próprias exigências, o drama humano que ela institui em seu domínio por excelência. (POLITZER, 1976, p. 100)

Segue, no último parágrafo dizendo que:

Estas noções e a maneira como Freud se utiliza delas nas suas explicações mostram-nos que uma psicologia que apenas se ocupe do drama humano e que só faça intervir nas suas explicações conceitos que, apesar de 'elementares', já representam actos humanos, em suma, *uma psicologia que se coloca sempre neste plano, quer na*

*investigação dos factos quer na sua elaboração teórica, é perfeitamente viável, tanto mais que já hoje vigora. Estando assim, resolvida a questão de princípio, todo o resto se resume a um problema técnico.* (POLITZER, 1976, p. 100)

Quiçá, foi exatamente neste “problema técnico” que Politzer não conseguiu avançar em sua empreitada.<sup>31</sup> O que não significa que tenha feito pouco. Muito pelo contrário, foi capaz de elaborar uma crítica ímpar sobre a obra de Freud na história da psicanálise e mais especificamente, ocasionou grande impacto na psicanálise francesa, conforme apontou o trabalho abissal pleiteado por Roudinesco (1998, p. 72), que possibilitou a recuperação do nome desta figura e obra controversa.

Roudinesco (1998, p. 81) indicou que o projeto de Politzer não tem como ser concluído pois ele não tem outro objetivo a não ser desvendar os impasses da psicologia. De fato, o próprio autor abandonou o empreendimento e passou a dedicar-se à economia política a partir do marxismo, tendo como efeito um rechaço das questões relacionadas à psicologia e à psicanálise. A historiadora da psicanálise reconhece o feito do filósofo e os efeitos que sua obra teve no cenário parisiense e levanta uma questão importante: "Acaso teria ele consumado esse gesto por não ser verdadeiramente um psicólogo?" (ROUDINESCO, 1998, p. 80)

É notável o feito se avaliarmos do ponto de vista de nossos dias. Pois de fato, seu texto produziu certo impacto na história da psicanálise francesa, e foi feita justamente por um autor que não era psicólogo, não era psicanalista, e nem mesmo existem indícios de que tenha feito análise.<sup>32</sup> Mesmo assim, isso não impediu que este fervoroso leitor de Freud produzisse um livro decisivo que diagnosticou problemas no campo da psicologia e psicanálise. Perante a pergunta: "*o que orienta a psicanálise em termos teórico-técnicos?*", Politzer dá sua enfática resposta: o que orienta a psicanálise é uma tendência de psicologia, chamada por ele de *psicologia concreta*.

---

<sup>31</sup> Roudinesco (1998, p. 80) explicou que: "Para Politzer, o engajamento no marxismo conduz progressivamente a uma dupla renúncia: à psicologia concreta, cuja elaboração se revela impossível, e ao freudismo, que já não têm razão de ser como instrumento crítico".

<sup>32</sup> A expressão "fazer análise" aqui, significa fazer um tratamento com um analista. Um dos poucos registros que foi possível encontrar, foram as palavras de Roudinesco (1998, p. 76) que contam que Politzer realizou: "uma prática enfurecida de auto-análise". Sendo assim, nada indica que o húngaro tenha sido escutado por algum analista.

*“Eu não procuro, acho”.*  
(PICASSO apud LACAN, 2008, p. 15)

## PARTE II

### CAPÍTULO 3: LACAN E A CRÍTICA À PSICOLOGIA DO EU

#### 3.1 - O esquecimento do princípio do descentramento do sujeito

Em seu *Seminário 2*, Lacan se pôs a ler e comentar textos de Freud. Um deles, foi a *Traumdeutung*. Sendo assim, perante o “por onde vocês querem ir?” de Freud (1996, p. 157), extraímos de Lacan, uma resposta em seus termos: um caminho é o *simbólico*, outro é *imaginário*, e há ainda uma terceira via, o *real*. Ao ler o sonho da injeção de Irma, Lacan deparou-se com estes três sistemas de referência. E ainda, viu neste sonho duas figuras: um *moi* e um *je*. É verdade que os mesmos *moi* e *je* já foram utilizados e conceituados por Politzer. Frente à isso, é inevitável indagarmos: teriam eles, o mesmo sentido em Lacan? Afinal, do que se trata essa coincidência de termos? Casualidade, aparência?

Em seu *Seminário 2* de 1954, o autor tem como objeto de seu interesse a noção de eu.<sup>33</sup> Para tanto, Lacan (2010, p. 11) lança-se a um exame das concepções “pré-analíticas” deste conceito com a finalidade de introduzir precisamente a diferença que marca esta mesma noção, que em seu ver a partir de Freud, houve a introdução de algo “radicalmente novo no que se refere a esta função”. Para Lacan (2010, p. 12), as novas perspectivas que Freud fora fundador, tinham por vocação abolir as precedentes, tal como para Politzer (1975, p. 40),

---

<sup>33</sup> Optei por reproduzir na íntegra a nota de rodapé estabelecida pelos tradutores do *Seminário 2*, Antonio Quinet e Marie Laznik Penot (2010, p. 440), dada a importância desta delimitação conceitual para nosso texto: “A questão da tradução em português das três instâncias da tópica freudiana: *ich*, *uber-ich* e *es*, cuja tradução em francês é *moi*, *surmoi* e *ça*, já foi abordada quando das precedentes traduções dos Seminários de Lacan. A proposta feita por M.D Magno e aceita por Betty Milan foi a de empregar os pronomes da própria língua para a qual se estava traduzindo, ou seja, no caso do português, o *eu*, o *super-eu* e o *isso*. Segundo eles, nada justificava o emprego dos termos latinos de *id*, *ego* e *super-ego*, introduzidos pela tradução inglesa. Esta correção pareceu ousada na época porque ia contra os hábitos adquiridos, dado que, em geral as obras de Freud publicadas em português não foram traduzidas a partir do original, e sim da tradução inglesa. Esta retificação mostrou ser, no entanto, vanguardista, já que há atualmente nos próprios países anglo-saxões um movimento que contesta a oportunidade da habitual tradução latina dos pronomes alemães. Empregamos, pois, o *eu*, o *supereu* e o *isso*.”

Porém a tradução deste *Seminário II* teve de enfrentar um problema específico quanto ao emprego do pronome *eu*. A língua francesa distingue entre os pronomes pessoais da primeira pessoa o *je* do *moi*. O *je* funciona estritamente como sujeito, enquanto que o *moi* pode ocupar todas as funções, inclusive, por vezes a de sujeito. Lacan, neste seminário, vai utilizar esta diferença na língua francesa para distinguir o sujeito do inconsciente, que ele vai chamar de *je*, o sujeito por excelência, aquele que deve advir no lugar do *isso* na consagrada fórmula de Freud: *Wo es dar soll ich werden*, do *moi*, função imaginária. Para não termos de recorrer às formas derivadas do *eu*, como o *me*, o *mim* etc., o que implicaria uma nova revisão da tradução das três instâncias psíquicas, que não se justifica, tivemos de apelar para um artifício. Todas as vezes que tivermos em francês o termo *moi*, empregamos o *eu*, articulando-o sempre que possível mesmo que o artigo não esteja no texto francês. Ao passo que quando se tratar do *je*, sujeito do inconsciente, empregaremos o [eu] sem artigo entre colchetes, mesmo que haja artigo no texto original. Isto para indicar que se trata do sujeito na primeira pessoa, o qual em português aparece em geral oculto. *Escrevo*, dizemos, e não *eu escrevo*, senão quando queremos enfatizar. *Eu* entre colchetes, portanto, para lembrar que este sujeito pode muito bem deixar o lugar vago. Se isto é verdade quando se trata do sujeito do verbo, é ainda mais verdade quando se trata do sujeito do inconsciente que só se manifesta para tornar a desaparecer”.

quando escreveu que “a psicanálise, longe de ser um enriquecimento da psicologia clássica, é precisamente a demonstração de sua derrota”. No entanto ao notar a situação da formação em psicanálise no início da década de 50, Lacan vê que algo ocorreu relacionado ao manejo dos termos teóricos. Algo que teve como efeito, o reaparecimento de uma noção de eu que remontava a psicanálise às psicologias pré-analíticas. A seu ver, o *eu* que reapareceu nas publicações:

(...) não é, de modo algum aquela que o equilíbrio do conjunto da teoria de Freud comporta, e que pelo contrário, tende à reabsorção, como aliás se diz muito abertamente, do saber analítico dentro da psicologia geral, o que significa, neste caso, a psicologia pré-analítica. (LACAN, 2010, p. 12)

Nesta primeira passagem, Lacan faz referências à psicologia geral e à psicologia pré-analítica. Aquelas mesmas que serviram de base para a *Crítica* de Politzer, afinal a “psicologia clássica” era a psicologia pré-analítica. Em certo sentido, é cabível dizer: Freud, Politzer e Lacan criticaram a mesma escola de pensamento. Ainda que a diferença de terminologia seja sutil, e que tenham feito críticas a outras escolas de pensamento em psicologia, algo permanece: todos apontam problemas para o mesmo período da história da psicologia, ainda que com problemas em níveis diferentes.

O *Seminário 1* é marcado por uma discussão em torno da técnica analítica, enquanto que o *Seminário 2* aprofunda esta mesma discussão, a partir da retomada do conceito de *eu* na teoria de Freud. Vejamos a seguir, outro detalhe no discurso de Lacan em 1954:

A que ponto chegamos hoje? A uma cacofonia teórica, a uma surpreendente revolução de posição. E por quê? Antes de mais nada, por que a obra de metapsicologia de Freud, posterior a 1920, foi lida às avessas, interpretada de maneira delirante pela primeira e pela segunda geração depois de Freud - essa gente insuficiente. (LACAN, 2010, p. 21)

Lacan não poupa certos autores pós-freudianos em seus comentários. Na citação em questão, trata-se de uma menção ao problema levantado um ano antes em *Seminário 1*: os *psicólogos do eu*. Esses são os que leram Freud “às avessas” e ocuparam-se de uma análise do eu como representante da consciência. Portanto a análise não era orientada para aquilo que faz tropeçar o discurso. Tratava-se antes de uma análise voltada para a interpretação das resistências. Sendo assim, a direção do tratamento consistia em uma superação de mecanismos de defesa do eu, que entram como impeditivos ao progresso do tratamento. Uma orientação que tinham como norte, tornar consciente aquilo que era inconsciente, rumo à uma

*adaptação* do eu. O resultado, por fim, era uma retomada na centralidade do eu como orientação da análise. (LACAN, 2009, p. 29)<sup>34</sup>

Para Lacan (2010, p. 22) a “crise da técnica analítica” se dá após 1920, ano da publicação de *Além do princípio do prazer*. Texto que estabeleceu uma virada no pensamento de Freud, com a noção de *pulsão de morte*, que pode ser entendida como uma tendência do aparelho psíquico a restabelecer um estado anterior, inorgânico, ou uma tendência à inércia e vinculação total do estímulos recebidos pelo aparelho. Neste caso, o que Lacan viu neste conceito, era que ele oferecia uma direção que mantinha o mais abissal da descoberta freudiana: o princípio do descentramento do sujeito. Lacan entende que a psicologia do eu desconsiderou esta tese. Logo, se a noção de pulsão de morte foi posta de lado por esta geração, ele considera que este detalhe é central para entender o porquê tais psicólogos optaram por uma salvação do *eu* como orientação teórico-técnica. Pois, ao ignorarem a tese de 1920, se afastaram do princípio do descentramento do sujeito:

Freud introduziu a partir de 1920 as noções suplementares, então necessárias para manter o princípio do descentramento do sujeito. Mas longe de ser entendido como devia, houve uma abalada geral, verdadeira libertação dos escolares — *Ah! Ei-lo de volta, esse euzinho boa-praça! Ei-nos de novo norteados — Voltamos para as trilhas da psicologia geral*. E como não voltar com alegria, quando esta psicologia geral não é apenas um assunto de escola ou de comodidade mental mas, justamente, a psicologia de todo o mundo? Ficou-se contente em poder acreditar de novo que o eu era central. (LACAN, 2010, p. 22)

Esta passagem demarca uma ligação importante. Se Lacan dirigiu uma crítica aos *psicólogos do eu* desde 1953, é por que identificou nas teses destes autores um retorno à psicologia geral e isso significava uma recusa da experiência freudiana. Para Lacan (2010, p. 26), isso representava uma “tentativa de sincretismo” entre psicologia geral e psicanálise. Como fazer isso, se a primeira opera no nível do indivíduo (*moi*), a segunda opera no sujeito (*je*)? Nesse sentido, tanto Lacan quanto Politzer consideram que a psicanálise opera num plano radicalmente distinto daquele da psicologia pré-analítica e confundir este terreno é transformar a psicanálise em psicologia:

A ideia de um desenvolvimento individual unilinear preestabelecido, comportando etapas que vão aparecendo a cada qual por sua vez conforme uma tipicidade determinada, é pura e simplesmente o abandono, a escamoteação, a camuflagem, a denegação propriamente falando, e inclusive o recalque, daquilo que a análise trouxe de essencial. (LACAN, 2010, p. 26)

---

<sup>34</sup> Para Monzani (1989, p. 290), os psicólogos do eu deveriam ser denominados como psicólogos adaptativistas.

O desenvolvimento individual tem seu estatuto calcado no mecanicismo biológico. O problema teórico de não distinguir aquilo que é da ordem do indivíduo (*moi*) e aquilo que é da ordem do sujeito (*je*), é o que conduz a um problema em torno da técnica. “Freud nos diz — o sujeito não é a sua inteligência, não está no mesmo eixo, é excêntrico. O sujeito como tal, funcionando como sujeito, é algo diferente de um organismo que se adapta”. (LACAN, 2010, p. 19) O que nos indica os textos de Freud, é que "o sujeito está descentrado com relação ao indivíduo". (LACAN, 2010, p. 19) Tal passagem de Lacan faz referência a Freud (1966, p. 153) em *Uma dificuldade no caminho da psicanálise* (1917), quando escreveu que o eu não é senhor da sua própria casa.

Frente esse cenário de obturação da experiência analítica, Lacan (2010, p. 121) se pergunta: "o que será que análise desvenda — se não é a discordância fundamental, radical, das condutas essenciais para o homem, com relação a tudo o que ele vive?". Para o psicanalista a “dimensão descoberta pela análise é o contrário de algo que progrida por adaptação, por aproximação, por aperfeiçoamento. É algo que vai aos saltos, aos pulos”. (LACAN, 2010, p. 121) É neste contexto, entre 1953 e 1954, que Lacan ocupava-se de uma recuperação da experiência freudiana. Tendo ele elencado um problema, se pôs a realizar seminários que se propunham a ler textos de Freud. Como ele mesmo disse já no início das lições de 1954: “não se esqueçam de que se trata aqui de um seminário de textos”. (LACAN, 2010, p. 12)

Como já dito, a partir da *Traumdeutung*, Politzer cindiu a psicanálise em dois polos antagônicos e inconciliáveis que ficaram enfatizados no capítulo primeiro, terceiro e quinto da *Crítica dos fundamentos da psicologia* (1928). Sabemos da contribuição que Politzer teve na construção do pensamento de Lacan, em especial na sua tese de doutorado, *Da psicose paranoica em suas relações com a personalidade* (1932) a partir do brilhante estudo conduzido por Mariguela (2007), porém, isso não significa que estes atentos leitores de Freud tenham acordo amplo em suas leituras, ainda que hajam semelhanças e ressonâncias.

### 3.2 - Politzer e Lacan, leitores de Freud

Politzer aposta numa descontinuidade em termos teóricos, quando afirma que no seio da psicanálise há a oposição entre concreto e abstrato. Aprofunda sua posição, quando entende que uma nova orientação para a psicanálise deveria ser a construção de uma psicologia



concreta, que na prática, traduziria-se por uma psicanálise que teria uma teoria de inspiração puramente concreta, sem retornos às teorias clássico-abstratas. Em síntese, Politzer defende até as últimas consequências a desconsideração, a exclusão integral de qualquer resquício das psicologias pré-analíticas. O rechaço de Politzer era direcionado em especial à metapsicologia freudiana. Em suas palavras: “(...) é preciso que este abandono seja simultaneamente a renúncia à metapsicologia”. (POLITZER, 1976, p. 126)

Politzer faz uma divisão no plano teórico com a pretensão de produzir uma psicologia que tenha uma técnica que seja concernente a sua teoria. Foi isso que ele identificou de problemático na psicanálise. Para ele, as abstrações não tinham compatibilidade alguma com as descobertas concretas que transbordavam da experiência clínica de Freud. Politzer lê o sonho de injeção de Irma e não vê absolutamente nenhuma relação entre esta experiência e o modelo arco-reflexo de Freud. É como se o filósofo se indagasse: “*como relacionar a lógica de estímulo-resposta deste aparelho psíquico com a narrativa do sonho da injeção de Irma, sendo que a lógica da narrativa não corresponde à lógica deste esquema?*” Ou ainda, algo como: “*Há continuidade entre o capítulo II e o capítulo VII da Traumdeutung?*” *Qual a relação entre eles? Como ter um método de orientação concreta se a teoria é abstrata?*”.

Isso tem apenas um destino na construção de seu projeto: uma cisão completa entre duas tendências de pensamento que ele reconhece no pensamento de Freud. Sua saída é portanto, alinhar uma técnica e uma teoria que tenham fundamentação somente em uma tendência de psicologia, *la concrète*. Isso significa que Politzer só consegue estabelecer uma relação entre teoria e técnica com a condição de negar uma parte do livro de Freud. Isso significa também, negar uma tendência de teorias de Freud.

Notemos um detalhe. O capítulo II da *Traumdeutung* é precisamente um capítulo sobre método, como diz seu nome, *O método de interpretação dos sonhos: análise de um sonho modelo*. Já o capítulo VII, *A psicologia dos processos oníricos* é um capítulo cuja elaboração teórica demarca a diferença do Inconsciente freudiano. É a sua característica de

*sistema* que marca sua diferença em relação às outras concepções.<sup>35</sup> Portanto, Politzer partidariza sua leitura, para poder dar consistência ao seu argumento. Escreveu ele, no último parágrafo do quinto capítulo da *Critique*, que tendo resolvido o problema da psicologia concreta em termos de elaboração teórica, todo o resto seria um problema técnico. (POLITZER, 1976, p. 100)

Ora, a técnica é o ponto limite da *Crítica* de Politzer. É precisamente aí que seu projeto não logrou avançar, enquanto nas mãos do criador. Politzer (1976, p. 128) o legou ao futuro: “(...) é lícito dizer que do ponto de vista técnico, tudo está por fazer. Os progressos técnicos recairão certamente sobre a maneira de conceber os fundamentos”. Desde seu esforço, foi capaz de propor um problema teórico e apontar um caminho de orientação para se pensar a técnica, porém não o praticou. Afinal, Politzer não era praticante de psicanálise, nem mesmo se submeteu a um processo analítico, conforme já fora mencionado, segundo Roudinesco (1998, p. 76).

Se para Politzer, notamos a partidarização a uma tendência de teorias, e a tese de uma cisão na construção teórica da psicanálise, em Lacan vemos outro tipo de interpretação dos textos de Freud. De entrada, para Lacan (2010, p. 12) “(...) teoria e prática não são separáveis (...)”. Eis uma primeira, e talvez importante diferença entre ambos. Neste seguimento, considerando que a obra de Lacan é significativamente mais extensa que a de Politzer, e seus comentários contemplam uma visão da psicanálise a partir de textos que Politzer não teve acesso, podemos dizer que Lacan em sua leitura aposta em uma junção entre teoria e técnica. E mais que isso: entende tais campos de forma inseparável.

Outro contraponto entre ambos, que pode ser mencionado através da resposta de Lacan (2010, p. 99) a Jean Hyppolite no *Seminário* de 1954, momento em que o filósofo francês comentava que em sua leitura haviam “dois homens em Freud”, fazendo referência a este conflito de tendências em seus textos. Lacan (2010, p. 99) diz não crer que para Freud

---

<sup>35</sup> Lacan (2008, p. 31) em seu *Seminário II* diz que: “(...) no sétimo capítulo de *A ciência dos sonhos*, refere-se, ele próprio [Freud], a isto, em nota — quer dizer que é preciso olhar isso mais de perto para designar o que em Freud, se distingue. A todos esses inconscientes sempre mais ou menos afiliados a uma vontade obscura considerada como primordial, a algo de antes da consciência, o que Freud opõe é a revelação de que, ao nível do inconsciente, há de homólogo em todos os pontos ao que se passa ao nível do sujeito — isso fala e funciona de modo tão elaborado quanto o do nível consciente, que perde assim o que parecia seu privilégio”. Nesta mesma forma de compreender, Garcia-Roza (1985, p. 80) diz que: “Esse foi o momento em que o termo ‘Inconsciente’ deixou de ser empregado como adjetivo, designando a propriedade daquilo que estava fora do campo atual da consciência, para ser empregado como substantivo (*das Unbewusste*), designando um sistema do aparelho psíquico. A substituição da noção *descritiva* de inconsciente pelo conceito de inconsciente sistemático é um dos momentos fundamentais da construção teórica de Freud”.

havia conflito algum entre estas tendências. Para ele “não há pensamento menos oscilante do que o seu [Freud]”. (LACAN, 2010, p. 94). Apesar dos distintos níveis que Freud construiu em seu edifício teórico, Lacan aposta em um certo sentido de continuidade — o que não significa linearidade. Pois, para Lacan (2010, p. 96), Freud tinha a sua “ideiazinha”, e ele a segue à risca durante a construção de sua obra.

Para o psiquiatra e psicanalista francês, como consequência desse reaparecimento de uma certa noção de eu — que não condiz com a que Freud escrevera — a história da psicanálise dá testemunho de como a técnica reflete o que se compreende em termos teóricos. Como a compreensão dos conceitos havia sido aviltada, conseqüentemente a técnica e a direção da análise encontravam-se no mesmo estado. Precisamente por esse desvio da descoberta freudiana, a situação da psicanálise no início de 1950 foi a conjuntura em que Lacan decidiu retornar à Freud e reler seus textos. (LACAN, 2010, p. 12)

Lacan (2010, p. 14) comenta as noções de eu partindo da Antiguidade rumo à Modernidade, mirando alcançar o contemporâneo. Para Lacan (2010, p. 16) de Sócrates a Descartes produziu-se “uma noção cada vez mais puramente formal do eu e, em suma, a uma crítica desta função”. É neste ponto que Lacan (2010, p. 16) *à la* Politzer (1975, p. 40), qualifica a descoberta de Freud como uma *revolução copernicana*, pois ela representa a subversão de uma concepção formal do eu. Para Lacan (2010, p. 17), tanto a descoberta de Copérnico quanto a de Freud confluem para um mesmo efeito: o descentramento.<sup>36</sup>

### 3.3 - Quando o eu é dono na própria casa

Copérnico descentrou a Terra. Freud, o eu. Lá onde a psicologia clássica situava a soberania de um eu consciencioso, Freud posiciona o Inconsciente e vê nele um sujeito. Afinal, na letra de Lacan (2010, p. 17) em 1954, o que é o Inconsciente freudiano? Ele diz no *Seminário 2*:

o inconsciente escapa totalmente a este círculo de certezas no qual o homem se reconhece como um eu. É fora deste campo que existe algo que tem todos os direitos de se expressar por [eu] e que demonstra este direito pelo fato de vir à luz expressando-se a título de [eu]. Justamente aquilo que é o mais não reconhecido no campo do eu que a análise se chega a formular como sendo [eu] propriamente dito. Eis o registro no qual o que Freud nos ensina sobre o inconsciente pode adquirir seu alcance e relevo.

---

<sup>36</sup> Politzer (1975, p. 40) escreveu que: “o que se verificou porém não foi uma *evolução* mas sim uma *revolução*, embora uma *revolução* um pouco mais ‘copernicana’ do que se pensa”.

Um ponto que este texto não aprofundará, mas vale mencionar, é que no *Seminário 2*, Lacan propõe uma discussão sobre as tópicas freudianas, pensando-as a partir de outro ângulo. Qual? Precisamente, *moi X je* (ou eu X [eu]). A passagem acima denota Lacan chamando a atenção para este ponto, para a diferenciação entre os “eus”. Em seu retorno à Freud, ao comentar o *Entwurf* e a *Traumdeutung*, o seminarista nota que tudo é repleto de contradições. Imprecisões. Problemas. Nada do que ele lê aponta para uma linearidade. Sobre essa característica do texto de Freud, Lacan (2010, p. 18) segue comentando:

Tudo é terrivelmente embaraçoso porque, da perspectiva da comunicação, na época em que está começando a expressar-se, ele é forçado a partir da ideia de que aquilo que é da ordem do eu é também da ordem da consciência. Mas isto não é seguro. Se ele assim o diz é devido a um certo progresso da elaboração filosófica que, na época, formulava a equivalência *o eu = consciência*. Porém, quanto mais Freud avança em sua obra, menos consegue situar a consciência, e ele tem de acabar confessando que ela é, afinal das contas, insituável. Tudo se organiza, cada vez mais, numa dialética em que [eu] é distinto do eu”.

A consideração desta perspectiva do texto freudiano, caminha na contramão das leituras “delirantes” que Lacan (2010, p. 21) criticou. Isso por que este audaz intérprete de Freud optou em considerar que após 1920 com texto *Além do princípio do prazer*, Freud entra naquilo que foi considerado por ele o período final de sua teoria metapsicológica. Isso significa, que com a tese da pulsão de morte, a noção de ego foi revisitada, fazendo com que Freud tivesse noções suplementares em sua teoria para que se mantivesse o princípio do descentramento do sujeito. (LACAN, 2010, p. 22)

Se Politzer construiu uma *Crítica* fervorosa contra a psicologia clássica, a partir de uma perspectiva aberta por Freud, que criticava a *psicologia acadêmica* (ou psicologia da consciência), o discurso de Lacan mostra-nos que ele continuara com esta indicativa, ainda que com problemas distintos, num tempo distinto. Se retornarmos sua trilha, Lacan (2009, p. 26) em seu *Seminário 1*, profere nas primeiras aulas que:

Aqueles que encontram em posição de seguir Freud, coloca-se a questão de como as vias que herdamos foram adotadas, compreendidas, repensadas. Além disso, não podemos fazer de outra forma senão juntar o que traremos sob o título de uma *crítica*, uma crítica da técnica analítica.

Se Lacan (2009, p. 25) no contexto que já referimos, em seu primeiro seminário lança-se a uma discussão delongada em torno do conceito de eu em Freud, para obter disso um debate sobre a técnica analítica, é porque para ele:

É em torno da concepção de ego que gira, desde então, todo o desenvolvimento da técnica analítica, e é aí que é preciso situar a causa de todas as dificuldades que a elaboração teórica desse desenvolvimento prático coloca.

Portanto, justifica-se discutir a noção de eu em Freud a partir de Lacan e Politzer, para que se possa chegar em respostas sobre o que, afinal de contas orienta a psicanálise em termos teórico-técnicos. O conceito de eu historicamente mostrou-se como balizador no campo da psicologia (seja ela clássica, geral, acadêmica ou egológica) e da psicanálise — ainda que neste último caso, ele seja minorado. Junto disso, as sucessivas interpretações de obra de Freud geraram aproximações e afastamentos de sua descoberta original, fundante da psicanálise: de que o *sujeito* não é o *eu* — que fica melhor posto e compreendido em francês: *Le je n'est pas le moi*.<sup>37</sup> Entendemos que com Lacan é possível retomar esse caminho e que Politzer entreviu *algo* desse problema a partir de sua filosofia, ainda que hajam divergências entre o filósofo e o psicanalista.

Ainda sobre a psicologia do eu, Monzani (1989, p. 17) esquematizou uma recuperação de autores pós-freudianos, apontando como tais perspectivas tendiam a uma visão dentro de dois eixos gerais. De um lado, autores que entendiam que a obra de Freud era marcada por uma certa continuidade de pensamento, e por outro, autores que entendiam-na através de uma ruptura e uma incompatibilidade entre as tópicas. A segunda opção, em especial, produziu uma leitura mais conveniente e menos contemplativa da especificidade da organização do pensamento de Freud. Tais autores eram precisamente, os *psicólogos do eu*. Esta escola de pensamento acabou por privilegiar certos conceitos em detrimento de outros. Um exemplo disso, é terem situado o eu no centro de sua teoria e técnica, optando assim por uma orientação oposta à consideração do Inconsciente. Sendo assim, tal vertente é constituída por partidários de uma ruptura no pensamento de Freud. Sobre isso, Monzani (1989, p. 234) cita os autores Arlow e Brenner que privilegiaram a segunda tópica em relação a primeira, pois para eles:

não só a segunda tópica é superior teoricamente à primeira — de modo que quando há divergências entre ambas a segunda apresenta uma solução mais satisfatória — como também elas ‘não são nem compatíveis nem intercambiáveis entre si’.

Ao seguir as linhas de Freud em seu *Seminário 2*, Lacan apresenta uma alternativa de leitura da obra de Freud e indica a sua perspectiva da organização do pensamento do mesmo. Diferentemente da *psicologia do eu*, Lacan (2010, p. 37) entende a partir do *Esboço de psicanálise* (1940) [1938] que as tópicas se *recobrem* uma à outra. E não que uma substitui a

---

<sup>37</sup> Dada a dificuldade de tradução desta frase, Marie Christine Lasnik Penot e Antonio Luiz Quinet de Andrade (2010, p. 439) propuseram a tradução: “o eu não é um [eu]”.

outra. Eis a “ideiazinha” de Freud. Para Lacan (2010, p. 96), ele anda em círculos, ao redor da mesma coisa, porém, sempre que a retoma, é em outro nível, mais elaborado. Uma nova abordagem, da mesma coisa.<sup>38</sup> Lacan (2010, p. 96) denota que:

Há algo que o agita. E ele próprio no fim reconhece o caráter extraordinariamente especulativo de toda sua elaboração, ou mais exatamente de sua interrogação circular. Ele volta incessantemente às suas bases iniciais, e perfaz um novo círculo, e de novo reencontra a passagem, e enfim acaba por transpô-la, e ao tê-la transposto, reconhece que com efeito há algo aí que sai inteiramente dos limites do delineamento, e que não pode, de modo algum, fundamentar-se apenas numa referência à experiência.

Nesse movimento, Lacan diz que Freud ao seguir seu rumo é conduzido a posições que a ele próprio parecem contraditórias e que, em relação a algumas delas, ele retrocede. Lacan (2019, p. 61) conclui que: “Em suma, este movimento do pensamento de Freud, que não está acabado, que nunca se formulou numa edição definitiva, dogmática, é o que vocês devem aprender, por si mesmos a apreender.”

Se mesmo durante a própria vida de Freud (1996, p. 68), houveram diversas interpretações de sua obra, marcadas por concordâncias ou sérias divergências como foi o caso das famosas rupturas — com C. G. Jung por exemplo —, após sua morte a pluralização de leituras não diminuiu.<sup>39</sup> Os psicólogos do eu foram um desses grupos que Lacan escolheu para pautar sua crítica e conseqüentemente, propor a distinção de seu ensino e orientação. No *Seminário 2*, Lacan (2010, p. 28) fala sobre *tendências* em pelo menos dois sentidos. Num primeiro sentido, refere-se tanto as “tendências” de psicologia geral que se impregnaram na

---

<sup>38</sup> Em uma longa exposição teórica desde o início ao fim da obra de Freud, Monzani (1989) em seu livro *Freud: o movimento de um pensamento* (1989) avalia o mesmo assunto sob a ótica de um *movimento* específico. O autor propôs que uma forma de abordar a organização do pensamento de Freud poderia ser visualizada metaforicamente através do movimento do *pêndulo* e do *espiral*. Portanto, na obra de Freud, não se trata unicamente de *compreensão* do início ao fim como certos autores tentaram afirmar (ex: Paul Ricoeur). Tampouco unicamente de *explicação*. Mas sim, de um pensamento que se constrói de forma *pendular*, que por vezes enfatiza um lado, por vezes outro. O *pêndulo* movimentava-se em direção horizontal e é aplicado por Monzani (1989) para apontar a questão da progressão e regressão do pensamento de Freud, que retoma certos pontos inacabados, para então retificá-los após a experiência clínica ter modificado a teoria. Já o *espiral* movimentava-se em sentido vertical, e refere-se ao fato de Freud retomar um mesmo ponto que fora acabado outrora. Mas retoma-o sob outro ângulo. Num andar acima do *espiral*. Como por exemplo fez na passagem da primeira tópica para a segunda: aquilo que era Inconsciente, Pré-consciente e Consciente, tornou-se Id, Ego e Superego. Porém isso não significa um abandono da primeira teorização. O que Freud buscou era a possibilidade da coexistência dos dois modelos. Uma harmonização entre eles. (MONZANI, 1989, p. 289) Desta forma, não se trata de uma ruptura entre uma tópica e outra como entenderam os partidários da *psicologia do eu*.

<sup>39</sup> *A história do movimento psicanalítico* (1914).

psicanálise tendo originado a “egologia”.<sup>40</sup> Num segundo sentido, fala sobre as “tendências” de pensamento no interior da obra de Freud. (LACAN, 2010, p. 94) A esta última, podemos notar que foi também o interesse de Politzer, que debateu com tal assunto com seus próprios termos.

Mas, como de fato, se deu a “interrogação circular” do pensamento de Freud, que Lacan faz referência? Eis o ponto nodal. Se acompanharmos o desenvolvimento da noção de eu na obra de Freud, poderemos elucidar este processo, como um desdobramento decorrente da “dialética circular” entre teoria e técnica na obra de Freud? Nosso interesse aqui, é construir uma distinção entre *moi* e *je*, e nesta empreitada fomos conduzidos por Politzer e Lacan a nos debruçarmos sobre o modo particular de organização da obra de Freud e seu pensamento.

Para que Lacan (2010, p. 36) recupere a noção de eu em 1954, ele mesmo se vê obrigado a retomar as teorias de funcionamento do aparelho psíquico em Freud, que ele chamara de *esquemas freudianos do aparelho psíquico*. Eis o por que adentramos em uma comparação entre leituras distintas da obra freudiana. Trata-se de uma chave, para que se possa discutir a noção de eu, como fez Lacan.

Ele mesmo indica no *Seminário* de 1954, que em primeiro lugar será necessário que ele e seus interlocutores revisem o que Freud diz a respeito do eu, do início ao fim de sua obra. Ele indica que para tal ano, fossem lidas a coletânea de cartas entre Freud e Fliess e o *Projeto*, que para Lacan (2010, p. 36), representa a primeira teoria metapsicológica de Freud que já carrega consigo uma teoria do eu. Em segundo lugar, Lacan indica a leitura da *Interpretação*. Em terceiro lugar, indica a segunda metapsicologia de Freud, que ao seu ver é expressa nos textos: *Além do princípio do prazer*, *Psicologia das massas e análise do eu*, *O Eu e o Id*. Para ele, estes são os artigos fundamentais no que tangem a compreensão do eu. Por último, ele indica a leitura do *Esboço de psicanálise*, como sendo o texto em que demonstra como as tópicas freudianas se recobrem. (LACAN, 2010, p. 37)

---

<sup>40</sup> Podemos ver já em seu *Seminário I*, seus comentários sobre certas *tendências* de psicanálise, que ele se dispôs a debater no eixo teórico e técnico: “Nesse mesmo artigo, diz-nos que a interpretação, pelos analistas, de sua experiência, é naturalmente uma psicologia, ou uma caracterologia do próprio psicanalista. Não sou eu, pois que o digo, é ele quem o faz observar. O próprio autor nos dá testemunho para situar certas tendências atuais da teoria como da técnica”. (LACAN, 2009, p. 270)

*“Wo Es war, soll Ich werden (...) Lá onde estava, o Ich — o sujeito,  
não a psicologia — o sujeito deve advir”.*  
(LACAN, 2008, p. 51)



## CAPÍTULO 4: O EU NÃO É O SUJEITO

### 4.1 - O eu na teoria de Freud

Partindo do eu apresentando por Freud, em seu *Projeto para uma psicologia científica* (1895) notamos que neste momento de sua obra esta noção designava uma espécie de massa de neurônios passíveis de serem investidos: “Deve ser possível explicar em termos mecânicos o que denominei processos secundários, através do efeito produzido por uma massa de neurônios (ego), constantemente catexizados sobre outros com catexias variáveis”. (FREUD, 1996, p. 425) Monzani (1989, p. 242) comenta que neste momento, a noção de eu consistia em uma função inibidora. Um sistema de defesas contra a liberação de desprazer. O comentador de Freud define que “o ego aqui é, nitidamente, uma instância que não se confunde nem com a pessoa nem com o aparelho psíquico e não tem nenhuma relação especial com a consciência”. (MONZANI, 1989, p. 242) Ele é uma espécie de agente executivo que opera produzindo efeitos no fluxo e na distribuição da energia neuronal.

Neste texto de publicação póstuma, Freud almejava construir uma psicologia para neurologistas. Portanto, prestou-se de todo o vocabulário desta área produzindo uma verdadeira "maquinaria neurônica",<sup>41</sup> repleta de partículas que se conectam e desconectam entre si. Sistemas intrincados que são passíveis de investimentos e mobilidade. Isso por que seu plano era produzir uma psicologia que tivesse compatibilidade com as ciências naturais, como escreveu claramente logo na primeira linha do *Projeto*:

A intenção é prover uma psicologia que seja ciência natural: isto é, representar os processos psíquicos como estados quantitativamente determinados de partículas materiais especificáveis, tornando assim esses processos claros e livres de contradição. (FREUD, 1996, p. 355)

Um segundo momento da noção de eu em Freud, aparece em *A interpretação dos sonhos* (1900) e tem íntima relação com o capítulo VII que introduziu a teoria topográfica do aparelho psíquico. (MONZANI, 1989, p. 243) Com isso, neste texto as diferentes funções do eu acabam por se repartir em pontos diferentes do sistema. Freud vai e vem em torno do eu, tentando sistematizar o seu lugar na dinâmica da formação dos sonhos e desejos:

Mas, enquanto que, no Grupo A, o desejo inconsciente coincidia com o consciente, no grupo B se revela o abismo entre o inconsciente e o consciente (entre o recalçado e o ego) (...) (FREUD, 1996, p. 582)

Para logo em seguida ir por outro lado:

---

<sup>41</sup> Termo de Strachey (1996, p. 351), em seus comentários sobre o *Projeto* de Freud.

Nos casos que formam o Grupo B, o desejo formador do sonho é inconsciente e permanece recalado, ao passo que, nos sonhos de punição, embora se trate também de um desejo inconsciente, deve-se considerá-lo pertencente não ao recalado, mas ao “ego”. (FREUD, 1996, p. 583)

Ainda na *Interpretação*, outro ponto central, é o fato de Freud tender a identificar o eu à consciência, ainda que veja problema nisso através da experiência clínica:

O mecanismo da formação dos sonhos seria muito esclarecido, em geral, se, em vez da oposição entre “consciente” e “inconsciente, falássemos na oposição entre o “ego” e o “recalado”. (FREUD, 1996, p. 583)

Menciona também no capítulo V, que uma parte do ego é ligada ao trabalho de elaboração secundária. Tal parte tem relações com a consciência, uma vez que, este trabalho é precisamente uma espécie de *acabamento* nos detalhes finais, para então apresentar o sonho ao sonhador. Ele chama esta função de *ego consciente*:

Assim o desejo de dormir, no qual o ego consciente se concentra e que, justamente com a censura do sonho e a "elaboração secundária" que mencionarei adiante, representa a contribuição do ego consciente para o sonhador, deve, na totalidade dos casos ser reconhecido como um dos motivos da formação dos sonhos, e todo sonho bem-sucedido é uma realização de desejo. (FREUD, 1996, p. 262)

Na altura de 1900, o eu foi apresentado de forma bastante ambígua. Ele funciona como um pólo de oposição em relação ao Inconsciente e perde o lugar de uma função específica e organizada como havia sido cogitada no *Projeto*. (MONZANI, 1989, p. 243)

Dando um passo a mais, o eu entre 1914 e 1923, trata-se de um eu passível de ser investido libidinalmente. Um objeto de amor. A ideia de um eu com diferentes funções e instâncias, assim como a ideia de um eu como objeto permanecerá nos textos de Freud até o fim de sua obra. Isso fica exposto em um momento mais avançado em suas *Novas conferências introdutórias sobre psicanálise* (1933) [1932], quando ele diz que:

O ego pode tomar-se a si próprio como objeto, pode tratar-se como trata outros objetos, pode observar-se, criticar-se, sabe-se lá o que pode fazer consigo mesmo. Assim, o ego pode ser dividido; divide-se durante numerosas funções suas — pelo menos temporariamente. (FREUD, 1996, p. 64)

Tal ideia havia sido posta anos antes, em *Introdução ao narcisismo* (1914) que Freud havia deixado isso explícito, a partir da ligação da noção de auto-erotismo e narcisismo ligadas ao eu. Na *Introdução*, Freud apresenta diferentes instâncias constituintes do eu: o supereu, o ideal do eu e o eu ideal, tendo como seus mecanismos: a identificação, a projeção e o narcisismo primário. (MONZANI, 1989, p. 248)

Adiante, em 1923 a libido passa a ser um elemento constitutivo do eu e a formação de sua imagem, que aparece como unidade perante a anarquia das pulsões. Freud se indaga sobre onde seria “o grande reservatório da libido”: o eu ou o id?<sup>42</sup> Em *O Ego e o Id* (1923), Freud retoma a ideia de um eu ligado à consciência que já havia postulado outrora, porém, dá novos traços à esta trama, tornando-a mais complexa e ramificada:

Formamos a ideia de que em cada indivíduo existe uma organização coerente de processos mentais e chamamos isso o seu ego. É a esse ego que a consciência se acha ligada: o ego controla as abordagens à motilidade - isto é, à descarga de excitações para o mundo externo. Ele é a instância mental que supervisiona todos os seus próprios processos constituintes e que vai dormir à noite, embora ainda exerça a censura sobre os sonhos. (FREUD, 1996, p. 30)

Até aqui, tudo o que Freud cita são traços já conhecidos. O que ele faz é acoplá-los de forma a organizar suas funções em uma instância. A característica consciente e a tendência à descarga de excitações motoras rumo ao mundo externo são ideais já expressas na *Interpretação*, por exemplo. Freud (1996, p. 30) segue, adicionando que “desse ego, procedem também as repressões (...)”, sendo esta, uma linha que associa dois conceitos que foram trabalhados separadamente, e agora são realocados em uma correlação dinâmica: o eu e a repressão.

Como apontou Monzani (1989, p. 296), a primeira tópica freudiana apresentou seus próprio limites teórico-técnicos e falhou em supor uma divisão rígida entre os sistemas consciente, inconsciente e pré-consciente. Freud teve de retificar-se sobre este ponto. Tudo aquilo que parecia tão definido entre estes três sistemas, teve de ser revisto, uma vez que a experiência da clínica contradizia a hipótese. Na prática, Freud notara que os sistemas não eram tão perfeitamente separados. Mais se misturavam do que se separavam. Isso permitiu que ele afirmasse em *O Ego e o Id* (1923) que:

Reconhecemos que o *Ics* não coincide com o reprimido; é ainda verdade que tudo o que é reprimido é *Ics.*, mas nem tudo que é *Ics* é reprimido. Também uma parte do ego - e sabem Céus que parte importante - pode ser *Ics*. (FREUD, 1996, p. 31)

Lacan (2010, p. 18) ao ler Freud constatou algo semelhante relacionado à consciência. Precisamente o fato dela ser insituável. É como se Freud assinalasse, com esta constatação, que não é este o ponto que interessa à psicanálise. Monzani (1989, p. 263), na trilha de Lacan, sobre este aspecto comenta que a consciência é uma espécie de farol que acende e apaga repentinamente, e por vezes, ilumina determinados conteúdos (percepção, por exemplo). Para

---

<sup>42</sup> Esta problemática conceitual só seria definida anos mais tarde em *Esboço de psicanálise* (1938), em que ele resolveria que o eu é o grande reservatório da libido.

ele, esse fato, portanto não implica que ela pertença a um *topos* específico, ou outro, pois num certo sentido ela é atópica e não está em nenhum lugar de forma exclusiva, assim como pode estar em mais de um lugar, sucessivamente.

Para Monzani (1989, p. 263), Freud apresenta uma consciência que não é um domínio exclusivo do eu e não está fatalmente ligada a um determinado tipo de processo psíquico — ainda que ele descreva certas funções. Lacan (2010, p. 83) acrescenta que:

a consciência, esta vocês sempre verão aparecer com uma enorme irregularidade nos fenômenos subjetivos. Na reviravolta de perspectiva que análise impõe, sua manifestação aparece sempre mais ligada a condições físicas, materiais, do que psíquicas.

Mas ainda assim, após 1920, não seria tão somente a introdução de pulsão de morte que deu a tônica necessária para que se mantivesse o princípio do descentramento do sujeito. Se retomarmos os exemplos já citados de *O Ego e o Id* (1923) e *Novas conferências introdutórias sobre psicanálise* (1933) [1932] podemos ver nestes textos contribuições freudianas neste sentido. Pois se a consciência em Freud, é um conceito que sai de um estatuto definido rumo à uma ambiguidade em termos da sua função e estatuto, deveríamos ao menos entender por qual razão isso se deu. Como já mencionado antes, Monzani (1989, p. 286) mostra-nos como a pesquisa de Freud o conduziu a pensar um aparelho mental que não tivesse uma separação topográfica tão rígida, sendo este um dos limites problemáticos que a sua primeira tópica lhe impôs.

Como vimos, a partir de 1923, Freud (1996, p. 31) propõe que uma parte considerável do eu é inconsciente. Trata-se portanto de um eu que já não tem uma relação exclusiva com o sistema consciente em termos topográficos. Em 1923, é o momento em que Freud lança sua teoria estrutural do aparelho psíquico, propondo a tripartição de *isso, eu e supereu*<sup>43</sup> que já não é mais pensada em termos de topografia tão bem delimitada. Essa tendência de pensamento irá perdurar na obra de Freud, culminando na alternativa de se pensar o aparelho psíquico não mais somente a partir de sistemas ou estruturas dinâmicas, mas também como *regiões*. Ainda que Lacan (2010) tenha considerado que o *Esboço de Psicanálise* (1940) é o melhor exemplo para demonstrar-se como as tópicas freudianas se *recobrem*, Monzani (1989, p. 294) vê nas *Novas conferências introdutórias sobre psicanálise* (1933) [1932] um texto privilegiado para demonstrar isso e entende que seria mais correto dizer que o *Esboço* é a

---

<sup>43</sup> Traduzido também como: Id, Ego e Superego pela Editora *Imago*.

tentativa mais radical de conciliação entre elas. Vejamos as palavras exatas de Freud (1996, p.

76) sobre isso nas *Novas conferências*:

Sob novo e poderoso impacto da existência de um extenso e importante campo da vida mental, normalmente afastado do conhecimento do ego, de modo que os processos que nele ocorrem têm de ser considerados como inconsciente, em sentido verdadeiramente dinâmico, vimos a entender o termo 'inconsciente' também num sentido topográfico ou sistemático; passamos a falar em 'sistema' do pré-consciente e em 'sistema' do inconsciente, em conflito entre o ego e o sistema *Inc.*, e temos empregado cada vez mais frequentemente essa palavra com a finalidade de assinalar, antes, uma região mental, do que para designar uma qualidade daquilo que é mental. A descoberta, realmente inconveniente, de que partes do ego e também do superego são inconscientes, no sentido dinâmico, atua, nesse ponto como um alívio — possibilita a remoção de uma complicação. Percebemos não termos o direito de denominar 'sistema *Inc.*' a região mental alheia ao ego, de vez que a característica de ser inconsciente não lhe é exclusiva. Assim sendo, não usaremos mais o termo 'inconsciente' no sentido sistemático e daremos àquilo que até agora temos assim descrito um nome melhor, um nome que não seja mais passível de equívocos. Aceitando uma palavra empregada por Nietzsche e acolhendo uma sugestão de George Groddeck [1923], de ora em diante chama-lo-emos de 'id'. Esse pronome impessoal parece especialmente bem talhado para expressar a principal característica dessa região da mente - o fato de ser alheia ao ego.

O *isso* (ou *id*), é portanto uma das *noções suplementares* que Lacan (2010, p. 22) menciona, para que se mantivesse o princípio do descentramento do sujeito, segundo a leitura de Monzani (1989, p. 280). Pois segundo o filósofo brasileiro, “o id aparece, na verdade, para confirmar essa que é a pedra de toque da psicanálise: a noção de um outro lugar, radical e inacessível, que no entanto estrutura o sujeito”.

Ora, se vemos em Freud uma tendência em sua obra que aponta para um deslocamento do eu rumo ao id, temos assim uma indicativa de que o id freudiano é o sujeito do inconsciente *avant la lettre*? Se não temos ainda uma definição, temos ao menos uma dica que é este conceito de Freud que fornecerá as bases para que Lacan pudesse cunhar esta noção fundamental em seu ensino. A consciência que Freud nos apresenta é só um farol. Ou também quem sabe, se assemelhe a algo como um marinheiro sem mapa e sem bússola. Num mar desconhecido. Com um barco... furado.

#### 4.2 - Por que Lacan não é abstrato?

No *Seminário 2*, Lacan (2010, p. 49) diz que “as críticas filosóficas” feitas às pesquisas propriamente mecanicistas tem a característica de supor que a noção de máquina está privada de liberdade. Para ele, o mecanicismo do século XVIII produziu nada mais, nada menos do que um *homem-máquina* regido por forças cegas, como fez por exemplo La Mettrie. Neste regime de pensamento, não há a possibilidade de se supor um sujeito vinculado

à atividade da máquina. Por que esta última estava intimamente ligada ao mundo animal. Para Lacan (2010, p. 49): “O animal é uma máquina bloqueada. É uma máquina da qual certos parâmetros não podem variar. E por quê? Porque é o meio exterior que determina o animal e faz dele um tipo fixado”. Assim, não teria como vincular a atividade da máquina à atividade do sujeito, afinal, o plano do sujeito é aquilo que há de mais variável: sua singularidade.

Lacan (2010, p. 50) afirma que “existe uma mutação da função da máquina em curso, que deixa para trás todos aqueles que ainda permanecem na crítica do velho mecanicismo”. Se tomarmos de exemplo a *Crítica* de um certo Politzer, vemos que nela está contida a ideia de que todo traço de mecanicismo significa uma abstração do sujeito. Ocasionalmente assim, uma incompatibilidade entre máquina e sujeito. A solução de Politzer, foi portanto uma desvinculação total entre as produções mecânicas e as produções de um *je*.

Ainda em 1954, Lacan (2010, p. 70) em determinado sentido, tende à isso até certo ponto quando afirma que “a máquina é a estrutura como desvinculada da atividade do sujeito. O mundo simbólico é o mundo da máquina”. Isso porque neste momento de seu ensino, o psicanalista enfatizava a ideia de uma autonomia do registro simbólico, bem por isso o associou à noção de máquina, ou seja, uma entidade desconectada de um sujeito.<sup>44</sup> Seu esforço aqui, era formalizar o simbólico nos termos da cibernética, produzindo assim um registro autônomo, com leis próprias que não fossem as biológicas. Nesse último sentido, Lacan e Politzer convergem, pois ambos se alinham na tarefa de afastamento da psicanálise de fundamentos biológicos.

Neste intento de formalização, mas a partir de outra lógica, Lacan (2010, p. 53) aplica a palavra *formal* em dois sentidos. O primeiro, e aquele que ele concorda é o da formalização matemática, que trata-se de um conjunto de convenções a partir das quais pode-se

---

<sup>44</sup> Miller (2014, p. 55) em seu seminário-livro *El ultimísimo Lacan* (2014), contextualiza que o ensino de Lacan é dividido em três momentos, ainda que haja uma subdivisão suplementaria no terceiro período. Ele considera o *primeiro ensino* datado de 1953, a partir de *Função do campo da fala e da linguagem em psicanálise* até 1963. O *segundo ensino* começa em 1964, com o *Seminário 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* e vai até 1972, com o *Seminário 20: Mais, ainda*. E por fim, dentro do *último* período do ensino de Lacan, há o que Miller chamou de *ultimíssimo* Lacan que começa no *Seminário 23: O sinthoma* (1975) e vai até 1980. Ainda neste livro, o autor propôs a separação de que tais períodos, demarcam também uma ênfase de um determinado registro. Assim, no *primeiro* Lacan vemos uma primazia do imaginário, no *segundo*, uma primazia do simbólico, e por fim, no *último* período uma primazia do real. (MILLER, 2014, p. 201) Ainda que hajam primazias específicas para cada período, não significa que Lacan tratou unicamente um sistema por período. Mas sim, apenas de uma ênfase. Logo, se nosso estudo aprofunda as questões dos seminários 1, 2 e 11, nota-se que nos detivemos em três seminários que privilegiam, cada um, determinado sistema. O imaginário no *Seminário 1*. O simbólico no *Seminário 2* e um aceno ao real no *Seminário 11*. Importante dizer também, que por aprofundarmos a discussão entre simbólico e imaginário em grande parte do trabalho, entende-se que circunscrevemos grande parte de nosso interesse no *primeiro ensino* de Lacan.

desenvolver toda uma série de consequências, de teoremas que se encadeiam e estabelecem no interior de um conjunto, certas relações de estrutura, como uma lei. O segundo seria no sentido gestaltista, como uma *boa forma*, que é uma "totalidade realizada e isolada". Mesmo que Lacan recuse a concepção realista, que já fora criticada por Politzer, o que indica que ele escapara destes trilhos ao aderir a uma formalização estrutural?

Se no *Seminário 2*, Lacan afirmara que "a máquina é a estrutura como desvinculada da atividade do sujeito", ele irá retificar este ponto em *Observação sobre o relatório de Daniel Lagache: "Psicanálise e estrutura da personalidade"* (1958), quando propõe que a estrutura é uma máquina que põe em cena o sujeito. (LACAN, 1998, p. 655) Isso muda, de forma considerável a situação.

Do ponto de vista das ideias de Politzer, tudo leva a considerarmos que Lacan também aderiu à abstrações. Não aquelas advindas de concepções biológicas, mas ainda abstrações, uma vez que neste ano, seu pensamento postulava o funcionamento psíquico de um lado, e o sujeito do outro. Portanto, desvinculados. Porém, o que ele escreveu em 1958, tem algo de específico, que o resguarda da acusação de um pensamento que tende à abstração.

O que pensaria Politzer, caso lesse tal afirmação? Afinal, se contrastarmos com Politzer, o que Lacan está propondo vai na seguinte direção: precisamente o mecanicismo que tinha como efeito desligar um sujeito de um determinado fato psicológico (sonho, por exemplo), é apresentado por Lacan em outro sentido, que talvez, é o contrário. Ao invés desta máquina desvincular o sujeito de um fato psicológico, é precisamente ela que liga um ao outro, e o põe em cena. É uma máquina que faz encenar o sonho para o sujeito. Neste detalhe, Lacan articula um sujeito singular e faz um uso específico de esquemas teóricos, de forma que um dependa do outro.

Portanto, se vemos Freud recorrendo a esquemas biológicos no seu *Projeto*, ou no arco-reflexo na *Interpretação*, é porque "a biologia freudiana não tem nada a ver com a biologia", de acordo com Lacan (2010, p. 108). Trata-se de uma manipulação de conceitos, com a finalidade de gerar uma fachada<sup>45</sup> clássica. Não poderia ter sido diferente. Para Lacan (2010, p. 106), Freud partiu daí por que "era então uma necessidade que se impunha ao espírito de qualquer médico daquela idade científica que ocupasse do corpo humano". Além

---

<sup>45</sup> A filósofa e filóloga Barbara Cassin (2017, p. 127) em seu livro *Jacques, o sofista* (2017), desenvolveu um longo estudo sobre este tipo de estratégia presente no discurso psicanalítico nas obras de Freud e Lacan.

do mais, com Gay (1989, p. 415), sabemos que Freud queria ser lido.<sup>46</sup> Sem esta aparência estratégica, sem esta consideração da tradição de escolas psicológicas, talvez não teria sido possível a criação da psicanálise, nem a sua difusão.

Deste ponto de vista, podemos conjecturar que o biologismo freudiano não se assemelha ao mecanicismo clássico, como tende a pensar Politzer, que tenta colocá-los no mesmo plano. Se assim o fosse, a metapsicologia freudiana produziria um *homem-máquina*, ou melhor dizendo, um *indivíduo* e não um sujeito. Lacan insiste em tensionar o sujeito em relação ao indivíduo, que significa dizer o mesmo que, o sujeito (*je*) em relação ao eu (*moi*).

Essa problemática tem relação direta com a sua crítica à psicologia do eu, que em seu entendimento produziu teses que tinham como primazia o imaginário, uma vez que enfatizavam o eu. Ora, para Lacan (2009, p. 254) desde 1953, o fato fundamental que a análise ensina é de que o eu é uma função imaginária e o que a dimensão da análise revela não passa tão somente por este sistema. Sua teoria do estágio do espelho mostra que “o eu é destituído de sua posição absoluta no sujeito. O eu assume estatuto de miragem e não é mais do que um elemento das relações objetais do sujeito”. (LACAN, 2009, p. 255). Diz ainda que “se o ego é uma função imaginária, não se confunde com o sujeito”. (LACAN, 2009, p. 254). Em síntese, sendo imaginário, o eu é um objeto, uma miragem, radicalmente distinta do plano do sujeito. (LACAN, 2010, p. 73)

Os psicólogos do eu, tendo optado por esta ênfase, galgaram a largos passos na ideia de uma autonomia do eu. Com isso, aderiram à ideia de que ele é senhor em sua própria casa! Precisamente o contrário da descoberta fundamental de Freud. Lacan estrutura sua crítica contra os partidários desta tendência e assim propõe o seu retorno a Freud a partir de sua letra e experiência. O psicanalista francês por sua vez, optará em enfatizar uma autonomia do simbólico, articulando-o ao sujeito. Qual é a consequência disso? Nesta via, Lacan aproxima-se do plano da linguagem, que já fora uma via apreciada por Freud. E é neste nível que Lacan (2008, p. 147) irá situar o Inconsciente, quando afirmou em 1964 que “o inconsciente é estruturado como linguagem”.<sup>47</sup>

---

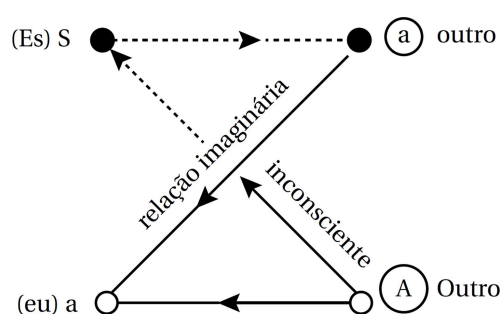
<sup>46</sup> Gay (1989, p. 415) contextualiza que: “Freud, como sabemos, não era indiferente à aprovação pública; afinal, insistia na originalidade de suas contribuições para a ciência da mente, para as quais esperava reconhecimento”.

<sup>47</sup> Em *A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud* (1957) e em seu *Seminário 5: As formações do inconsciente* (1957-58) esta ideia já havia sido apresentada antes de 1964.



Lá onde via-se apenas o puro reflexo, o funcionamento maquinal de um organismo, Freud viu o sujeito. Lá no sonho, que era visto como atividade neuronal sem sentido singular, Freud viu o desejo. “Ele se dá conta de que o cérebro é uma máquina de sonhar”, como disse Lacan (2010, p. 108). E é nesta máquina onírica que ele encontra, o que no fim, já estava lá o tempo todo, mas que a tradição não tinha privilegiado. Que precisamente, no nível do mais elementar, no nível do que supostamente seria o mais orgânico, Freud encontra um sujeito que é tramado e se manifesta no campo da fala. (LACAN, 2010, p. 108)

Neste horizonte, Lacan renuncia às tendências abstratas, mas não sem antes fazer uso dela a favor de manter, de indicar, de insistir em propor uma teoria e uma técnica que ponha o sujeito em cena. Não qualquer um, mas o sujeito do inconsciente, esse que no pensamento de Freud, não se confunde com o eu. (LACAN, 2009, p. 254) Assim, nesse momento de sua obra, Lacan identifica o *Isso*<sup>48</sup> ao sujeito do inconsciente como forma de fazer uma nítida distinção com o eu. Uma evidência disto, é o seu esquema sobre *A função imaginária do eu e o discurso do inconsciente*, apresentado no *Seminário 2* de Lacan (2010, p. 152):



Neste esquema, Lacan situa entre parênteses o *Es* (*isso ou id*), ao lado do sujeito (S). Bem como o eu (*moi*), como um outro (*pétit autre*), como um objeto (a). Note-se que este eu (*moi*) encontra-se na posição de objeto no eixo imaginário, e o sujeito encontra-se em no eixo do Inconsciente, em relação ao Outro (*Autre*) (A), que neste caso, é o eixo simbólico. Nesta ocasião, o que deste esquema nos interessa neste trabalho é notabilizar a partir de Lacan onde ele situa o sujeito e o eu.

Dito isto, é então com o auxílio do pensamento estruturalista que Lacan (2010, p. 53) irá criar condições para articular o plano de um sujeito singular e o plano de uma formalização que pressupõe uma lei geral. Neste truque, Lacan resguarda-se de cair na pura abstração que não contempla o nível singular. Isso dá sentido ao que escreveu em suas

<sup>48</sup> Ou *Id*, conforme a tradução da Editora Imago, 1966.

*Observações sobre o relatório de Daniel Lagache (1958)*, e que agora, iremos reproduzir de forma direta:

Pois, é ou não o estruturalismo aquilo que nos permite situar nossa experiência como o campo em que isso fala? Em caso afirmativo, “a distância da experiência” da estrutura desaparece, já que opera nela não como modelo teórico, mas como máquina original que nela põe em cena o sujeito. (LACAN, 1998, p. 655)

É esta "máquina original" que distingue o pensamento de Freud, assim como o de Lacan. Essa mutação fundamental na função de máquina que Lacan (2010, p. 50) menciona, é precisamente uma noção que contempla o nível geral e o nível singular, e que sobretudo tenha como finalidade estabelecer um campo conceitual para que *Isso* fale. Uma máquina, um esquema, um modelo teórico só interessa à Freud e Lacan na medida em que articula estes dois níveis. Geral e singular. Teoria e prática. Pois estes campos não se separam, como já dissera Lacan (2010, p. 12).

#### 4.3 - Drama e estrutura

A psicanálise é uma experiência, — escreveu Freud (1996, p. 99) reiteradamente em sua obra.<sup>49</sup> Ela é uma experiência, mas não sem uma teorização. Não sem uma metapsicologia que especifica o seu campo conceitual. “Se a psicanálise não for os conceitos nos quais ela se formula e se transmite, ela não é psicanálise, é outra coisa, mas então é preciso dizê-lo” arremata Lacan (2010, p. 26). Neste sentido, se Politzer pretendia rechaçar, excluir a metapsicologia freudiana, para então criar uma *psicologia verdadeira*, uma psicologia concreta que desse conta do *je en première personne*, podemos notar que Politzer *disse*, e deu seu nome a essa “outra coisa”. De fato, se contrastarmos a citação de Lacan com a proposta de Politzer, esta já não poderia mais ser chamada de *psicanálise*, como de certa forma pretendia o filósofo do concreto.

Lembremos que Politzer avistou no *Complexo de Édipo*, ou na *Identificação* esquemas dramáticos, pois eles tinham a capacidade de manter a *primeira pessoa* ligada ao fato psicológico, ao invés de abstraí-la. Não avistara isso em outras concepções, como por exemplo no esquema arco-reflexo do sétimo capítulo da *Interpretação* de Freud. Como dito, Lacan por sua vez, viu na estrutura, uma máquina que viabiliza por o sujeito em cena. Perguntamo-nos: como num drama nos termos de Politzer?

---

<sup>49</sup> *Novas conferências introdutórias sobre psicanálise (1933) [1932]*.

Em 1938, Lacan (2008, p. 52) em *Os complexos familiares* estudou a “estrutura do drama edipiano”. Neste texto em que nosso autor descreveu fenômenos decorrentes no interior da família, o complexo de Édipo de Freud é tomado como uma estrutura. Tal texto permite-nos relacionar a ligação entre os conceitos de *drama* em Politzer, *Complexo de Édipo* em Freud e *estrutura* em Lacan. Através das palavras deste último, notamos como a noção de drama, lhe oferece uma chave para pensar o complexo de Édipo, para então dar-lhe uma apresentação no plano estrutural. Seus termos não enganam:

Será essa estrutura cultural da família humana inteiramente acessível aos métodos da psicologia concreta: observação e análise? Sem dúvida, estes métodos bastam para colocar em evidência traços essenciais, como a estrutura hierárquica da família, e para reconhecer nela o órgão privilegiado desta coação do adulto sobre a criança, coação à qual o homem deve uma etapa original e as bases arcaicas de sua função moral. (LACAN, 2008, p. 8)

Nota-se aqui, não o inconsciente estruturado como linguagem através do eixo simbólico, mas sim, a família enquanto uma estrutura que constitui o sujeito. Neste sentido, Gabbi Jr (1998, p. 23) citando a própria *Da psicose paranoica em suas relações com a personalidade* (1932), contextualiza que na década de 30, Lacan, na linha de Politzer buscava “desembaraçar a psicanálise da noção de inconsciente”, que para o último era o caminho direto para o estabelecimento de uma vida interior na teoria psicanalítica. Sendo esta uma convergência de Politzer e Lacan, pelo menos dentro desta década.

Justifica-se que por estudar a psicologia concreta, este texto nos leva a pensar a noção de estrutura e sua ligação com o drama. Sendo assim, naturalmente outras formas possíveis de abordagem desta discussão acabaram não sendo contempladas. Como por exemplo, é o caso da linguística nos termos de Ferdinand Saussure e da antropologia de Claude Lévi-Strauss, que também são campos que Lacan toma para debater sua noção de estrutura num momento posterior de sua obra (COUTO & SOUZA, 2013, p. 186). Portanto, trata-se de lançar luz sobre um ponto, que se relaciona com os problemas e objetivos de pesquisa.<sup>50</sup>

\*\*\*

Lacan (2010, p. 201) irá apresentar a diferenciação entre *moi* e *je*. Entre o eu imaginário e o sujeito do inconsciente a partir do “sonho dos sonhos”. Lacan (2010, p. 208) remarca que não está refazendo a análise do sonho de Freud, após o próprio, uma vez que

---

<sup>50</sup> "Se a linguística e a antropologia estruturais são operadores privilegiados para estabelecer, com rigor conceitual, o vasto terreno de apresentação dos fenômenos inconscientes, elas, no entanto, não interessam por si mesmas, e, por conseguinte, não ficam em posição de legislar sobre os caminhos assumidos pela psicanálise, uma vez que esta possui um domínio de validade que lhe é próprio". (COUTO & SOUZA, 2013, p. 186)

seria "um absurdo". Para ele, está fora de cogitação analisar autores falecidos, portanto, está fora de sua proposta qualquer tentativa de analisar tal sonho, melhor que o próprio sonhador. Ele chama atenção para o fato de que o sonho é um *texto*, e será a isso que ele irá se ater antes de cair nos enfiados de um psicologismo do autor, como tentaram certos autores (como Hartmann) ao conjecturar sobre possíveis etapas do desenvolvimento do ego de Freud a partir deste sonho. (LACAN, 2010, p. 172)<sup>51</sup>

Para Lacan (2010, p. 203) o que este sonho ensina, é que a essência da descoberta freudiana reside no descentramento do sujeito em relação ao eu. Não se trata portanto, nem somente de que os sonhos tem um sentido, como pensou Politzer. Mas sim, de que o mais singular de um sonho ultrapassa certos limites individuais, e se inscreve por vias que o eu desconhece. *Isso se apresenta numa cena em que o eu não participa.* Lacan (2009, p. 22) pergunta-se, afinal de contas:

*Tomá-lo na sua singularidade, o que quer dizer isto? Quer dizer essencialmente que, para ele [Freud], o interesse, a essência, o fundamento a dimensão própria da análise, é a reintegração, pelo sujeito, da sua história até os seus últimos limites sensíveis, isto, até uma dimensão que ultrapassa de muito os limites individuais. Fundá-lo, deduzi-lo, demonstrá-lo a partir de mil pontos textuais em Freud, é o que fizemos juntos ao longo destes últimos anos.*

Para Lacan, o mais singular está em outra cena: no Inconsciente.

#### 4.4 - O sonho da injeção de Irma para Lacan: Imaginário, real e simbólico

Para Lacan (2010, p. 222), o sonho da injeção de Irma não é apenas um objeto que Freud decifra. É também uma fala de Freud. Bem por isso, ele considera que há algo neste escrito que o próprio Freud não conseguiu analisar naquela ocasião. Por um lado, este capítulo da *Interpretação* é um texto em que Freud apresenta um sonho pessoal. Mas por outro, é também a apresentação de um novo método de interpretação de sonhos. Lacan (2010, p. 222) diz que “aí está o ponto essencial — não podemos separar da interpretação o fato de Freud nos fornecer este sonho como sendo o primeiro passo na chave do sonho”. Mas, se Lacan nos adverte que ele não pretende analisar o sonho melhor que o próprio sonhador, por que ele se põe a comentar este texto? Eis o ponto sutil, ressaltado pelo psicanalista, e que não fora considerado pelo filósofo. Neste sonho, “é a nós que Freud se endereça ao fazer esta

---

<sup>51</sup> Lembremos que Politzer (1975, p. 133) entendia o sonho como um texto a decifrar.

interpretação”. (LACAN, 2010, p. 222) Isso permite Lacan falar sobre o sonho de Freud, advertido que não se trata de uma análise.

Lacan (2010, p. 223) apresenta este sonho a partir de dois ápices. Começaremos comentando primeiramente o segundo ápice. Neste, trata-se do surgimento de uma imagem aterradora que revela “algo de inominável propriamente falando”, encarnado no fundo da garganta de Irma. Para Lacan (2010, p. 224), o que Freud nos apresenta nesta cena é o:

Aparecimento angustiante de uma imagem que resume o que podemos chamar de revelação do real, naquilo que tem de menos penetrável, do real sem nenhuma mediação, do real derradeiro, do objeto essencial que não é mais um objeto, porém, este algo diante do que todas as palavras estacam e todas as categorias fracassam, o objeto de angústia por excelência.

Vemos que Politzer utiliza-se do sonho da injeção de Irma para ver nele a emergência de um *je*, um sujeito da narrativa em *primeira pessoa*, ao passo que, no capítulo VII da *Interpretação*, o filósofo apenas depara-se com um *moi*, um eu abstrato em *terceira pessoa*. Lacan por sua vez, viu no sonho da injeção de Irma tanto um *moi*, quanto o *je*. Tal detalhe diferencia a leitura destes autores perante o mesmo texto.

Se Politzer enxerga um sujeito concreto que narra o sonho e atribui a ele um sentido, em Lacan vemos outra abordagem. No segundo ápice do sonho, quando Freud se depara com a garganta de Irma, é precisamente o momento em que “Freud” sai da cena do sonho. Trata-se do inominável, o *umbigo do sonho*. Após este mergulho no desconhecido, as cenas se tornam mais turvas e condensadas, os amigos médicos de Freud surgem e aquele que parecia ser o protagonista do sonho, sai de cena. Nas palavras de Lacan (2010, p. 224): “as relações do sujeito mudam completamente. Ele passa a ser totalmente diferente, não há mais Freud (...)”. É precisamente um outro que toma a cena do sonho, e o produz como se fosse uma máquina. O sujeito portanto, assiste a cena do sonho que é produzida pela máquina de sonhar. O sujeito contempla a cena que fala sobre si, mas que ele mesmo não sabia. Neste sentido, a tese de Lacan se torna paradoxal, tal como é a própria noção de sujeito do inconsciente, pois como podemos falar de sujeito neste sonho, se Freud sai de cena?

Na última passagem citada, o que Lacan diz, pode ser transcrito da seguinte forma: A primeira parte do sonho da injeção de Irma, — aquela que antecede a cena da garganta — elucida uma história contada por Freud. Se há um *moi* neste sonho, é precisamente antes desta cena que vemos um eu imaginário, produzindo certa consistência ao sonho:

*Um grande salão — numerosos convidados a quem estávamos recebendo. — Entre eles estava Irma. No mesmo instante, puxei-a de lado, como que para responder a*

*sua carta e repreendê-la por não ter ainda aceitado minha “solução”. Disse-lhe: “Se você ainda sente dores, é realmente apenas por culpa sua.” Respondeu ela: “Ah! se o senhor pudesse imaginar as dores que sinto agora na garganta, no estômago e no abdômen... — isto está me sufocando.” — Fiquei alarmado e olhei para ela. Parecia pálida e inchada. Pensei comigo mesmo que, afinal de contas, devia estar deixando de perceber algum distúrbio orgânico. Levei-a até a janela e examinei-lhe a garganta, e ela deu mostras de resistências, como fazem as mulheres com dentaduras postiças. Pensei comigo mesmo que realmente não havia necessidade de ela fazer aquilo. (FREUD, 1996, p. 141)*

Lacan (2010, p. 224) cita os psicólogos do eu, que perante a cena da garganta, interpretaram este acontecimento como uma regressão do ego de Freud. Perguntava-se Lacan (2010, p. 224):

*Será que podemos falar aqui de regressão, e até mesmo, de regressão do ego? Erikson e os partidários da psicologia do eu, no ponto mais agudo ainda tentam salvar o eu, ainda que aceitem a ideia de que trata-se de um “eu fraco”, mais rudimentar, regredido. Será que, no entanto, para entender esta guinada do sonho, a passagem de uma fase para outra, precisamos recorrer a isto? (LACAN, 2010, p. 225)*

Para Lacan (2010, p. 225), não é de um estado anterior que se trata, mas sim, daquilo que ele chamou de uma *decomposição espectral da função do eu*. Pois o que assistimos, é o aparecimento da série dos *eus*. Essas séries podem ser chamadas de identificações, que constituem o eu tal como cascas dão forma a uma cebola. Bem por isso, Lacan (2009, p. 226) no *Seminário I* diz que “o eu é um objeto feito como uma cebola, poder-se-ia descascá-la, e se encontrariam as identificações sucessivas que o constituem”. Neste sentido, não se trata de uma regressão do eu, mas sim, da decomposição imaginária do mesmo. Após o encontro traumático com a garganta de Irma que fez emergir o objeto de angústia, o eu de Freud se decompõe. Se descasca:

*Em seguida, ela abriu a boca como devia e, no lado direito, descobri uma grande placa branca; em outro lugar, vi extensas crostas cinza-esbranquiçadas sobre algumas notáveis estruturas recurvadas, que tinham evidentemente por modelo os ossos turbinados do nariz. (FREUD, 1996, p. 141)*

É precisamente aí, no momento mais agudo, que vemos surgir uma multidão no sonho. (LACAN, 2010, p. 228). Surgem os amigos médicos de Freud, Dr. M, Otto e Leopold, tendo um deles uma aparência muito diferente da habitual. Como se fosse um tanto, estranho. Conforme o relato de Freud (1996, p. 142):

*Chamei imediatamente o Dr. M., e ele repetiu o exame e o confirmou... O Dr. M. tinha uma aparência muito diferente da habitual; estava muito pálido, claudicava e tinha o queixo escanhoado... Meu amigo Otto estava também agora de pé ao lado dela, e meu amigo Leopold a auscultava através do corpete e dizia: “Ela tem uma área surda bem embaixo, à esquerda.*

Se o sonho sempre versa sobre o sonhador conforme a indicativa de Freud, o que vemos na sequência é o sujeito do sonho substituir-se ao sujeito policéfalo. De acordo com

Lacan (2010, p. 228), o que vemos é o desabrochamento de suas diferentes identificações do eu imaginário — aquelas descritas por Freud em *Psicologia das massas e análise do eu* (1921). Essa série dos *eus* em decoposição tem como efeito o descentramento de um sujeito singular da narrativa no sentido de Politzer. Para Lacan (2010, p. 228):

o sujeito transformado nesta imagem policéfala parece ter a ver com o acéfalo. Se há uma imagem que nos poderia representar a noção freudiana do inconsciente é justamente esta de um sujeito acéfalo, de um sujeito que não tem mais ego, que é extremo em relação ao ego, descentrado em relação ao ego, que não é o ego.

Eis aqui um ponto que diferencia Lacan de Politzer. Se para o último o que singulariza o sonho é a condição de um sujeito dar-lhe um sentido, vemos que em Lacan, o que há de mais singular está descentrado. O que há de mais singular de um sujeito - não é exatamente, parte dele. É ele quem é produzido, tornando-se assim singular. Lembremos que trata-se portanto de uma singularidade que "que ultrapassa de muito os limites individuais" conforme disse Lacan (2009, p. 22).

Eis a máquina de sonhar que Freud chamou de Inconsciente. Como pode isso acontecer? Lacan em 1954 responde que trata-se de uma intervenção do simbólico, pois para ele "o simbólico é o mundo da máquina" (LACAN, 2010, p. 70). Em 1953, Lacan (2009, p. 111) já havia situado que o sujeito se caracteriza pelo seu lugar no mundo simbólico, que em outros termos é dizer, na linguagem. O plano simbólico, para Lacan é portanto o mundo da máquina, na medida em que a partir de 1958, esta máquina trabalha em função de por o sujeito em cena e o põe através da linguagem.<sup>52</sup>

\*\*\*

Para Lacan (2010, p. 230), no início do sonho assistimos a um jogo imaginário de Freud, ao situar a culpa aqui ou acolá. Lacan diz que toda relação imaginária se dá numa espécie de *você ou eu* entre o sujeito e objeto. Ou seja, "*se for você, não sou. Se for eu, você que não é*", elucida-nos Lacan (2010, p. 230). Vemos um exemplo disso quando Freud (1996, p. 141) escreve: "*No mesmo instante, puxei-a de lado, como que para responder a sua carta e repreendê-la por não ter ainda aceitado minha solução. Disse lhe: 'Se você ainda sente dores, é realmente apenas por culpa sua'.*"

Lacan (2010, p. 97) entende que o simbólico não é uma máquina guiada por um certo *homenzinho* que está dentro do homem que diz "*desejas isto ou desejas aquilo*". Trata-se antes, de uma máquina autônoma que produz o desejo do sujeito (*je*). O homenzinho não está

---

<sup>52</sup> Definiu Lacan (2009, p. 102): "O simbólico, eu lhes ensinei a identificá-lo com a linguagem".

lá, regendo a maquinaria e ditando o sentido dos sonhos. É a máquina que produz o sonho e o sujeito assiste o desfile daquilo que lhe há de mais singular: o desejo enquanto realizado através dos sonhos. Isso indica-nos que em Lacan, o que há de mais singular, está descentrado. Portanto, mesmo que Politzer tenha captado algo central da tese de freudiana sobre os sonhos — ou seja, a ideia de que os sonhos tem um sentido, assim como soube interpretar a crítica de Freud em relação à psicologia acadêmica, o filósofo opta por uma noção de singularidade que tem um estatuto diferente de Lacan.

Após este jogo de miragens imaginárias no sonho da injeção de Irma, temos a cena da garganta que Lacan entende como a revelação do real, que é sucedida por um terceiro momento do sonho, o qual Lacan qualifica como *nominação*. É por esta, que Lacan vê neste sonho, uma juntura entre simbólico e imaginário. Pois é a nominação que estrutura a percepção, quer-se dizer, o imaginário. “É pela nominação que o homem faz subsistir os objetos numa certa consistência”. (LACAN, 2010, p. 231) A palavra, pelo simbólico, é o que nomeia o objeto imaginário. Para Lacan (2010, p. 231) está aí juntura entre os dois planos. Do simbólico no imaginário. Onde vemos isso?

No sonho de injeção de Irma, quando o mundo do sonhador está mergulhado no caos imaginário, após a cena enigmática da garganta, é o momento em que o discurso entra em jogo — *independente de seu sentido*, assinala Lacan (2010, p. 231). Ao invés do discurso aparecer como a salvação do sentido e de um sujeito do sonho como entenderia Politzer, é precisamente aí que “o sujeito se descompõe e desaparece” para Lacan (2010, p. 232). É por isto que este sonho ensina sobre o caráter fundamentalmente acéfalo do sujeito. Este ponto específico fica melhor exposto através da fórmula da *trimetilamina* que surge no sonho, após um momento de entrecorte, de falha, que faz o discurso claudicar: “*propil, propilos... ácido propiônico...*”. (FREUD, 1996, p. 142) Logo após este interregno, surge na cena do sonho a palavra que tenta-se nomear algo desconhecido:

*Não muito antes, quando ela não estava se sentindo bem, meu amigo Otto lhe aplicara uma injeção de um preparado de propil, propilos... ácido propiônico... trimetilamina (e eu via diante de mim a fórmula desse preparado, impressa em grossos caracteres)... Injeções como essas não deveriam ser aplicadas de forma tão impensada... E, provavelmente, a seringa não estava limpa.* (FREUD, 1996, p. 142)

Lacan diz que é neste momento que se acha o [eu]. É o momento em que *Isso* fala. Cena crucial que elucida a acefalia do sujeito, pois é aí que "a hidra perde as cabeças, uma voz que não é senão *a voz de ninguém* faz surgir a fórmula da trimetilamina, como a



derradeira palavra daquilo de que se trata, a palavra de tudo. E esta palavra não quer dizer nada, senão que é uma palavra". (LACAN, 2010, p. 232)

Para Lacan, quando Freud escreve este sonho e o publica na *Traumdeutung*, ele não está sozinho confrontando o enigma deste sonho. Assim como em uma análise se endereça o sonho a um analista, Freud endereça este sonho a nós, seus leitores. É por este motivo que ao ver a palavra derradeira do sonho — *a trimetilamina* —, a palavra absurda dita pela voz de ninguém, faz com que, Freud no momento em que fala conosco "nos diz algo que ao mesmo tempo é e não é mais ele". (LACAN, 2010, p. 232) Diferentemente de Politzer, Lacan entende que a voz no sonho não vem de uma *pessoa*, mas sim de um sujeito do inconsciente. Para Lacan (2010, p. 79), "o sujeito é ninguém". É aí que está o sujeito do inconsciente, que aparece para então, tornar a desaparecer. Ele surge, não no sentido do discurso, mas precisamente num tropeço do mesmo. Ele se presentifica nesta sutileza, como um achado. O sujeito "não é algo ou alguém ou alguém que tenha algum tipo de existência permanente; só aparece quando uma ocasião favorável se apresenta", resume-nos Fink (1998, p. 62).<sup>53</sup>

Lacan encerra seu comentário sobre o célebre enigma onírico de Freud, com uma fala que tenta traduzir o que ele fez em sua perquirição em torno dos sonhos. A fala é razoavelmente extensa, mas se torna justificado em ser transcrita de forma integral, dado o seu conteúdo. Lacan (2010, p. 233) fala como quem tenta elucidar os pensamentos de Freud sobre este grande sonho:

*Sou aquele que quer ser perdoado por ter ousado começar a sarar estes doentes, que até agora não se queria compreender e que se proibia a si mesmo de sarar. Sou aquele que quer ser perdoado por isto. Sou aquele que quer não ser culpado por isto, pois se é sempre culpado quando se transgride um limite até então imposto à atividade humana. Quero não ser isto. Em lugar de mim há todos os outros. Sou aí apenas o representante deste caso, vago movimento que é a busca da verdade onde, eu, me apago. Não sou mais nada. Minha ambição foi maior que eu. A seringa estava suja, sem dívida. E justamente na medida em que a desejei demais, em que participei desta ação, em que quis ser, eu, o criador, não sou o criador. O criador é alguém maior que eu. É meu inconsciente, é esta fala que fala em mim, para além de mim.*

"Eis o sentido deste sonho" segundo Lacan (2010, p. 233). Um sentido descentrado em relação ao relato. Assim como um sujeito, que é radicalmente estranho ao eu. Esta leitura de Lacan é o que permite tanto a ele quanto a nós comentarmos este sonho de Freud, sem necessariamente tentarmos interpretá-lo. Pois, como nota Lacan, antes de ser um texto

---

<sup>53</sup> Fink (1998, p. 59) comenta que: "Sempre buscando uma manifestação precisa do sujeito no discurso, no início da década de 1960, Lacan muitas vezes tentou ligar o aparecimento do sujeito à palavra *ne*, literalmente, 'não', metade da expressão francesa *ne pas* (...)". Trata-se de um sujeito que se faz presente de forma negativa?

endereçado a nós, foi antes endereçado a Fliess. E é esta longa conversa entre Freud e Fliess, seu fiel amigo e confidente, que mais tarde construiu toda a sua obra, assim como a sua análise. Assim, Lacan (2010, p. 169) resolve: “o resto todo, o discurso douto, o discurso cotidiano, a fórmula da trimetilamina, o que se sabe, o que não se sabe, a tralha toda está no nível do eu”. (LACAN, 2010, p. 169) Portanto, se essa fórmula era ou não uma história relacionada a Fliess, não é o nosso interesse principal responder tal questão, ainda que hajam leituras neste sentido.<sup>54</sup> Tampouco com esta exposição tentamos demonstrar a existência do sujeito do inconsciente, “uma vez que tal demonstração é impossível” como ressalva Fink (1998, p. 55). O que de fato nos interessa, é o que este sonho ensina sobre a concepção de sujeito do inconsciente e se há algo disso que oriente a psicanálise.<sup>55</sup>

#### 4.5 - Politzer e Lacan: Inconsciente sem *vida interior*

Tanto Politzer quanto Lacan distanciaram a psicanálise da biologia. Segundo Roudinesco (1989, p. 445), Lacan foi capaz de dar à obra freudiana “uma estrutura filosófica e a tirá-la de seu ancoramento biológico sem com isso cair no espiritualismo”. Leia-se: Lacan afastou a psicanálise da biologia, sem com isso reconfigurar uma *vida interior* em sua concepção do Inconsciente. Neste sentido podemos aproximar Lacan e Politzer, pois ambos recusam *o mito de uma natureza dupla do homem*. Recusam *o duplo ontológico* diagnosticado pelo crítico da psicologia. Lacan (2010, p. 97) faz isso, na medida em que recusa a ideia de que haveria um *homenzinho* dentro do homem que comanda os desejos do sujeito, como menciona em 1953, 1954 e 1964. Nos três seminários, Lacan recorre a este jocoso homúnculo precisamente para criticar a psicologia geral e a psicologia do eu que de uma forma ou de outra remontava à esta ideia. No seu *Seminário I* (1953), ao tecer comentários sobre a psicologia do eu, diz:

E tem-se ao mesmo tempo o sentimento de que ela [Anna Freud] fala do homenzinho que está dentro do homem, que teria uma vida autônoma dentro do sujeito e estaria ali a defendê-lo — *Pai, mantenha-se à direita, Pai mantenha-se à esquerda* — contra o que pode assaltá-lo de fora ou de dentro. (LACAN, 2009, p. 88)

---

<sup>54</sup> Sobre isso, recomenda-se consultar o extenso comentário de Peter Gay (1989, p. 94) sobre o sonho da injeção de Irma desde uma perspectiva historiográfica, descrito em sua obra *Freud: uma vida para nosso tempo* (1989).

<sup>55</sup> Fink (1998, p. 55) retomou uma passagem de Lacan, de um Seminário que não nos propomos a ler, mas que parece indicar algo que nos interessa: “Como diz Lacan, no Seminário 23, ‘o sujeito nunca é mais do que suposto’, em outras palavras, o sujeito nunca é mais do que uma suposição de nossa parte. Entretanto, parece ser uma suposição necessária para Lacan, uma construção sem a qual a experiência psicanalítica não pode ser explicada”.

No *Seminário 2* (1954), Lacan continua sua crítica, apontando como a leitura destes psicólogos vinha transformando a psicanálise em uma psicologia geral:

É muito surpreendente que os sábios de laboratório continuem cultivando esta miragem segundo a qual é o indivíduo, o sujeito humano — e por que ele entre todos os outros? —, que é deveras autônomo, e que existe, nele, em algum canto, quer seja na glândula pineal ou em outro canto, um timoneiro, o homenzinho que está dentro do homem que faz funcionar o aparelho. Pois bem, é a isto que o pensamento analítico todinho, salvo raras exceções está por ora retornando. (LACAN, 2010, p. 97)

Por fim, em seu *Seminário II* (1964):

Rotularei a função do *cogito* cartesiano com o termo aborto ou homúnculo. Ela é ilustrada pela recaída, que não deixou de se produzir na história do que chamamos pensamento, que consiste em tomar esse *eu* do *cogito* pelo homúnculo que, há muito tempo, é representado de cada vez que se quer fazer psicologia — de cada vez que se dá conta na inanidade ou da discordância psicológica pela presença, no interior do homem, do famoso homenzinho que o governa, que é quem dirige o carro, o ponto dito, hoje em dia, de síntese. Esse homenzinho já foi denunciado em sua função pelo pensamento pré-socrático. (LACAN, 2008, p. 140)

Portanto para não cair num psicologismo, Lacan (1998, p. 655) em 1958<sup>56</sup> revê a concepção de *máquina*, situando-a como estrutura que põe o sujeito em cena. Portanto máquina e sujeito dependem uma da outra. Com isso, Lacan articula o plano geral e singular, sem recorrer a um dualismo. É precisamente a noção de estrutura que permite Lacan pensar uma teoria do sujeito fora do eixo dualista e abstrato. (BARRETO & IANNINI, 2017, p. 53)<sup>57</sup>

Aquela *abstração* da psicologia clássica criticada por Politzer advém de fundamentos biológicos. Se Lacan se afasta desta disciplina como fundamentação de seus conceitos, ele se afasta também pelo menos desta categoria de abstração biologista. Ora pois, por que não considerarmos uma abstração (em outros termos) a forma como Lacan leu o sonho de injeção de Irma? Afinal, trata-se de uma singularidade descentrada, mas em que termos? Advinda de onde? Lacan (2008, p. 14) responde a isso em seu *Seminário II* (1964), precisamente o ano em que se põe a discutir os *fundamentos* da psicanálise. Tema que, como vimos, evoca ressonâncias com a obra de Politzer.

---

<sup>56</sup> Em *Observação sobre o relatório de Daniel Lagache: “Psicanálise e estrutura da personalidade”* (1958) de seus *Escritos* (1998).

<sup>57</sup> Barreto & Iannini (2017, p. 53), no artigo *Introdução à psicopatologia lacaniana*, escreveram num subtópico do texto nomeado como *O estruturalismo e a superação do dualismo epistemológico*: “(...) o paradigma da estrutura permite recusar de um lado o *psicologismo*, de outro o *naturalismo* como esquemas formais da subjetividade, e como o estruturalismo pode ser tomado como uma alternativa a essa dicotomia. O primeiro passo consiste em fornecer um conceito de estrutura como condição epistemológica para formalização de uma teoria *não psicologista* e *não naturalista* do sujeito”. Isso nos indica, que a partir de chaves diferentes, chegamos a uma conclusão semelhante a destes autores. Eles, através da discussão sobre a noção de estrutura a partir da linguística e a da antropologia, e este trabalho, a partir da noção de drama em Politzer.

O ano de 1964 é decisivo para os rumos da psicanálise em solo francês e para o ensino de Lacan. É o ano em que ele foi “excomungado” da *International Psychoanalytical Association* (IPA) justamente por discordar da tendência de psicanálise que vinha sendo praticada em termos teóricos e técnicos pelos adeptos à esta orientação. Nesta ocasião, Lacan (2008, p. 26) diz que durante alguns anos foi preciso todo seu esforço para revalorizar o campo da *fala*, e devolver-lhe sua dignidade, que em seu ver havia sido perdida a partir das tendências clínicas da IPA.

O movimento de Lacan é semelhante ao de Politzer (1975, p. 50) quando no início de sua *Crítica* posiciona-se contra a tendência de psicologia predominante: a psicologia clássica, criticada pelo filósofo precisamente por seus procedimentos técnicos inviabilizarem uma *narrativa em primeira pessoa*, produtora de sentido. Lacan contra a IPA. Politzer contra a psicologia clássica:

Foi necessário transformar, pela aplicação de métodos científicos, a velha psicologia e suas fabulações em ciência positiva, para que se conseguisse finalmente o desgaste de certos valores nas suas diferentes encarnações e o concreto tivesse a palavra. (POLITZER, 1975, p. 50)

De um lado, Lacan em busca de uma revalorização do plano da fala. Do outro, Politzer (1976, p. 26) em defesa de uma psicologia que garantisse à palavra o seu estatuto concreto. Ambos confluem para um horizonte semelhante: verificar quais condições são necessárias para que se possa estabelecer a psicanálise e se tais condições são suficientes para situar a psicanálise no campo da ciência. Escreveu Politzer (1975, p. 45): “o que caracteriza uma ciência é uma certa sabedoria num determinado domínio e, graças a ela, um certo poder sobre as coisas pertencentes a esse domínio”. Lacan (2008, p. 15) em 1964, sobre esse assunto disse que “o que especifica uma ciência é ter um objeto”. Não nos interessa adentrarmos nos meandros desta discussão deveras aguda nas obras dos respectivos autores, mas simplesmente sinalizar que tinham uma problemática comum, em um dado momento de suas elaborações. O horizonte pode ser o mesmo, mas suas vias de resolução à estas questões foram diferentes. Nesse aspecto seus interesses convergem, mas suas teses não.

Outro aspecto a ser destacado, é o tema do início do seminário de 1964: *O inconsciente freudiano e o nosso*.<sup>58</sup> Lacan, leitor de Freud e Politzer deu suas contribuições perante a discussão levantada pelos dois últimos, a saber, sobre a relação do inconsciente com a linguagem. Freud (1996, p. 540) desde a *Interpretação dos sonhos* (1900) chamou a

---

<sup>58</sup> Mariguela (2007, p. 192) especifica a data: 22 de janeiro de 1964.

atenção para o fato de não haver garantias de conhecermos os sonhos conforme de fato eles aconteceram. Perante isso, passou a enfatizar "importância a cada um dos matizes de expressão lingüística" em que os sonhos foram apresentados. (FREUD, 1996, p. 541)<sup>59</sup> Politzer endereça-se para a mesma direção, quando se interessa pela narrativa, que só pode ser criada por um sujeito que a confira sentido, tornando-lhe um fato psicológico. Sobre este aspecto, Lacan (2008, p. 28) contribui dizendo em seu *Seminário II* que:

Hoje em dia, no tempo histórico em que estamos, de formação de uma ciência, que podemos qualificar de humana, mas que é preciso distinguir bem de qualquer psicossociologia, isto é, a linguística, cujo modelo é o jogo combinatório operando em sua espontaneidade, sozinho, de maneira pré-subjetiva — é esta a estrutura que dá seu estatuto ao inconsciente. É ela, em cada caso, que nos garante que há sob o termo de inconsciente algo de qualificável, de acessível, de objetiváveis.

Neste trecho, Lacan nos diz que o estatuto do inconsciente é pautado em uma estrutura lingüística, que opera de forma pré-subjetiva. Essa tese por si só, propõe um descompasso em relação a noção de um eu (*je*) em *primeira pessoa* de Politzer. Se contrastarmos uma à outra, vemos que Lacan fala de um inconsciente estruturado como linguagem, que realiza desejos que são de um sujeito. Ao mesmo tempo que esses desejos dizem sobre um sujeito, vemos que este último *é produzido* por tais desejos, que lhe são postos à mostra através de uma máquina, — chamada de simbólico. Ou seja, se para Politzer havia a condição de uma homogeneidade entre sentido e sujeito, para que assim fosse possível estarmos no campo concreto, vemos que em Lacan, este sentido é emitido por algo exterior ao sujeito, mas que concomitantemente lhe diz respeito de forma singular.

No que concerne ao eu (*moi*) em *terceira pessoa*, pelo seu caráter “coisista” este se assemelha ao conceito de eu imaginário em Lacan (2010, p. 73), afinal “o eu é deveras um objeto”. Não se restringe a isso, pois tanto o imaginário em Lacan, quanto a perspectiva em *terceira pessoa* possuem ligação — nos termos de seus fundamentos — com o campo da

---

<sup>59</sup> O apreço de Freud (1996, p. 185) pela linguagem aparecem desde cedo em sua obra. Um exemplo é declarado em *O interesse científico da psicanálise* (1913) quando especifica a Filologia como uma disciplina de interesse da psicanálise. Nesta seção ele escreveu: “Estarei sem dúvida infringindo o uso linguístico comum ao postular um interesse na psicanálise por parte dos filólogos, isto é, dos peritos na *fala*, porque, no que se segue, a expressão ‘fala’ deve ser entendida não apenas como significado a expressão do pensamento por palavras, mas incluindo a linguagem dos gestos e todos os outros métodos, por exemplo a escrita, através dos quais a atividade mental pode ser expressa (...)”. Ele ainda considerava que: “a linguagem dos sonhos pode ser encarada como um método pelo qual a atividade mental inconsciente se expressa. Mas o inconsciente fala mais de um dialeto”. (FREUD, 1996, p. 186)

biologia.<sup>60</sup> Porém, a perspectiva em *terceira pessoa* não tem relação com o campo da imagem de forma explícita. Politzer a descreve como uma noção que produz teses gerais, abstratas sobre o fato psicológico.

#### 4.6 - Do sentido ao umbigo dos sonhos

O primeiro ápice do sonho da injeção de Irma para Lacan (2010, p. 206) aparece em outro detalhe — no *preâmbulo* do sonho — que ele chamou a atenção: a voz de Otto que aborrecera Freud na noite anterior. Este, “é o pequeno choque que vai pôr o sonho em movimento” na medida em que esta estranha conversa, que tem um efeito de “corte”, produz um desentendimento que põe Freud a trabalhar até mais tarde redigindo o caso clínico para entregar ao Dr. M. Este *corte*, afinal, não é uma fratura no próprio sentido? Corte que reaparece na boca aberta de Irma, que é descrito por Freud (1996, p. 145) como o *umbigo* do sonho, ou seja, o seu “ponto de contato com o desconhecido”. É o ponto menos penetrável, sem nenhuma mediação possível, o ponto em que todas as palavras estacam e todas as categorias fracassam que Lacan (2010, p. 224) chamou de real. Sobre isso, o analista ainda acrescenta:

Imagem enigmática a respeito da qual Freud evoca o umbigo do sonho, esta relação abissal ao mais desconhecido que é a marca de uma experiência privilegiada, excepcional, onde o real é apreendido para além de toda mediação, quer seja imaginária, quer simbólica. (LACAN, 2010, p. 239)

Essa consideração faz com que a leitura de Lacan tome uma direção distinta da de Politzer, que aposta decisivamente no sentido e na narrativa, como se eles não tivessem um ponto umbilical. Para Lacan, os dois ápices deste sonho, são momentos em que o sentido fracassa: 1) no tom da voz de Otto que produz um estranhamento em Freud, — afinal o que Otto quis dizer? — e 2) na garganta de Irma que interpôs um corte entre as cenas do sonho.

Isso nos dá margem para entendermos que na medida em que Politzer aposta neste eu da *primeira pessoa* que narra o sonho, para Lacan é precisamente o que entrecorta a fala, o que de fato interessa. O *je*, sujeito do inconsciente lacaniano aparece portanto, naquilo que interrompe e desmantela o relato, conforme disse Lacan (2008, p. 32) em seu *Seminário 11*:

No sonho, no ato falho, no chiste — o que é que chama a atenção primeiro? É o modo de tropeço pelo qual eles aparecem. Tropeço, desfalecimento, rachadura.

---

<sup>60</sup> Roudinesco (1989, p. 371) afirma que as fontes de inspiração de Lacan na formulação do conceito de Imaginário, decorrem do conceito de *Umwelt*, extraído do biólogo alemão Jakob von Uexküll, nos trabalhos do psicólogo Henri Wallon e na fenomenologia de Hegel e Husserl. Lacan (1998, p. 190) cita o *Umwelt* em *Formulações sobre a causalidade psíquica* (1946), texto que transborda de referências à psicologia concreta.

Numa frase pronunciada, escrita, alguma coisa se estatela. Freud fica siderado por esses fenômenos, e é neles que vai procurar o inconsciente. Ali, alguma outra coisa quer se realizar — algo aparece como intencional, certamente, mas de uma estranha temporalidade. O que se produz nessa hiância, no sentido pleno do termo *produzir-se*, se apresenta como *um achado*. É assim, de começo, que a exploração freudiana encontra o que se passa no inconsciente.

Notem que Lacan salva aí um certo sentido de intencionalidade. Porém, em seu caso, a tal intencionalidade está desconectada do eu que relata o sonho. Para efeito de comparação, a noção politzeriana de eu em *primeira pessoa*, como aquele que narra o sentido do sonho, também se assemelha ao eu imaginário em Lacan, que deveras tem sua parcela de participação na formação do sonho, mas está longe de ser o único quem designa seu sentido. A intencionalidade está ligada portanto a um *sujeito que pensa* e que se revela no sonho, no inconsciente. Sobre isso, há um de seus comentários nos auxilia sobre este ponto.

Em um sentido propedêutico, como Lacan (2008, p. 26) já fez em relação a outros filósofos, nosso autor faz uma comparação entre Freud e Descartes, apontado que ambos se aproximam e convergem para um mesmo encaminhamento.<sup>61</sup> No seu entender, Descartes nos diz: *Estou seguro, por que duvido de que penso e por pensar, eu sou*. Inclusive, só se é, na medida em que se diz isso à alguém, aponta o psicanalista. (LACAN, 2008, p. 42)

Lacan (2008, p. 42) diz que de maneira analógica, Freud perante seus sonhos apesar da dúvida do que eles signifiquem, tem ainda a certeza (*Gewissheit*) de que no sonho há um pensamento. Ainda que seja um pensamento em outra instância, Freud salva um tipo de *cogito* à sua maneira. Trata-se antes de um *eu penso* do que *eu sou*. Para Lacan (2008, p. 42), perante o problema do sonho, Freud mantém-se seguro de que ali, há um sujeito que pensa, mas que só se revela enquanto ausente:

Pensamento que está lá, pensamento que é inconsciente, o que quer dizer que se revela como ausente. É a este lugar que ele chama, uma vez que lida com outros, o *eu penso* pelo qual vai revelar-se o sujeito. Em suma, Freud está seguro de que esse pensamento está lá, completamente sozinho de todo o seu *eu sou*, se assim podemos dizer, — a menos que, este é o salto, alguém pense em seu lugar.

Recorrendo a Descartes, Lacan (1998, p. 521) de forma aforismática disse isso anos antes em *A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud* (1957) quando escreveu que, no

---

<sup>61</sup> Em suas falas, há momentos em que Lacan faz referências a certos filósofos, para oferecer um contexto do problema que ele pretende levantar, como já fizera com Heidegger, no *Seminário II*: “Assim é que passei, pelo menos por algum tempo, por ser obsedado por não sei que filosofia da linguagem, mesmo heideggeriana, quando se tratava apenas de uma referência propedêutica. E não é por que falo nessas coisas que eu tenha que falar como filósofo”. Ainda que Politzer não possa ser posto na ordem de uma referência propedêutica neste trabalho, seguimos a trilha de Lacan no que concerne a outros nomes.

que diz respeito ao sujeito do inconsciente, trata-se de um “penso onde não sou, logo sou onde não penso”.

Os trechos de Lacan (2008, p. 32) nos indicam que ele identifica o inconsciente à uma hiância<sup>62</sup> que opera de maneira pré-subjetiva a qual Freud chamara de *umbigo dos sonhos*. Em termos de estatuto, ele nos diz que o inconsciente é estruturado como uma linguagem. Haveria nisso, uma ontologia? Quando tal questão foi endereçada ao seminarista a partir de Jacques-Alain Miller em sua aula de 1964, Lacan (2008, p. 37) respondeu categoricamente que o inconsciente não se presta à ontologia. Para ele, “a hiância do inconsciente, poderíamos dizê-la *pré-ontológica*”. Ainda acrescenta, de forma enigmática que o inconsciente “não é nem ser nem não-ser, mas é algo de não-realizado”. (LACAN, 2008, p. 37) Com este excerto, vemos que Lacan “*despessoaliza*” o inconsciente, ao passo que o espírito de Politzer aponta para outra proposta: para uma psicologia da *pessoa*. Em especial, da *primeira pessoa*. Afinal de contas, o que isso indica de acordo com o nosso problema?

---

<sup>62</sup> Roudinesco (1989), p. 541) caracteriza a hiância como: “um lugar constitutivo que, no entanto, não existe”. Segundo a letra de Lacan (2008, p. 30) esta hiância que representa o inconsciente aparece no texto de Freud, no capítulo II: “*umbigo do sonhos*, escreve ele para lhe designar, em último termo, o centro incógnito — que não é mesmo outra coisa, como o próprio umbigo anatômico que o representa, senão essa hiância de que falamos”.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

### O impossível de orientar

Destarte, por um lado Politzer e Lacan convergem ao pensarem um estatuto para o Inconsciente sem recorrer à uma *interioridade* que abstraia o sujeito. Politzer rechaça qualquer hipótese metapsicológica, uma vez que para ele este sistema conceitual é incompatível com um sujeito concreto. Isso tem como consequência uma cisão no seio da psicanálise proposta por Freud, tornando sua estrutura teórica necessariamente antagônica em termos teóricos. Ele só aceita portanto a noção de Inconsciente se esta estiver atrelada ao eu em *primeira pessoa* e à narrativa que decantam o sentido. Não lhe interessa qualquer retorno à biologia uma vez que para o filósofo isso significa recorrer à psicologia clássica. Portanto, se ele recusa o biologismo freudiano, também podemos ver que ele aceita determinados *esquemas dramáticos* criados por Freud (por ex. Complexo de Édipo e Identificação), uma vez que tais esquemas são noções concretas que viabilizam a encenação do *drama humano*, que é o objeto da psicologia concreta.

Por outro lado, Politzer e Lacan divergem, uma vez que ao tentar assentar o eu em *primeira pessoa* num estatuto que o torna inseparável do sonho como fato psicológico, a teoria de Politzer tem como efeito privilegiar uma noção de singularidade que remonta um eu que é dono em sua própria casa, ou seja, um eu imaginário. Pois, o *je* na *primeira pessoa* politzeriano é quem determina o sentido da narrativa. Por este motivo, tanto o eu em *primeira pessoa* quanto o eu em *terceira pessoa* situam-se no mesmo eixo do eu imaginário em termos lacanianos, ainda que por razões diferentes. O primeiro por pressupor dar conta de determinar um sentido sobre um sonho de forma *individual*, e o segundo por seu caráter de objeto. Sendo assim, o *drama humano*, o objeto da psicologia concreta por excelência, aproxima Politzer de uma concepção *humanista* de psicologia, ainda que de forma implícita como sublinhou Noto (2018, p. 7).<sup>63</sup>

Entretanto, ressalva-se que não é legítimo igualar a psicologia concreta à uma psicologia do eu, pois Politzer não nos dá pistas para pensarmos que sua obra visa uma proposta de adaptação do eu (*moi*) à realidade, como propõem os psicólogos do eu. A correlação entre ambos se resume a um ponto: ambas perspectivas fazem remontar uma

---

<sup>63</sup> *Psicologia concreta e humanismo: Foucault crítico de Politzer?* (2018) em *Cadernos de Ética e Filosofia Política* - Número 33, São Paulo.

centralidade do eu (seja ele o da *primeira pessoa*, ou um eu imaginário) e não o sujeito do inconsciente que é precisamente isso que “escapa totalmente a este círculo de certezas no qual o homem se reconhece como um eu” conforme nos diz Lacan (2010, p. 17) em seu *Seminário 2*. Onde verificamos isso? Na comparação de leituras que tais autores fizeram no sonho de injeção de Irma. Georges Politzer tenta salvar um eu em *primeira pessoa*, aquele que interessa à psicologia concreta, enquanto para Jacques Lacan (2009, p. 51) no *Seminário II* faz lembrar que lá onde estava o eu, é o sujeito — e não a psicologia — que deve advir, fazendo assim reverberar o dito freudiano, *Wo Es war, soll Ich werden*.

No que concerne à concepção de sujeito, verificamos que o sujeito concreto de Politzer encontra-se ligado ao sentido, constituindo com ele algo de homogêneo. Eu em *primeira pessoa* e sentido são uma coisa só. Quanto a Lacan em 1954, encontra-se a definição de que o sujeito do inconsciente é acéfalo e não pensa por si, uma vez que ele é pensado. Mais adiante em 1964, Lacan afirma que o inconsciente é estruturado como uma linguagem, identificando-o à uma hiânica caracterizada como pré-ontológica.

Enquanto para Politzer em sua *Critique* (1975, p. 49) a descoberta de Freud é “a descoberta do sentido do sonho (...) quero dizer a descoberta do sentido concreto e individual do sonho”. Lacan (2009, p. 22) em 1953 considera que “o progresso de Freud, sua descoberta, está na maneira de tomar um caso na sua singularidade”, na medida em que tal *singularidade* ultrapassa limites individuais. Eis aqui portanto um ponto estruturante. Se a singularidade para Politzer é fornecida pela narrativa do sujeito, em Lacan a singularidade não pode ser compreendida por uma perspectiva individual. Lacan (2010, p. 103) retoma este assunto em 1954 e aprofunda sua tese. Para ele, pode-se também dizer que a descoberta fundamental de Freud é a de que “o homem não está exatamente no homem”. Ou ainda, dito de outra forma, segundo o aforismo lacaniano: *Le je n'est pas le moi*, que ficou traduzido para o português como “o eu não é um [eu]”. (LACAN, 2010, p. 66) Esta última tese evocada, Lacan (2010, p. 66) qualifica como absolutamente essencial para a técnica. Temos assim, uma distinção teórica, que orienta a psicanálise em termos técnicos. Portanto se Lacan (2010, p. 103) a partir de Freud, nos diz de mil formas que a essência da descoberta freudiana é de que o sujeito se encontra descentrado do eu, temos assim uma concepção de psicanálise que não se encaminha para um *humanismo*, sendo esta outra diferença em relação à psicologia concreta.

Neste sentido, o sonho da injeção de Irma foi um texto comum, lido por ambos autores que tomamos como exemplo para evidenciar convergências e divergências entre Politzer e Lacan em busca do que orientou a psicanálise em termos teórico-técnicos para estes autores. Conforme tentou-se demonstrar, Lacan (2010, p. 220) leu este sonho através destas três categorias: imaginário, real e simbólico. Nesta ordem, pois o imaginário marca o início do texto, sendo impresso na história que Freud tenta formular sobre seu próprio sonho, protagonizando um jogo entre ele e Irma. Enquanto, que o real surge como *choque* através da estranha conversa com Otto. Este real ressurge no sonho através da garganta da paciente, causando aquilo que Lacan chamara de *decomposição espectral do eu*, que designa a decomposição das identificações imaginárias. Por fim, a fórmula simbólica da *trimetilemina*, dita pela voz de ninguém que encerra o sentido deste sonho, dito por outro que já não era mais Freud.

Já na leitura de Politzer (1976, p. 88), Freud nos apresentou o sonho de Irma como uma peça teatral que acaba bem. O que interessou ao filósofo foi a história que Freud desenrola em sua análise do sonho. Ele aposta na narrativa do sonho e na história que daí se elabora. Sendo assim, curioso é o detalhe de que Politzer na *Crítica dos fundamentos da psicologia* (1928) não fazer sequer menção ao *umbigo do sonho* — que Freud (1996, p. 145) cita em uma nota em sua análise, no capítulo II da *Traumdeutung*. Seria este um ponto decisivo para considerarmos as divergências nas leituras de Politzer e Lacan? Mesmo que Lacan (2010, p. 215) tenha dito que: “quando analisamos este texto [o sonho], é preciso levar em conta o texto inteiro, inclusive as notas. Nesta ocasião Freud evoca este ponto das associações onde o sonho vai inscrever-se no desconhecido, o que ele denominou umbigo do sonho” — entendemos que não se trata somente de ler ou não ler uma nota. Do que se trata aqui, é de *orientação*.

Se compararmos com Lacan (2009, p. 22) ao menos no início de seu ensino em 1953, vemos que ele tem alinhamento com esta proposição, quando diz que a dimensão própria da análise é a reintegração da história através do próprio sujeito. Ele faz essa consideração na medida em que entende que a história se inscreve entre a dimensão imaginária e o sistema simbólico. (LACAN, 2009, p. 209) Isso nos permite perguntarmos: se Politzer lê o sonho de Irma estritamente através do plano da narrativa e do sentido designado por Freud, significa que ele realizou uma leitura que privilegia o imaginário? Tudo indica que sim. Pois além das

relações que estabelecemos ao decorrer desta dissertação, há uma evidência textual que nos sugere que para Lacan a psicologia concreta orientou-se a partir de problemas advindos do plano imaginário, circunscrevendo aí o seu alcance e conseqüentemente, sua orientação. Escreveu Lacan (1998, p. 187) em *Formulações sobre a causalidade psíquica* (1946):

E toda sorte de miragens imaginárias advindas da psicologia concreta, familiares aos psicanalistas e que vão dos jogos sexuais às ambigüidades morais, fazem com que as pessoas se lembrem de meu estádio do espelho pela virtude da imagem e da operação do espírito santo da linguagem. “Veja”, dizem, “isso faz pensar naquela famosa história de Lacan, o estádio do espelho. Que era mesmo que ele dizia, exatamente?”

Se Mariguela (2007) pacientemente reuniu em seu livro reuniu diversos fragmentos que conectam a psicologia concreta de Politzer à *ciência da personalidade* proposta por Lacan em sua tese de doutorado em 1932, com este excerto, Lacan ao menos coloca-nos a trabalho e deixa uma pista de que talvez o seu estádio do espelho também tenha diretrizes politzerianas. Afinal, escreveu Lacan (1998, p. 100) em *O estádio do espelho como formador da função do eu* (1949) que: “O estádio do espelho é um drama (...)”. Contudo, afirmar determinada ligação foge do alcance desta pesquisa.

Com isso, o fato do filósofo estabelecer sua tese sobre o sonho atrelando inseparavelmente eu em *primeira pessoa* e sentido, somado ao detalhe de sequer mencionar o umbigo do sonho, é uma pista de que Politzer não considerou uma perspectiva que leve em conta a dimensão real. Isso nos sugere, que em certa medida é cabível contemplarmos a psicologia concreta como *parte* da psicanálise, mas não podemos circunscrever a psicanálise *somente* como uma psicologia concreta. Em outras palavras: A psicologia concreta cabe na psicanálise, mas a psicanálise não cabe na psicologia concreta.

Finalizamos com um salto até 1964, quando Lacan (2008, p. 14) define a psicanálise como uma *práxis*, definida como uma ação realizada pelo homem que o põe em condição de tratar o real pelo simbólico, situando o imaginário num plano secundário. Nosso autor afirma categoricamente que “nenhuma práxis, mais do que a análise, é orientada para aquilo, que, no coração da experiência, é o núcleo do real”. (LACAN, 2008, p. 58). Logo, se no *Seminário I* e *2*, Lacan orienta-se rumo ao imaginário e simbólico, vemos a partir do *Seminário 11* um outro caminho que começa a despontar para uma orientação rumo ao real, sendo este o âmago da experiência analítica. (MILLER, 2014, p. 201)

Neste enquadre retornemos ao nosso problema posto no início do texto: *o que orienta a psicanálise em termos teórico-técnicos?* Com base nos autores e livros mencionados, podemos destacar que:

- 1) Para Politzer, o que orienta a psicanálise é uma tendência de psicologia, denominada por ele de *psicologia concreta*.
- 2) Para Lacan, a psicanálise primeiramente entre 1953 e 1954 orienta-se rumo ao simbólico e imaginário e a partir de 1964 tende a uma orientação para o real, ainda que esteja longe de ser o auge de uma primazia do real em seu ensino.

Vimos que o significado de tais teses nos permitem afirmar que as leituras destes autores divergem em vários pontos. Tal afirmação, se baseia no seguinte percurso percorrido: A) Exposição comparativa entre a leitura que cada autor desenvolveu do sonho da injeção da Irma e também, — ainda que num sentido amplo — da *Die traumdeutung* (1900) de Freud. B) Avaliação da concepção de inconsciente freudiano descrita por cada autor. C) Descrição dos princípios ou conceitos orientadores da psicanálise para cada autor a partir da *Critique* e dos *Seminários 1, 2 e 11*.

Sendo assim, as relações entre Politzer e Lacan apontam mais para divergências do que convergências. Porém, é necessário ser justo com Politzer. Pois ainda que seu pensamento tenha um estatuto diferente do de Lacan em relação à psicanálise, uma de suas linhas ressoam aquilo que talvez seja o traço fulcral do pensamento de Freud: “a psicanálise procura sempre a compreensão dos factos psicológicos em função do sujeito. É portanto legítimo ver nisso a inspiração fundamental da psicanálise”. (POLITZER, 1975, p. 61) Tais linhas fazem eco nas palavras de Lacan (2009, p. 80), quando disse no final de sua aula de 19 de fevereiro de 1964:

A psicanálise não é nem uma *Weltanschauung* nem uma filosofia que pretende dar a chave do universo. Ela é comandada por uma visada particular que é historicamente definida pela elaboração da noção de sujeito.

Ainda que com estatutos distintos, ambos autores posicionam o sujeito no âmago da experiência analítica e veem nisso tanto a sua inspiração fundamental, quanto o que a faz perdurar na história. Porquanto, se há algo que orienta a psicanálise em sua teoria e sua técnica, trata-se antes da sua noção de sujeito, que encontra-se sempre descentrado em relação

ao eu, do que uma tendência de pensamento ou um conceito isolado que consiga dar conta de prescrever esta prática *per se*. Se Lacan (2009, p. 165) em 1964 assinala que a psicanálise se orienta para o real, o faz na medida em que considera “o real como o impossível”. Trata-se portanto, paradoxalmente de um conceito que tenta representar o que é impossível de representar. Já nos havia avisado Lacan (2010, p. 224) em 1954 que, perante o real “todas as palavras estacam e todas as categorias fracassam”.

Ainda que Politzer (1976, p. 78) desde seu prisma não tenha considerado esta dimensão do sonho ou esta via que a experiência tende a se orientar, talvez o filósofo esteve em face ao real que a experiência analítica dá testemunho. Quiçá o percebeu, quando fez notar que “um psicanalista puro cuja ocupação essencial seja a prática do método psicanalítico deveria chegar necessariamente à contradição que verificamos existir em Freud”. O filósofo do concreto, perante o real talvez viu uma contradição, antes de uma outra dimensão da experiência analítica.

Por fim, neste enquadre paradoxal, a psicanálise orienta-se para aquilo que é *impossível de orientar*: o sujeito do inconsciente, esse sujeito descentrado, que só pensa quando não é. Esse sujeito evanescente, que só se manifesta, para então tornar a desaparecer. Sujeito que faz tropeçar o eu. Sujeito da hiância. Acéfalo. Achado. Ora, se ao discutir o fim de uma análise em *Análise terminável e interminável* (1937), Freud (1996, p. 262) qualifica a psicanálise como um ofício *impossível*, deve haver aí alguma *orientação* que nos diga não somente sobre o eu, sobre teoria ou técnica, mas também sobre um sujeito.

## REFERÊNCIAS

- BARRETO, F. P; IANNINI, G. Introdução à psicopatologia lacaniana. In: **Psicopatologia lacaniana I: semiologia**. Organizadores Antônio Teixeira e Heloisa Caldas. - 1 Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.
- BIANCO, G. Un siècle de psychologie concrète. In: **Geoges Politzer, le concret e sa signification: Psychologie, philosophie et politique**. Hermann Éditeurs, 2016.
- BRUYERON, R. Le concept de *drame* dans l'œuvre de Georges Politzer. In: **Geoges Politzer, le concret e sa signification: Psychologie, philosophie et politique**. Hermann Éditeurs, 2016.
- BARBARAS, R. Une introduction á la *Critique*. In: **Geoges Politzer, le concret e sa signification: Psychologie, philosophie et politique**. Hermann Éditeurs, 2016.
- CASSIN, B. **Jacques, o sofista: Lacan, logos e psicanálise**. 1a Ed. - Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.
- COUTO, L. F. S; SOUZA, M. F. G. **O estruturalismo em Jacques Lacan: Da apropriação à subversão da corrente estruturalista no estabelecimento de uma teoria do sujeito do inconsciente**. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/agora/a/WSZ8bM3yZ7MdbSf8YrrHnqB/?format=pdf&lang=pt>. (Acesso em 03/05/2022).
- DOSTOIÉVSKI, F. **Crime e castigo** (1866). Tradução de Natália Nunes e Oscar Mendes - Porto Alegre, RS: L&PM, 2015.
- FINK, B. **O sujeito lacaniano: entre a linguagem e o gozo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1998.
- FRANCO, S. G. **Dilthey: compreensão e explicação e possíveis implicações para um método clínico**. São Paulo: Revista Latinoamericana de psicopatologia fundamental. Volume: 15, Número: 1, 2012.
- FREUD, S. Projeto para uma psicologia científica (1895) [1950]. In: **Publicações pré-psicanalíticas e Esboços inéditos**. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. V. I. Rio de Janeiro: Imago, 1996 [1886-1899].
- \_\_\_\_\_. A interpretação dos sonhos (1900). In: **A interpretação dos sonhos (I)**. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. V. III. Rio de Janeiro: Imago, 1996 [1900].
- \_\_\_\_\_. A interpretação dos sonhos (1900). In: **A interpretação dos sonhos (II)**. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. V. III. Rio de Janeiro: Imago, 1996 [1900].
- \_\_\_\_\_. **Sobre a psicopatologia da vida cotidiana** (1901). Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. V. VI. Rio de Janeiro: Imago, 1996 [1901].

\_\_\_\_\_. O interesse científico da psicanálise (1913). In: **Totem e tabu e outros trabalhos**. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. V. XIII. Rio de Janeiro: Imago, 1996 [1913-1914].

\_\_\_\_\_. A história do movimento psicanalítico (1914). In: **A história do movimento psicanalítico, Artigos sobre metapsicologia e outros trabalhos**. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. V. XIV. Rio de Janeiro: Imago, 1996 [1914-1916].

\_\_\_\_\_. Uma dificuldade no caminho da psicanálise (1917). In: **Uma neurose infantil e outros trabalhos**. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. V. XVII. Rio de Janeiro: Imago, 1996 [1917-1918].

\_\_\_\_\_. O ego e o id (1923). In: **O ego e o id e outros trabalhos**. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. V. XIX. Rio de Janeiro: Imago, 1996 [1923-1925].

\_\_\_\_\_. A questão da análise leiga (1926). In: **Um estudo autobiográfico, Inibições, sintomas e angústia, Análise leiga e outros trabalhos**. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. V. XX. Rio de Janeiro: Imago, 1996 [1925-1926].

\_\_\_\_\_. O parecer do perito no caso Halsmann (1931). In: **O futuro de uma ilusão, O mal-estar na civilização e outros trabalhos**. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. V. XXI. Rio de Janeiro: Imago, 1996 [1927-1931].

\_\_\_\_\_. Novas conferências introdutórias sobre psicanálise. In: **Novas conferências introdutórias sobre psicanálise e outros trabalhos**. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. V. XXII. Rio de Janeiro: Imago, 1996 [1932-1936].

\_\_\_\_\_. Análise terminável e interminável (1937). In: **Moisés e o monoteísmo, Esboço de psicanálise e outros trabalhos**. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. V. XXIII. Rio de Janeiro: Imago, 1996 [1937-1939].

GABBI JR. O. F. Prefácio. In: **Crítica dos fundamentos da psicologia: a psicologia e a psicanálise** (1928). Tradução: Marcos Marciolino e Yvone Maria de Campos Teixeira da Silva. Prefácio: Osmar Gabbi Jr. Indicação editorial e revisão técnica: Márcio Mariguela. Piracicaba: Editora UNIMEP, 1998.

GARCIA-ROZA, L. A. **Freud e o inconsciente**. 2 Ed - Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.

LACAN, J. **Os complexos familiares na formação do indivíduo**. 2 Ed - Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2008 [1938].



\_\_\_\_\_. De nossos antecedentes. In: **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998. [1901-1981].

\_\_\_\_\_. Formulações sobre a causalidade psíquica (1946). In: **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998 [1901-1981].

\_\_\_\_\_. O estádio do espelho como formador da função do eu (1949). In: **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998 [1901-1981].

\_\_\_\_\_. **O seminário, livro 1**: Les écrits techniques de Freud. (Os escritos técnicos de Freud). Tradução de Betty Milan. 2a ed. Rio de Janeiro: Zahar Editor, 2009 [1953-1954].

\_\_\_\_\_. Situação da psicanálise e formação do psicanalista em 1956 (1956). In: **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998 [1901-1981].

\_\_\_\_\_. A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud (1957). In: **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998 [1901-1981].

\_\_\_\_\_. Observações sobre o relatório de Daniel Lagache: “Psicanálise e estrutura da personalidade” (1958). In: **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998 [1901-1981].

\_\_\_\_\_. **Seminário, livro 2**: O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2010 [1954/53].

\_\_\_\_\_. **O seminário, livro 11**: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. Tradução de Antonio Quinet. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008 [1964].

GAY, Peter. **Freud: Uma vida para nosso tempo**. São Paulo: Companhia das letras, 1989.

MARIGUELA, M. **Psicanálise e Surrealismo: Lacan, passador de Politzer**. Piracicaba: Jacinta Editores, 2007.

MONZANI, L. R. **Freud: o movimento de um pensamento**. 2 Ed - Campinas: Editora da UNICAMP, 1989.

NOTO, C. S. **Psicologia concreta e humanismo: Foucault crítico de Politzer?** In: Cadernos de ética e filosofia política. Nº 33 - FFLCH/USP, São Paulo, 2018.

MILLER, J-A. **El *últimísimo* Lacan**. 1a Ed. 1a reimp.- Buenos Aires; Paidós, 2014.

ROUDINESCO, E. **História da psicanálise na França – A batalha dos cem anos**. Vol. II: 1925 – 1985. Tradução: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1988.

ROUDINESCO, E; PLON, M. **Dicionário de psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

POLITZER, G. **Crítica dos fundamentos da psicologia** (1928). Tradução de Conceição Jardim e Eduardo Nogueira. Portugal: Editorial Presença e Brasil: Martins Fontes, 1975.

\_\_\_\_\_. **El fin de la psicología concreta**. Tradução: Evaristo Ramos. Buenos Aires: Editorial Jorge Alvarez S.A., 1966.

\_\_\_\_\_. **Critique des fondements de la psychologie** (1928). Edition numérique hors-commerce, 2012.

PRADO JR, B. Georges Politzer: Sessenta anos da Crítica dos fundamentos da psicologia. In: **Filosofia da psicanálise**. São Paulo: Brasiliense, 1991.

SIMANKE, R. T. **Metapsicologia lacaniana: os anos de formação**. São Paulo: Discurso Editorial: Editora UFPR, 2002.

SILVEIRA, L. Lacan entre Politzer e Lévi-Strauss: Estratégias para pensar inconsciente e desejo sem psicologismo (2015). In: **Fenomenologia, Religião e Psicanálise**. Coleção XVI Encontro ANPOF: ANPOF, p. 380-400, 2015.

SPITZ, R. **O primeiro ano de vida**. 2a Ed - São Paulo: Martins Fontes, 1998.